

ÍNDICE

FICHA TÉCNICA

NOTAS DE ABERTURA	3
CAPÍTULO 1	
Variações, António	9
CAPÍTULO 2	
Variações, Sá de Miranda	35
CAPÍTULO 3	
Variações, Vida	83

Edição e Propriedade Agrupamento de Escolas Sá de Miranda
Direção Antonieta Silva
Coordenação Cândida Batista; Carlos Roncon; Cristina Alcoforado; Elisa Carvalho; Fernanda Carvalho; Idalina Teixeira.
Conceção e direção gráfica Luís Cristóvam
Capa Estampas parietais de diferentes povos, Museu da Escola Sá de Miranda
Tiragem 500 exemplares
Execução Gráfica Diário do Minho
Data Maio de 2019
ISSN 2183-5225
Depósito legal 441417/19

N.B.: Alguns dos artigos da Revista são escritos não obedecendo ao Novo Acordo Ortográfico por vontade expressa dos autores.

Publica-se hoje o quinto número da *Trajetórias*, revista do Agrupamento de Escolas Sá de Miranda, criada com o intuito de fomentar na comunidade educativa a reflexão e a produção de trabalhos em torno de um tema específico, diferente de ano para ano. Nela são convidados a participar alunos de todos os níveis e ciclos de ensino, professores e outros convidados da nossa comunidade educativa.

No ano letivo 2018/2019 o Agrupamento de Escolas Sá de Miranda foi o responsável por dinamizar o projeto *Os Escritores do Minho*, desenvolvido no âmbito da Rede de Bibliotecas de Braga e que envolve todas as bibliotecas escolares do concelho de Braga que integram a Rede. Por decisão do órgão pedagógico deste Agrupamento, o autor escolhido para ser trabalhado no âmbito desta iniciativa recaiu sobre António Variações. A escolha deveu-se, por um lado, ao facto de este compositor ser natural do Minho (Amares), onde viveu até aos onze anos. Mas também porque a obra que nos deixou continua a ser lembrada através das suas canções que constantemente são ouvidas nos mais diversos contextos, en-

volvendo os mais velhos e os mais novos, demonstração inquestionável da intemporalidade das suas cantigas. Variações compunha a música e os poemas que lhes davam corpo. Dotado de uma voz peculiar era considerado pessoa excêntrica nos anos 70 e 80 do século passado, época em que produziu a sua obra, mas sê-lo-ia também hoje, se ainda estivesse connosco. Teve uma vida curta, mas deixou-nos como legado uma riqueza imensa de poemas, que merecem ser recordados e explorados pelos nossos alunos. Por isso, foi natural que o tema deste ano da revista *Trajetórias* fosse **VARIAÇÕES**.

Mas **VARIAÇÕES** não se cinge unicamente ao autor/compositor. Porque em muitos contextos há variações do António, da Escola e da Vida. E é nesta multiplicidade de perspetivas que novamente corporizamos a nossa *Trajetórias*. Com textos construídos por individualidades que enriquecem esta revista. Com textos, poemas e trabalhos realizados pelas nossas crianças e pelos nossos jovens. Para todos há espaço. Porque é assim que consideramos que deve ser a revista deste Agrupamento.

NOTA DE ABERTURA

Antonieta Silva *

* Diretora do
Agrupamento de Escolas Sá de Miranda

Juntando as reflexões estruturadas de quem muito sabe, com as mais simples de quem está ainda a dar os primeiros passos na sua longa caminhada da vida.

Para todos os nossos pequenos e grandes autores uma palavra de agradecimento por terem aceitado o desafio de produzir os textos que dão dimensão a esta revista. Uma palavra de reconhecimento especial ao trabalho desenvolvido pela equipa que ano a ano tem abraçado este projeto e que disponibiliza muito do seu tempo individual para a produção da revista *Trajetórias* do Agrupamento de Escolas Sá de Miranda.

NOTA DE ABERTURA

A Equipa Coordenadora

A Equipa reuniu, ouviu, conversou, partilhou, solicitou, cooperou e concordou que o subtítulo da Revista seria - Variações.

O tema da Revista Trajetórias, deste ano, Variações, está ligado, ao projeto “Escritores do Minho”, dedicado ao inesquecível António Variações. “Escritores do Minho” é um projeto concelhio de leitura da Rede de Bibliotecas Escolares de Braga e tem como propósito promover e divulgar escritores que viveram no Minho e/ou escreveram sobre a nossa região, assim como a promoção da leitura desses mesmos autores. Este projeto assume diferentes formas, ligando-se, essencialmente, às Artes e à Literatura. A Escola Sá de Miranda foi, no ano letivo 2012/2013, responsável pela 1ª edição, dedicada ao grande Camilo Castelo Branco, figura ímpar do nosso “mundo literário”. O projeto vai na 7.ª edição, tendo sido já homenageados os escritores Camilo Castelo Branco, Virgílio Alberto Vieira, Sebastião Alba, Pedro Seromenho, Maria Ondina Braga e Maria do Céu Nogueira. Este ano letivo coube, novamente, ao Agrupamento de Escolas Sá de Miranda a organização deste projeto e

escolheu António Variações pela influência que a sua poesia consubstanciada nas letras das suas canções e composições musicais tiveram e, ainda hoje, se mantêm, no panorama cultural.

António Variações marcou uma época, transcendeu-a pela sua autenticidade, originalidade e talento. Nasceu em Fiscal, concelho de Amares, fazendo o seu próprio caminho. Era diferente, excêntrico, audacioso, e nele estava patente liberdade e talento e, inevitavelmente, a diversidade, a flutuação, a inconstância e a variedade.

Continua a mover-nos a ideia utópica e concretizável de que o nosso Agrupamento continue a ser um lugar de complexidades, diversidades, solidariedades, tolerâncias, compreensões, entendimentos, saberes, curiosidades, singularidades, pluralidades e variedades. Um lugar de formação e sustentação de cidadãos tolerantes, críticos, ativos, proativos, interativos e responsáveis de forma a poderem usufruir da sua liberdade em plena realização pessoal e cidadania.

No momento que nos cabe viver, compete a todos nós definir e impulsionar a mudança,

estabelecendo prioridades, verificar a eficácia dessas mesmas mudanças partilhando e compartilhando as políticas e estratégias que permitem determinar objetivos, distribuir recursos e fixar a posição em torno de toda a Comunidade Educativa e orientá-la até ao futuro. Dá-se, segundo Dante (1999), uma “evolução paradigmática” do séc. XX para o séc. XXI no sentido de um saber colaborativo/partilhado/interdependente/construtivista/cooperativo/integrante/tolerante/flexível e estruturado nos valores e axiomas, que leva, inevitavelmente, a mutações constantes e à criatividade, à intuição, enfim à liberdade, sendo este o verdadeiro poder do século XXI, elevando, assim, a inteligência emocional, tão camuflada aquando da hegemonia e da ilusão do puramente “científico”. Esta evolução tem consequências diretas na nossa vida profissional, teremos que ser “contagiantes” do prazer de ser/estar e fazer.

“Variações aconselhadas”

José Teixeira *

António Variações foi um personagem à frente do seu tempo. Ainda hoje, passados tantos anos, apenas apareceu um outro no panorama cultural musical que se pode comparar, Conan Osiris, mas nunca em todas as dimensões de Variações. Um outro que introduzisse tanta incredibilidade, que rebentasse, arrombasse e bombardeasse suavemente com tudo à sua volta, à custa da originalidade e da genialidade. Esse outro igual, esse outro espelho, mesmo que difuso, de António Variações, ainda não apareceu - e não será fácil aparecer - no panorama musical português.

A mudança que aconteceu foi mais do que uma mudança. Talvez o panorama musical não tivesse mudado, mas antes tivesse ocorrido um nascimento novo, um fenómeno tipo cisne negro positivo. A inovação musical, a coreografia, os figurinos, a encenação e a coragem de assumir uma diferença intolerada pelo mainstream da época, continuará a merecer estudos sociológicos aprofundados que, por sua vez, merecerão teses de doutoramento. Falamos de todas

as artes de um espetáculo, reunidas num único artista que criou todas as dimensões do seu próprio espetáculo, com escassos conhecimentos formais, mas com uma imensa liberdade que provocava a sua imaginação.

Sim. A diferença e a diversidade em camadas incontáveis do panorama vigente, do show existente, introduzido por António Variações, foi um corte da norma que ainda não foi substituído por nenhum outro artista. Variações criou um outro género musical. Inventou, a partir do que sentia, uma Bossa Nova portuguesa, na qual as massas, numa primeira impressão, ficaram chocadas e logo de seguida inebriadas. As letras são uma poesia sensorial nunca antes vista e os arranjos musicais são únicos e irrepetíveis. Mas o que é verdadeiramente extraordinário é o facto da sua limitada literacia formal não o ter limitado, o que demonstra a imensidão de sentimentos e de emoções que são produto da vida de cada um e que podem, quando libertos de preconceitos e de ancoragens presas em pensamentos desenhados e impressos por outros, ter

* Presidente da dstgroup

um poder incomparável nas vidas que podem ser construídas.

Variações não é propriamente um autodidata. É redutor fixarmo-nos no dom que teve para criar o que criou. A sua capacidade de se escutar, de se esculpir e de sentir sinestesticamente a sua própria existência e, a partir daí, criar algo único, é que é o enigma. A partir desta premissa de que existe um enigma, o que podemos valorizar e colher, a partir da sua vida e do seu exemplo, é que tudo é possível quando se quer muito e se quer tudo. Quando o homem se respeita não tem limites, os sonhos são desejos. O que temos de entender - e quem aprende, o que deve aprender - é que não há miséria nem dificuldade que trave o pensamento, que limite a liberdade.

António foi variações de si, mas foi sobretudo variações de uma sociedade fechada, a partir do microcosmo onde nasceu, na província, em Amares, ainda mais fechado.

Somos todos únicos. Somos todos diferentes. Todos temos o dever de cumprir com essa imensa oportunidade de correremos pelo que entendemos ser o caminho da nossa felicidade. É difícil. Se não for difícil ficamos aquém da missão que nos foi encarregue de cumprir quando ganhámos vida. A diversidade é o ponto de partida e não o ponto de chegada. Temos muitos caminhos à escolha para sermos o nosso pleno, para sermos inteiros. Nenhum

obstáculo, dos que encontraremos no nosso traçado escolhido, nos poderá fazer parar ou desistir de cumprirmos os nossos sonhos. Podemos corrigir e variar de sentido, podemos recuar para avançar, devemos errar para tentar de novo, devemos procurar e de tanto procurar encontraremos o que não procurávamos.

O exemplo de Variações só tem paralelo num outro herói português, Bartolomeu Dias. Quanto maior a tormenta, quanto maior o desafio, maior deve ser a coragem para o vencer. Nunca devemos olhar e depender do olhar aprovador dos outros para avançarmos. Devemos arriscar, sempre. Quando estamos conscientes das escolhas que fazemos e de que elas não conflituam com as escolhas do outro, esta é das únicas balizas, a única linha vermelha, que devemos acautelar e respeitar. Avancemos. Devemos seguir a nossa vida, devemos subir para o escorrega para gozarmos a descida (numa feliz metáfora de Afonso Cruz). Quanto mais difícil for a subida, maior será a felicidade da descida. A vida é uma pista de obstáculos, podemos parar e desistir, podemos saltar e passar por cima deles ou podemos contorná-los. Podemos seguir António Variações: “Vou continuar a procurar” e ter “A pressa de chegar / P’ra não chegar tarde”.

A inquietação com que permanentemente nos devemos interpelar é a chave da fechadura da nossa vida para só estarmos bem onde não estamos, para procurarmos

onde não procuramos, para conhecer o que não conhecemos, para ler o que não lemos e para ver o que não vimos.



VARIÇÕES, ANTÓNIO

Trabalhos de alunos do 3º ano da EB Ortigueira



René Magritte

Variações

Anabela Sousa *

Nasceu António Joaquim Rodrigues Ribeiro mas autointitulou-se António Variações, músico originário de Fiscal, Amares, homem do mundo que, apesar da sua morte com apenas 39 anos deixa legado; dezenas de outros músicos vão mantendo-o vivo.

Músico que ainda lembro na minha juventude de o ver na TV, extravagante e diferente no seu pijama de bonecos. Pela curta carreira não tem muitos títulos, o que nos permite mais facilmente percorrer as letras que ele próprio escrevia e desde a ternura do filho de *“Deolinda de Jesus”*, a simplicidade de nos confessar o seu *“Anjo da Guarda”* a sua versão do amor em: *“Amor é Conserva”* ou *“Tu Aqui”* ou o tema mais célebre *“Canção do Engate”*.

Em cada canção Variações dá-nos conta das suas ideias, hesitações, apelos, alguém que pela criatividade de ser diferente vagueia pela vida retirando dela energia, vontade.

Há um devir filosófico humano em Variações que poderá ter estado na origem de ter “agarrado” um público que pelo rock-pop procurava aquilo que

* Professora na ESM

muitos querem na arte, a expressão de sentimentos.

Diz ele em *“Já não sou quem era”*: *“Já não sou quem era, meus sonhos não são iguais(...) A hora é sincera, e eu sinto que me estou a agitar”*, e quem sou? Em *“Erva daninha”* utiliza muitas metáforas donde sai algo tão familiar à filosofia: *“A interpretação é o que quiserem dar...”*. Quantos dos que o ouviam, encontraram afinidades nas letras das canções como *“Estou além”* que enfatizado por antíteses, afirmava: *“Esta insatisfação, não consigo compreender, tenho pressa de sair, quero sentir ao chegar, (...) Estou bem aonde eu não estou, Porque eu só quero ir, Aonde eu não vou, Porque eu só estou bem, Aonde eu não estou”*.

A sua perspetiva da vida de uma proveniência tão humilde, de uma aldeia, um de onze irmãos, a começar por trabalhar no campo e depois com onze anos diz a biografia, “o primeiro emprego” de muitos que se seguiram e que ficará conhecido como o cantor barbeiro, daria o seu “Sal da Terra” para que daí brotassem as suas composições.

Mas, nas suas músicas há otimismo, ou se quisermos há nele energia quicá nietzschiana que quer revelar, expressa em *“Quero viver”*, deste modo: *“...e a vida é sempre uma curiosidade que me desperta com a idade, Interessa-me o que está para vir, a vida em mim é sempre uma certeza que nasce da minha riqueza do meu prazer em descobrir, encontrar, renovar, vou fugir ou repetir”*. Enquanto a

doença não o traiu, este “Sísifo” resistiu. Também era ele que dizia: *“Muda de Vida”*. Esta também se celebrizou dizendo: *“Olha que a vida não, não é nem deve ser, Como um castigo que terás de viver, Muda de vida se tu não vives satisfeito, muda de vida, estás sempre a tempo de mudar, Muda de vida, não deves viver contrafeito, Muda de vida se a vida em ti latejar”*.

Por este deambular julgo poder dizer que já se exprime o homem no seu filosofar, e acresce o Variações (e não mutante, não será por acaso), nome, reflexão daquilo que era e sentia? O que se afirmava ou latejava neste António? Não o saberemos nós? Não seremos todos Variações? O pseudónimo artístico de António não é afinal o sobrenome de todos por natureza?

Lá diz outro músico *“todo mundo é composto de mudança”* e tão contínua e angustiante é, que outro ainda dirá: *“Hoje é primeiro dia do resto da tua vida”*.

Todos o sabemos que foi Sócrates lá atrás que substituiu o mito de Delfos pela verdadeira sabedoria do sujeito que se descobre a si próprio. O passo seguinte na filosofia: e o que somos? Que somos nós enquanto sujeitos? Sujeitos de uma subjetividade ou de uma subjetivação? Um ser pensante de Descartes ou um “ser-ai da existência” (dasein de Heidegger?) Sujeitos de uma identidade que se agita na vida para voltar a si na realização e compleição? Ou subjetivação como narrativa, paradigma compartilhado, possibilidade da consciência de ter- de-

ser, de Sartre ou Gides, ou nenhum dos dois modelos mas outros para além disso, como um materialismo de Lukács que foge ao idealismo burguês da ideia de eu, como uma forma de alienação da evolução da praxis social na história, sujeito de Foucault, de Espinosa ou Deleuze?

Na era em que a máquina desenvolveu em nós o músculo, desenvolveu os sentidos e agora o cérebro e para alguns a objetivação da emoção, a questão de Delfos mantém-se: Quem somos? Porque é que a vida se agita em mim? Algum propósito para o Eu?

A minha filosofia escolar começou numa antropologia filosófica de Edgar Morin para mostrar no significado do que é o humano, o quanto foi exponencial a libertação do polegar para a libertação do cérebro; a mão utensílio descobre e fabrica outros utensílios que vão pela aprendizagem complexificando o cérebro humano e assim nos vamos afastando do irmão macaco neste processo filogenético. Agora, recentemente pesquisando encontro um artigo, que atualiza a ideia do humano. Em *“O corpo virtual”*, o autor, E. Stein defende que o corpo humano não acompanha o movimento veloz a que o mundo atual desenvolve novos espaços de referencialidade; se antes estávamos, o nosso corpo como referência era afetado por fatores geográficos, históricos, climáticos, hoje, pela tecnologias, nomeadamente as de informação o corpo é obrigado a entrar

num mundo sofisticado de signos e de interpretação de significantes: “*Como diria um autor americano: Somos indivíduos que ocupam um lugar nenhum*” Nós podemos estar em todos os lugares e contudo, estamos em lugar nenhum. Nesta relação com a máquina, consideram-se três níveis que uns consideram de progresso e outros de retrocesso: a nível muscular, motor, a máquina amplificou o esforço humano, poupando mais o corpo, a máquina consegue mais do que o humano alguma vez imaginaria conseguir; a nível sensório, a máquina deu extensão aos nossos sentidos, nomeadamente ao olho e ao ouvido mas também aos outros; e finalmente a nível cerebral a máquina que assim faz e recebe os *inputs* vai crescendo no conhecimento, na sofisticação dos signos e ao mesmo tempo na ligação da realidade com as novas possibilidades que ela em rede constrói, ao ponto de entrarmos e sermos transportados para uma realidade virtual. Põe a questão: estará em surgimento um novo tipo de humanidade? (pag.14) E porque a contemporaneidade vive intensamente essa relação com a máquina e o virtual dou ainda margem a Michel Serres, para a este tema acrescentar: “*As novas tecnologias transformam não só as supracitadas faculdades cognitivas, memória e imaginação, antigamente subjetivas e hoje objetivadas, (...) mas também as zonas secretas da emotividade íntima nas próprias fontes do estilo pessoal, em suma, as profundezas decisivamente humanas da psique, entendendo eu por estas palavras os lugares anteriormente*

descritos onde a vida elementar se torna em nós palavra e estilo, discurso incoativo que, em contrapartida, liga a vida e a transforma em destino. Assim partilhado, o emotivo associa-se ao cognitivo para mudar o humano.” (pág.56)

As dimensões e espaços onde hoje se agita o humano evoluíram, mudaram, como muda tudo, tudo muda no humano, continuando este a ser humano.

Contudo, para compreendermos o humano é preciso ir ao sujeito, àquele que somos, aquele que a partir de Sócrates buscamos, aquele que António Variações procurou. Como diz Delruelle (2009) na introdução de *Metamorfoses do Sujeito*, acusa-se constantemente a filosofia de não ser concreta quando na verdade “fala da vida” e é “uma certa maneira de estar no mundo” (pag.11). Ser sujeito é principalmente ter consciência de si. A vida é a partir dos dados naturais lançados, as situações vividas, os desafios que se colocam, crenças e emoções que se misturam, a própria filosofia de cada um. E como a tomámos, como nos situámos nela, como assumimos a vontade, como desafiámos a linha da morte, como nos separamos das leis naturais do desenvolvimento do mundo, nisso tudo considerando sermos ou não sermos livres das verdadeiras escolhas vamos tendo pelo menos como diz Sartre momentos de reflexão de consciência de si ou mais substancialmente, vamos fazendo a nossa construção. Segundo Serres (2008) o próprio Darwin soube que o homem se

afasta da evolução: “*Separo-me das leis da vida, portanto desespero e estremeço de alegria. Abandono as leis da vida, portanto, livre, ajo e escolho. Afasto-me das leis da vida, portanto penso e conheço*” (pag.171) Este diferencial do sujeito em se afastar dessa evolução conta segundo Foucault com as nossas forças criativas em fazer no nosso quotidiano “*os pontos de transformação e de metamorfose possíveis, as zonas-limite onde o sujeito não é, mas torna-se.*” (Delruelle, 2009, pag.347).

Nas variações da vida não se dá a mutação da identidade e por isso a dúvida é apenas: Há um ponto fixo, eu, anterior, a partir do qual a subjetividade se vai revelando ao longo da vida como fio condutor e onde todas as variações agitam para daí resultar uma identidade? Ou da subjetivação anterior, uma não consciência de si que se vai despertando e construindo como abertura de uma condenação a ser livre se abrisse a possibilidade de uma consciência subjetiva? Coloca-se aqui a questão entre um humanismo cristão e um existencialismo ateu. Em qualquer um deles, as situações, o mal, a heteronomia, as zonas-limite são as variações, antíteses ou tormentas necessárias a este processo do *ethos filosófico* de cada um. As variações que cada um encontra e vive, concretizam e definem o eu ou o de si de cada indivíduo particular, e também a construção histórica do humano (coletivo). À consciência filosófica não são desprezíveis, pois são aí que a vida “se joga”.

Daí se lê para alguns, em sentido póstumo

ou existencial, um otimismo filosófico ou um pessimismo filosófico. Podemos citar um St. Agostinho ou um Sartre como exemplos bem diferentes de exprimir a construção pessoal como uma superação onde a morte não leva a melhor, pela fé ou resiliência do homem. No caso do pessimismo filosófico Schopenhauer, que não obstante os setenta e dois anos que viveu - e muitos dos quais segundo se diz, com uma pistola debaixo do travesseiro - acreditava no amor sendo que este, no entanto, não nos conduz necessariamente à felicidade. Seja como for, com mais realidade ou aparência, são os tons dos afetos que se revelam nas variações do humano. De Locke à Fenomenologia o ser existencial mostra a sua revelação e afirmação no devir e por conseguinte nas variações particulares considerando-se até que *“el ser humano tiene su centro originário precisamente fuera de sí”* (Romano, 2006, pág. 154) onde a experiência do amor e da sabedoria são pontos altos de cada um sair de si.

E aqui, indo por outro caminho, um pouco no deslindar do que é o tédio para a existência humana, Heidegger sobre o ser-aí existencial considera a Ontologia como *daseynahyse*, experiência terapêutica para quem sente o tédio, não o total, de desistência, de puro vazio, mas aquele onde *“a temporalidade espraiada do instante perdido e silenciado, preso agora tediosamente indefinido, é a mais própria ou autêntica expressão do insistir existente em que o humano exerce ontologicamente o seu viver...”* (Borges-Duarte, 2006, 301-302). Ou seja, há no tédio da insatisfação – a que Variações se

referia – , um apelo positivo enquanto o ser insiste para se perpetuar, há uma falta do ser provisória, o que leva a dar-nos a impressão de nas variações encontrarmos o que estagna e o que se apela como continuação para viver, um conflito talvez, onde saindo de si vai traçando em todos os momentos a determinação do ser aí.

Finalmente, é na dimensão estética que transfiguramos tudo isso da identidade e variações. Nas artes a criatividade amplifica e retorna as vivências do que é humano. Alguns exemplos: Serres cita a literatura como oportunidade de se mostrar o eu pela narrativa e não pela definição (2008, pags 51-58). Agamber cita o teatro e Epicteto no processo de afirmação da identidade de cada pessoa: *““Lembra-te”, escreve Epicteto, que és como ator no papel que o autor dramático quis atribuir-lhe; breve, se breve, longo, se longo. Se ele quer que representes um papel de mendigo, representa-o convenientemente. E faz o mesmo para o papel de estrofiado, de magistrado, de simples partícula. Escolher o papel não te compete: mas representar bem a pessoa que te foi atribuída, isso depende de ti”*. E todavia, o ator (como o sábio que o toma com o paradigma) não deve identificar-se até ao fundo com o seu papel, confundir-se com o seu personagem. *“Em breve virá o dia”* avisa ainda Epicteto, *“em que os atores acreditarão que a sua máscara e os seus trajes são eles mesmos”* (pág. 63). Schopenhauer encontrou na música a alívio para a dor e sofrimento da vida e foi também na música que António Variações encontrou o seu lugar de comunicação.

Agamben, Giorgio, *Nudez*, 2010, Lisboa, Relógio d'Água.

Birck, Bruno O., Pivatto, Pergentino (Org.), *Filosofia na atualidade*, “O Corpo Virtual” pags9-24, 2008,

Porto Alegre, Ed. PUCRS.

Borges-Duarte, Irene e outros, coord. Cantista, Mª José, “O tédio como experiência ontológica” in *Subjetividade e Racionalidade*, 2006, Porto, Campo das Letras, pág.297-323.

Delruelle, Edouard, *Metamorfoses do Sujeito, A ética filosófica de Sócrates a Foucault*, 2009, Lisboa, Instituto Piaget.

Serres, Michel, *A Grande Narrativa do Humanismo*, 2008, Lisboa, Instituto Piaget.

Romano, Claude e outros, coord. de Cantista, Mª José, *Perspetivar o Sujeito e a racionalidade – uma leitura pós-husserliana*, 2006, Porto, Campo das Letras.



Mapa da "Coleção de Mapas da ESM"

António Variações

António Joaquim Rodrigues Ribeiro, conhecido por António Variações era filho de camponeses minhotos, Deolinda de Jesus e Jaime Ribeiro. Nasceu a 3 de dezembro de 1944 no lugar de Pilar, freguesia de Fiscal no concelho de Amares. Foi cantor e compositor Português no início dos anos 80. Faleceu a 13 de junho de 1984 aos 39 anos.



Antônio

Nasceu em Amares

Tonito era o nome que a mãe lhe chamava

O pai, que tocava cavaquinho, foi a sua primeira inspiração

Não passava despercebido com o seu visual excêntrico

Iniciou o seu percurso musical em 1980

O corpo é que paga foi um dos seus maiores êxitos

Viajou pelo mundo

Aventurou-se por Londres e Amesterdão

Rumou a Lisboa

Iniciando a sua profissão de barbeiro

Anjo da guarda foi o seu primeiro LP

Com broncopneumonia faleceu

O corpo a Fiscal regressou

Enunca será esquecido

Sempre Variações

A variedade de opiniões sobre António Variações



Gostei das músicas e de fazer o retrato.

Achei as músicas e as roupas engraçadas.

Gostei de desenhar a boina.

Gostei da imagem dele.

Gostei do estilo dele, principalmente dos brincos.

Tinha jeito para cantar.

Tive dificuldade em desenhar o cachecol.

A barba tinha duas cores.

Gostei de desenhar os pormenores.

Parecia que as tesouras eram uns óculos.

Não sei como as tesouras não caem.

Pedi aos meus pais e estivemos a ouvir as músicas lá em casa e gostei.

Eu tenho um anjinho da guarda como António Variações.

Gostei de saber que dedicou uma canção à sua mãe.

É uma pessoa estranha, mas gostei de conhecer este artista e de ouvir as suas músicas.

“Quando a cabeça não tem juízo...” ...os retratos ficam assim.



“Variações” no vestuário

Lançaram-nos um desafio,
Um desafio complicado
Falarmos de “Variações”
Escolhemos o vestuário
Que ao longo do tempo foi usado.

Pesquisamos na Internet
E vimos roupas divertidas
Egípcias, gregas, chinesas
Francesas e portuguesas
Todas elas bem vestidas.

Chegamos aos dias de hoje
As roupas são bem diferentes!
“Variações” com muito “estilo”
Ao gosto de cada um,
Para dias frios ou dias quentes!

Terminamos o trabalho
Ficando a conhecer melhor
António Joaquim Rodrigues Ribeiro
Variações, um excelente cantor!

Turma do 2º ano (turma D2) da EB de Dume



Visionário da vida, dos sonhos, dos sentimentos, das emoções... da diferença e das canções

Arrojado na ação, de quem teme o seu coração e pode perder a razão

Rebelde de pensamento... poeta, cantador de ilusões

Inconformado com as certezas inabaláveis e desafiantes da vida

Aventureiro e livre... livre de tudo e de todos, preso e desprendido de si, menos da fé

Criativo na arte de escrever...na arte de musicar... na de viver

Observador em constante solidão, de si para o mundo e do mundo para si

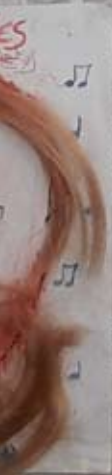
Eclético longe do preconceito...perto da loucura

Sensível à paixão...também ao amor; ao mais nobre do amor de quem ama e aceita, de quem ama e protege, de quem ama e não julga, mesmo julgando e calando ...grito de amor que faz jus à sua “Deolinda de Jesus”

Variações nas famílias

Foi com um desafio criativo lançado às famílias das crianças de BCR1-Pré escolar, da EB/JI Bracara Augusta que se construiu em contexto de sala, com as ideias de todos, pequenos e graúdos, esta pequena homenagem ao artista/poeta/músico....ANTÓNIO VARIAÇÕES.





AN
VAR



NIO
DES

Variações

Jaime A. *

Um despertar da manhã

As fronteiras esparsas,
os vincos estreitos.
A tristeza submersa
em olhos de carregados;
o embrulhar-se em si próprio,
os pulsos algemando os joelhos.
A mente estacada, distante,
cosida aos olhos cegos
num finíssimo adaggio.

*(Diz-me que desprezo é esse
que não olhas pra quem quer que seja)*

Um subtil despertar,
lento, suave
mas em progressão aritmética;
a mente desatando-se,
os joelhos libertando-se,
a tristeza transmutando-se
em sorriso largo.
Os pulsos berram de gozo!
A língua destrava-se em mil librettos!
O desejado *allegro vivace!*...
Os bolsos alegremente ocos...
*(ou pensas que não existes
ninguém que te veja...)*

O amanhã fugiu serra acima;
este nanossegundo é,
e nada mais.
Há que trepar vida fora
para que a queda seja ainda mais fragorosa,

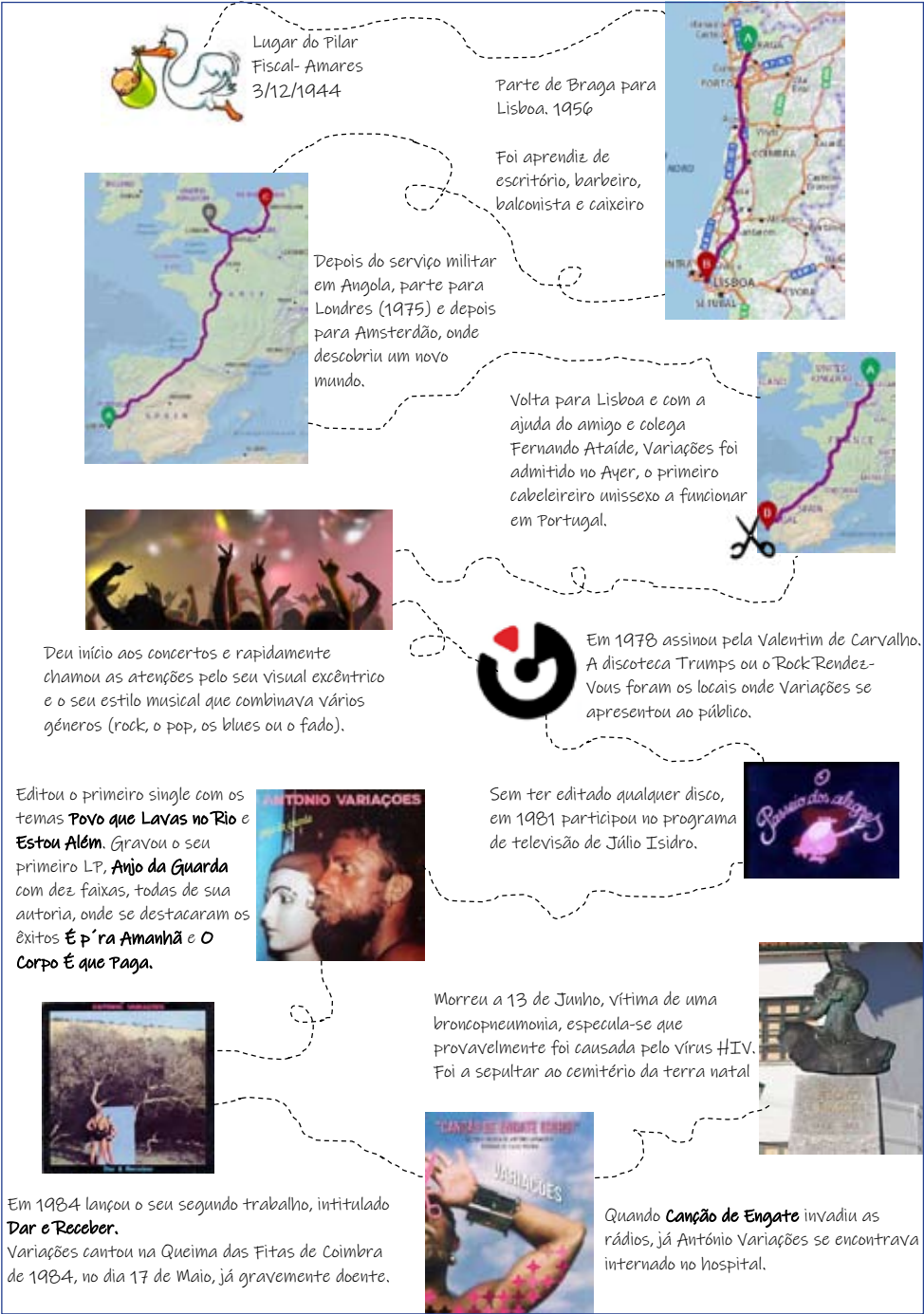
de borco para o nada,
para as lágrimas,
desejosas de lavar memórias.
Por que queres ser
“Requiem” e “Concerto em Ré Maior”?
Porquê a sumptuosidade,
porquê a soberba magnificente do génio?

*(Que viagem é essa
Que te diriges em todos os sentidos
Andas em busca dos sonhos perdidos)*

Sofrer sempre,
ser ditoso
numa leve pausa
entre dós...
Entre si nem sonhos há,
Numa viagem,
cujos tripulantes,
até o cais
esqueceram.

(em itálico, fragmentos de António Variações)

* Professor QZP7



 Lugar do Pilar Fiscal- Amares 3/12/1944

Parte de Braga para Lisboa. 1956

Foi aprendiz de escritório, barbeiro, balconista e caixeiro

Depois do serviço militar em Angola, parte para Londres (1975) e depois para Amsterdão, onde descobriu um novo mundo.

Volta para Lisboa e com a ajuda do amigo e colega Fernando Ataíde, Variações foi admitido no Ayer, o primeiro cabeleireiro unissexo a funcionar em Portugal.

Em 1978 assinou pela Valentim de Carvalho. A discoteca Trumps ou o Rock Rendez-Vous foram os locais onde Variações se apresentou ao público.

Sem ter editado qualquer disco, em 1981 participou no programa de televisão de Júlio Isidro.

Morreu a 13 de Junho, vítima de uma broncopneumonia, especula-se que provavelmente foi causada pelo vírus HIV. Foi a sepultar ao cemitério da terra natal

Quando **Canção de Engate** invadiu as rádios, já António Variações se encontrava internado no hospital.

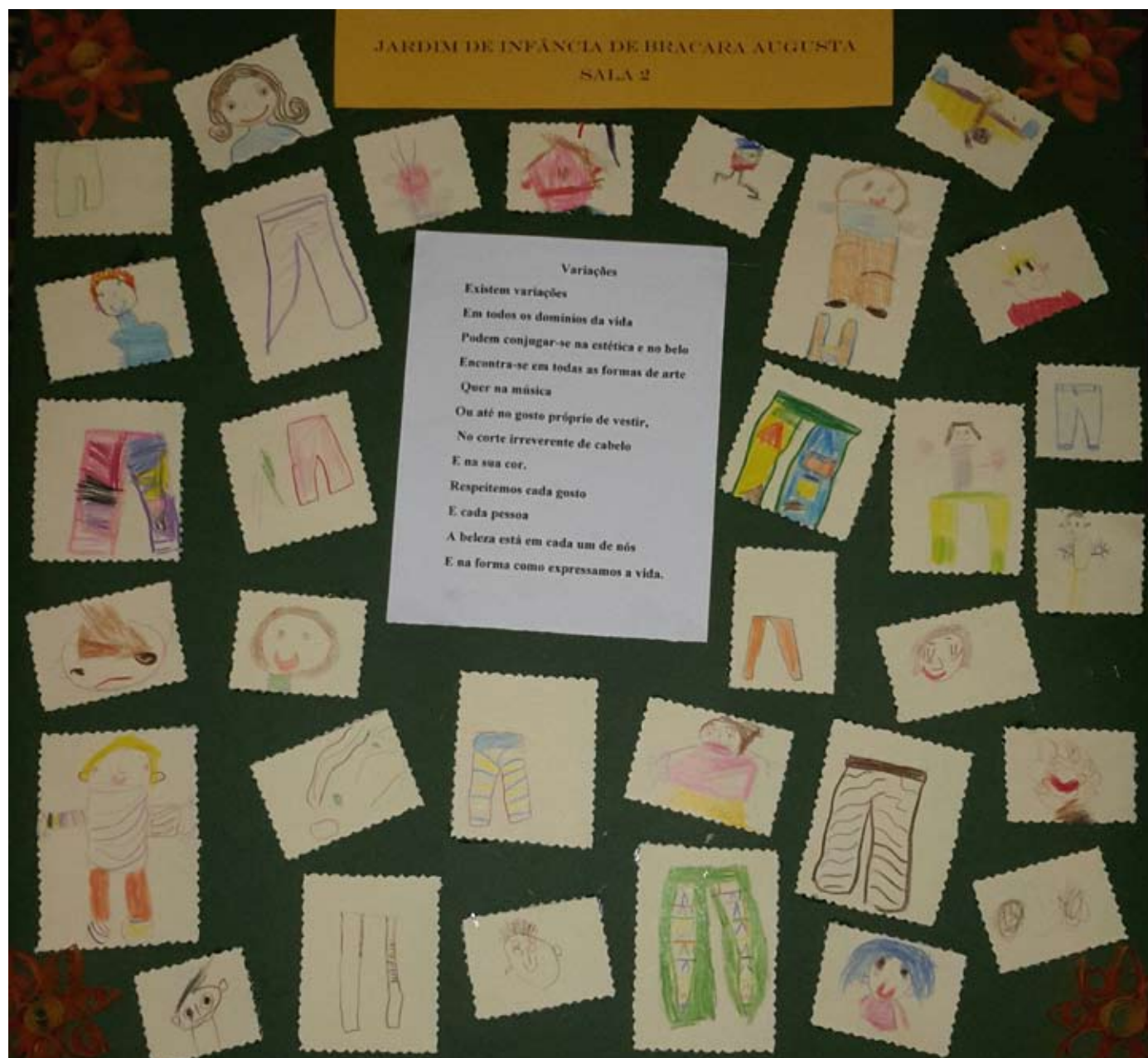
Deu início aos concertos e rapidamente chamou as atenções pelo seu visual excêntrico e o seu estilo musical que combinava vários géneros (rock, o pop, os blues ou o fado).

Editou o primeiro single com os temas **Povo que Lavas no Rio e Estou Além**. Gravou o seu primeiro LP, **Anjo da Guarda** com dez faixas, todas de sua autoria, onde se destacaram os êxitos **É p'ra Amanhã** e **O Corpo É que Paga**.

Em 1984 lançou o seu segundo trabalho, intitulado **Dar e Receber**. Variações cantou na Queima das Fitas de Coimbra de 1984, no dia 17 de Maio, já gravemente doente.

* Encarregado de Educação do aluno Guilherme Araújo do 2º ano da EB1 Bracara Augusta.





EB1 de Pousada

A vida de António Variações

Neste texto vamos contar um pouco da vida de António Variações. Sabem qual era o seu nome verdadeiro? Ele chamava-se António Joaquim Rodrigues Ribeiro e escolheu como nome artístico António Variações.

Nasceu no lugar de Pilar, uma pequena aldeia da freguesia de Fiscal, no concelho de Amares, distrito de Braga. Na sua infância, estudava e trabalhava na agricultura para ajudar os pais. Desde muito cedo revelou paixão pela música portuguesa.

Aos doze anos partiu para Lisboa, onde teve vários empregos, como balconista e barbeiro, profissão a que se dedicou, tendo inclusivamente trabalhado no primeiro salão de cabeleireiro unissexo do país.

Entretanto começou a fazer espetáculos musicais, atraindo rapidamente as atenções, devido ao seu visual excêntrico, à sua voz característica e ao seu estilo musical, que combinava o "rock", o "pop", os "blues" e o "fado". Rapidamente ganhou sucesso, dando muitos espetáculos, aparecendo várias vezes na televisão.

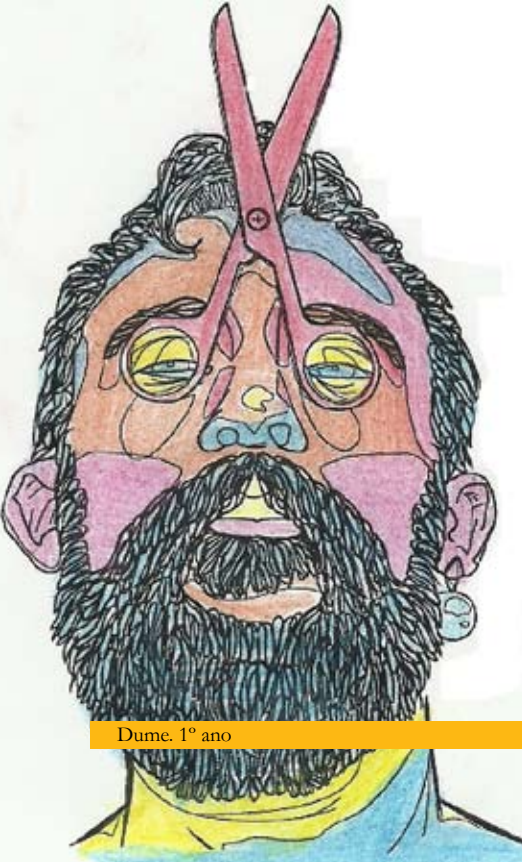
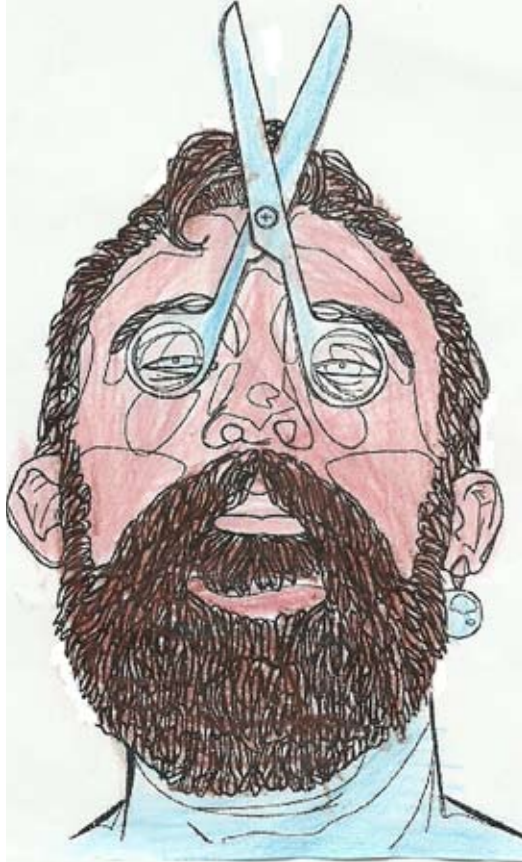
De seguida lançou dois álbuns intitulados "Anjo da Guarda" e "Dar e receber". Estes álbuns tiveram bastante aceitação do público, contendo músicas muito conhecidas como "É P'rá manhã", "O corpo é que paga" e "Canção do engate", músicas que tiveram muito sucesso, ficando "imortalizadas" até aos nossos dias.

Infelizmente, António Variações ficou muito doente a seguir ao lançamento do segundo álbum, quando este estava a ter muito sucesso, vindo a falecer pouco tempo depois.

Apesar de ter falecido há mais de trinta anos, as suas músicas ainda são conhecidas e cantadas por muitos artistas musicais, o que vem provar a genialidade e originalidade de António Variações.

EB1 de Pousada, turma do 3º ano.







António Variações nasceu no concelho de Amares a 3 de dezembro de 1944. Foi o quinto filho de Deolinda de Jesus.

Fez os seus estudos na escola local e ia ajudando os pais no campo. Mas a paixão pela música que demonstra deste muito novo leva-o a esquecer os trabalhos da lavoura em favor das romarias e músicas populares.

Quando fez 11 anos, acabou a escola primária e experimentou o primeiro ofício em Caldelas. Mal completa 12 anos abandona a sua terra e vai para Lisboa, onde acabará por trabalhar num escritório. Mas logo volta a partir com destino a Londres.

António Variações fez um grande percurso, mas quando era vivo poucos o aceitaram como era, por ser demasiado excêntrico para a época.

A sua vida de excessos levou-o a contrair uma doença que o levou à morte em 13 de Junho de 1984.

Matilde Afonso Rodrigues



A minha música favorita é o “Estou Além”

Nunca o ouvi ao vivo, num concerto.

Também gosto muito do “Muda de vida”

Objetivo: ser feliz...

Não admirá-lo?!

Impossível!

O seu estilo, a sua barba...

Vencedor o nosso barbeiro/músico!

Apesar de doente ainda grava ”Dar e receber”

Relembra as suas origens,

Interessante... diferente...

Adeus ao mundo -1984.

Com amor criou Arte: cortes de cabelo, poesia, música...

“**O** corpo é que paga”

Esta canção...

Sem dúvida reflete-se na sua vida!

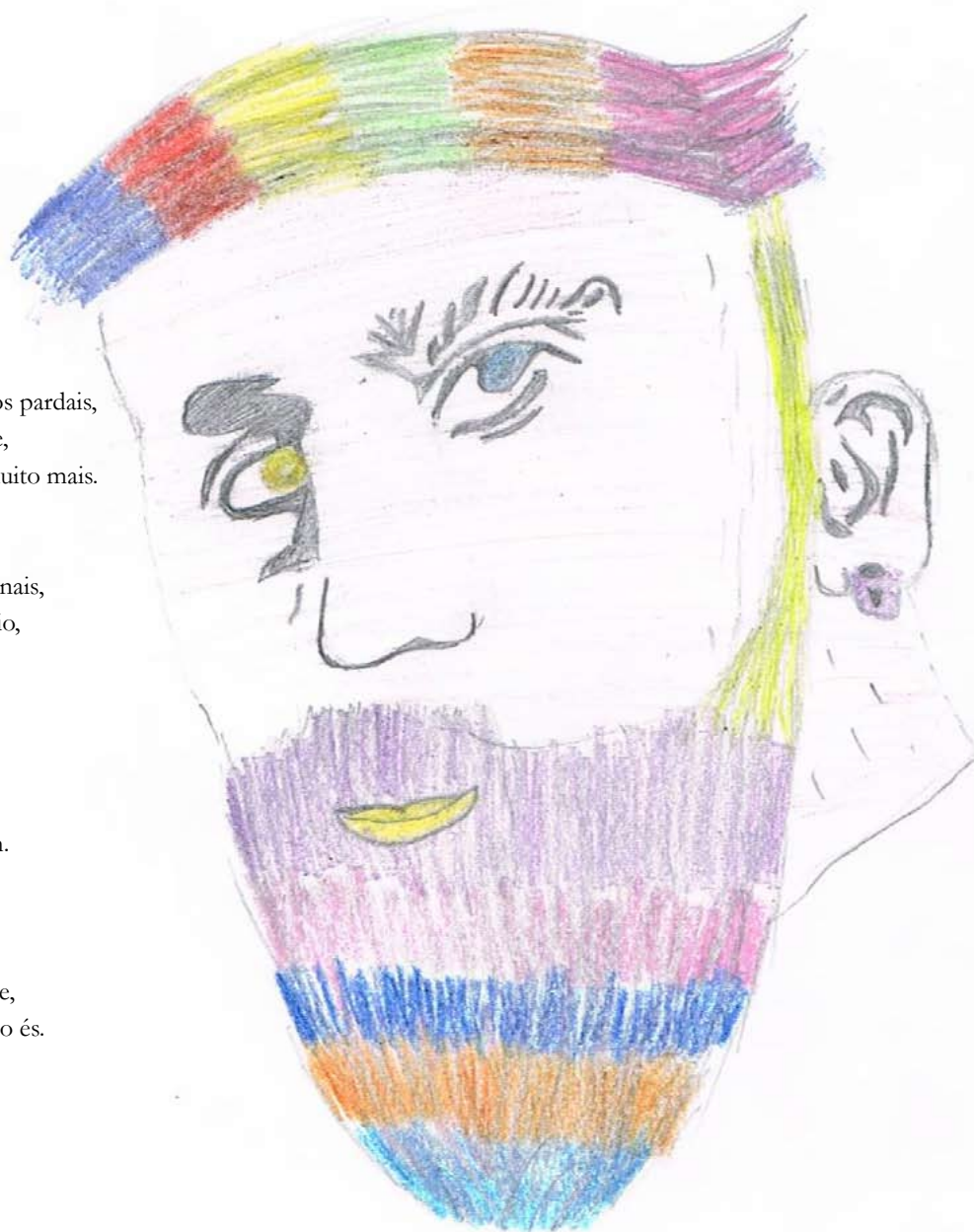
Miguel João Martins Marques Soares Rodrigues

No rio Homem em criança te banhaste,
Conhecias de cor o som dos trovões e dos pardais,
De artista anónimo em vedeta te tornaste,
De um simples barbeiro a um cantor e muito mais.

Excêntrico artista visionário,
Falaste de amor, do ciúme, e de coisas banais,
Tinhas na tua terra o teu próprio santuário,
Poeta das dúvidas existenciais.

Mal compreendido foste na tua vida,
De génio louco te caracterizaram,
Tão efêmera foi a tua partida,
Inspiração deixaste aos que te admiravam.

Da fama não te livraste bem de verdade,
Tiveste um país inteiro a teus pés,
És recordado como poeta da simplicidade,
Variações te tornaste, Variações recordado és.



Sistema periódico

1º período: 2 →

H
1

2º período: 8 →

3º período: 8 →

O	I	II	III	IV	
He	Li	Ba	B	C	
2	3	4	5	6	
Ne	Na	Mg	Al	Si	
10	11	12	13	14	

VARIAÇÕES, SÁ DE MIRANDA

4º período: 18 →

5º período: 18 →

6º período: 32 →

7º período →
previsto de 32

a terminar com

um gás inerte de n.º atômico 118

⊛ Metais das terras raras →

◊ Metais do grupo do urânio →

O	Ia	IIa	IIIa	IVa	Va	VIa	VIIa	VIII		
A	K	Ca	Sc	Ti	V	Cr	Mn	Fe	Co	Ni
18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28
Kr	Rb	Sr	Y	Zr	Nb	Mo	Tc	Ru	Rh	Pd
36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46
Xe	Cs	Ba	La	⊛	Hf	Ta	W	Re	Os	Ir
54	55	56	57	72	73	74	75	76	77	78
Rn	Fr	Ra	Ac	◊	Th	Pa	U	Np	Pu	Am
86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96

Ce	Pr	Nd	Pm	Sm	Eu	Gd
58	59	60	61	62	63	64
Th	Pa	U	Np	Pu	Am	Cm
90	91	92	93	94	95	96



O Professor Carlos Fiolhais no Museu da Escola Sá de Miranda aquando da realização do Encontro “Preservar a memória (i)material da escola”

Variações vs espólio do Museu da Escola Sá de Miranda

Joana Lopes*

*«[...] A vida é sempre uma curiosidade
Que me desperta com idade
Interessa-me o que está para vir
A vida, em mim é sempre uma certeza
Que nasce da minha riqueza
Do meu prazer em descobrir*

Encontrar, renovar vou fugir ou repetir

*Vou viver
Até quando eu não sei
Que me importa o que serei
Quero é viver
Amanhã, espero sempre um amanhã
E acredito que será mais um prazer [...]»*

Quero é Viver, António Variações

* Professora da ESM

Como Variações nos refere, a nossa vida é vivida com curiosidade, com a grande vontade de se aprender, de novas descobertas, de se reaprender, de se crescer, de se almejar chegar mais além, de com isso conseguirmos renovar a nossa forma de ser, o modo de pensar, a nossa forma de agir, de se autocriticar, de congregar o que fazemos de bem e que devemos repetir, com aquilo que acabamos de assimilar ou descobrir. Enquanto docentes, cabe-nos a nós, em conjunto com os pais, permitir que os nossos alunos, usufruam de uma Escola que lhes permita criar e consolidar as bases para que a sua vida, no presente e no futuro, seja a cada dia melhor. Se formos capazes de seguir os ideais do poeta, quer na nossa Vida, quer na nossa Escola, será sempre um prazer, o amanhã. Pois bem, também, no Museu, há um Mundo a descobrir e a redescobrir, onde todos podemos conhecer ou recordar objetos que foram usados ao longo de 182 anos. Onde a nossa memória se perpetua no tempo até à nossa infância ou até às recordações das histórias que ouvimos

contadas pelos nossos pais, tios ou avós. E ali, sentimos que cada peça tem a sua história. Que outrora, já foi o centro de todas as atenções, de outros alunos e professores e, que ainda hoje, meninos e graúdos se entusiasmam quando as veem. Que há docentes, de hoje, que as usam para as suas aulas, muitas vezes até, de outras áreas disciplinares.

Espero que seja para si, um prazer o descobrir/redescobrir dos 6 objetos que, selecionei:

N.º de Inventário	ME/402849/343	Foto(s)
Descrição	- Espécime taxidermizado, utilizado como material didático no ensino das Ciências Naturais, para estudo de características morfológicas. Este exemplar encontra-se colocado sobre uma base de madeira retangular. Trata-se de um morcego. Os morcegos são os únicos animais mamíferos capazes de voar, uma vez que são providos de uma membrana alar, aerodinâmica, em forma de asa que lhes confere a capacidade de voo. Existem cerca de mil espécies, que possuem uma enorme variedade de formas e tamanhos. Nos morcegos os ossos das mãos alongaram-se para suportar uma prega de pele que envolve todas as peças dos membros, à exceção dos polegares anteriores e dos pés que são livres. Tal configuração lembra um guarda-chuva em que as peças ósseas são as suas varetas. Caracterizam-se pela sua enorme capacidade de adaptação a qualquer ambiente e ampla variedade de hábitos alimentares. Contribuem substancialmente para o equilíbrio dos ecossistemas, pois atuam como polinizadores, dispersores de sementes e controladores das populações de insetos. Possuem o grande sentido de ecolocalização ou biossonar ou ainda orientação por ecos, que utilizam para voar por entre obstáculos, que evitam, ou para caçar as suas presas, visto emitirem ultrassons cujos ecos são captados pelos seus apuradíssimos ouvidos. Este exemplar apresenta: membrana caudal; cauda; 2 pernas; dedos dos pés; 2 joelhos voltados para trás por causa da rotação das pernas para fora; 2 cotovelos; 8 braços; olhos muito pequenos; 2 orelhas pontiagudas; fossa nasal em forma de ferradura; 10 dedos - 5 de cada lado unidos, formando o patágio, pelagem amarelada-acastanhada na zona do peito. Os morcegos têm hábitos noturnos, passando o dia deprimidos a qualquer coisa, pelas garras dos pés e, envoltos nas membranas. Esta espécie - morcego-de-ferradura-grande - hiberna entre setembro e abril, procurando locais abrigados do frio, húmidos e escuros. Têm grande envergadura de membrana alar, pelo que o seu voo é lento e rasante. Alimentam-se, essencialmente, de insetos voadores, dando preferência a borboletas. Deverá ser um dos 4 morcegos referenciados na “Relação dos utensílios vindos do Seminário Conciliar para o Liceu de Sá de Miranda” como “4 animais mamíferos (3 morcegos e 1 toupeira)”, em 27 de fevereiro de 1913. Consta também do inventário sem data “Ciências Naturais” com o n.º 3 e do inventário de 1920, do espólio do Liceu, que foi enviado como resposta, à Circular remetida pela Direção Geral do Ensino Secundário aos reitores de todos os Liceus. Classificação científica - Reino: Animalia; Filo: Chordata; Classe: Mammalia; Infraclasse: Placentalia; Ordem: Chiroptera; Família: Rhinolophidae; Género: <i>Rhinolophus</i>; Espécie: <i>Rhinolophus ferrumequinum</i>;	

N.º de Inventário	ME/402849/343	Foto(s)
Designação	- Nome Vulgar: Morcego-de-ferradura-grande;	
Classificação	- Área Disciplinar\Biologia\Zoologia; - Tipologia\Fauna\Mamíferos;	
Técnica	- Conservação\Taxidermizado;	
Medida (espécime)	- 8,5 cm de Altura; - 14,5 cm de Comprimento; - 15,5 cm de Envergadura;	
Material	- Animal; - Madeira; - Metal;	
Entidade	ME/Escola Secundária de Sá de Miranda	
Estado de Conservação	Bom estado de Conservação	

N.º de Inventário	ME/402849/345	Foto(s)
Descrição	- Conjunto de 10 estampas parietais utilizado nas aulas de Geografia para estudos geográficos, antropológicos e etnográficos. Não está exposta a coleção completa, existente na Escola. Essa coleção é constituída por 24 estampas. Consta da folha 32 do inventário de 1910, do “Lyceu Nacional Central de Braga”, com a designação de “Três colecções de estampas parietaes para o estudo da geografia, antropologia e etnografia: 1.º Javarnêsa; Esquimó; Australiano; Massai; Melanezis; Weda; Dakota; Granderrusso; 2.º Karén; Batta; Negro; Micronesio; Kirgmis; Samoieda; Salomoniano; Tson; 3.º Egipcio; Chinêsa; Senoi; Caraiba; Polinesio; Bochimán; Tamil; Semang” – transcrito conforme o inventário. É, no entanto, apenas uma única coleção, uma vez que é sequencial. Os 10 exemplares expostos no Museu são os n.ºs: 22; 20; rasgado no local do n.º; 6; 4; 3; 17; 23; 9 e 19.	
Designação	- Estampas parietais de diferentes povos;	
Classificação	- Área Disciplinar\Geografia; - Área Disciplinar\Antropologia; - Área Disciplinar\Etnografia; - Tipologia\Meio audiovisual\Estampa	
Origem	- Suíça; Zurique;	
Produção	- Druck & Verlag: Art. Institut Orell Füssli; Suíça, Zurique; Fabricante;	
Medida (1 estampa)	- 91 cm de Altura; - 65 cm de Largura:	
Material	- Papel; - Madeira; - Plástico;	
Entidade	ME/Escola Secundária de Sá de Miranda	
Estado de Conservação	Razoável estado de Conservação	

N.º de Inventário	ME/402849/345	Foto(s)
Descrição	- Esfera armilar utilizada com fins pedagógicos nas aulas de Geografia. A esfera armilar é um instrumento de Astronomia. O presente modelo tem representado, numa estrutura metálica, o Equador (no qual estão inscritos os vários meses do ano e os 12 signos do zodíaco), um meridiano e a elíptica. No centro encontra-se representado um planetário, também em metal, onde está representado no centro o sol, logo em seguida, o local dos planetas Mercúrio e Vénus (que estão em falta - apenas existe o seu pedestal), Terra e a sua Lua, Marte, Cintura de Asteroides, Júpiter, Saturno, Úrano e Neptuno. Os planetas Marte, Júpiter e Úrano ainda têm as respetivas legendas, assim como, a Cintura de Asteroides. A base desta esfera armilar é também ela toda em metal. A circunferência mede 97 cm de perímetro. Consta do inventário do Gabinete da 6.ª Cadeira, de 31 de Maio de 1859, do Lyceu de Braga, com a designação “Uma esphera armillar com systema planetário”.	
Designação	- Esfera Armilar com Planetário;	
Classificação	- Área Disciplinar\Geografia; - Tipologia\Cartografia\Esfera Armilar;	
Medidas	- 47 cm de Altura; - 30,9 cm de Diâmetro (só a esfera armilar);	
Material	- Madeira; - Metal; - Plástico;	
Entidade	ME/Escola Secundária de Sá de Miranda	
Estado de Conservação	Razoável estado de Conservação	

N.º de Inventário	ME/402849/360	Foto(s)
Descrição	- Instrumento utilizado no âmbito das práticas pedagógicas nas aulas de Física. Trata-se de um Tubo de CrooKes com borboleta fosforescente. Este objeto é constituído por uma base circular em madeira da qual se eleva uma haste onde encaixa um tubo de vidro que sustenta um balão oblongo, que funciona como câmara de vácuo, disposto na vertical, com diâmetros diferentes nas duas extremidades. Na mais larga existe uma borboleta em metal e na extremidade mais estreita termina por uma espécie de gargalo, fechado por uma ponta metálica, onde tem pendurado uma estrutura metálica achatada. Tem uma etiqueta antiga com a referência 705 e outra com a referência F-1-13. Em princípio será um dos “Diversos tubos de descarga” referida na Relação dos utensílios vindos do Seminário Conciliar para o Liceu de Sá de Miranda de 27 de fevereiro de 1913	
Designação	- Tubo de CrooKes com borboleta ou Tubo de Descargas;	
Classificação	- Área Disciplinar\Física; - Tipologia\Instrumento científico;	
Medidas	- 38 cm de Altura; - 11 cm de Largura;	
Material	- Madeira; - Metal; - Vidro;	
Entidade	ME/Escola Secundária de Sá de Miranda	
Estado de Conservação	Bom estado de Conservação	

N.º de Inventário	ME/402849/378	Foto(s)
Descrição	- Equipamento utilizado em contexto das práticas pedagógicas nas aulas de Física e/ou de Química. Trata-se de um mesa/bancada de laboratório que esteve, ora no Laboratório de Química, ora no Laboratório de Física. A estrutura é em madeira, sendo enfeitada, por baixo em metal, a vermelho e, tem um tampo constituído por placas de ardósia. Em cada ponta tem uma pia em cerâmica, sendo que numa delas tem ainda a torneira, em metal, da água. A ardósia está furada em vários locais, onde no século XX, a bancada foi adaptada, para a tubagem do gás de botija chegar aos bicos de Bunzen. Esta mesa consta da Relação dos aparelhos vindos do Colégio de Montariol, a 17 de Março de 1913.	
Designação	- Mesa/Bancada de Laboratório;	
Classificação	- Área Disciplinar\Física; - Área Disciplinar\Química; - Tipologia\Mobiliário\Escolar;	
Medidas	- 89 cm de Altura; - 506 cm de Comprimento; - 90 cm de Largura;	
Material	- Metal; - Mineral\Ardósia; - Cerâmica; - Madeira;	
Entidade	ME/Escola Secundária de Sá de Miranda	
Estado de Conservação	Bom estado de Conservação	

N.º de Inventário	ME/402849/379	Foto(s)
Descrição	- Espécime taxidermizado, utilizado como material didático no ensino das Ciências Naturais, para estudo de características morfológicas. Este exemplar encontra-se colocado sobre uma base de madeira retangular, em postura de observação. Os olhos são de vidro, tentando simular os originais, ainda que não a cor original vermelhos (os deste objeto são negros). Trata-se de um colhereiro-rosado ou colhereiro-americano por apresentar: um bico grande achatado, em forma de “colher”; cabeça sem penas e cinzenta; plumagem com predominância rósea e pescoço branco; patas negras. Trata-se de um macho e na época de acasalamento, porque tem manchas rosa forte nas asas. Os colhereiros adquirem a sua tonalidade mais ou menos rósea devido à sua alimentação. Quanto mais camarão ingerem mais róseos são, devido aos carotenóides presentes nestes. Além de camarão, o colhereiro consome uma grande variedade de criaturas: pequenos anfíbios, pequenos peixes, moluscos, crustáceos, insetos e plantas. Peneira a água, sacudindo e mergulhando o bico à procura de alimento. Têm uma parada nupcial elaborada, que inclui batimentos de bico e ofertas mútuas de pequenos galhos. Nidifica em colónias e constrói o ninho com gravetos e talos secos de gramíneas em árvores. As colónias costumam ser mistas, englobando também outras espécies de aves, como por exemplo, íbis e garças. A fêmea, geralmente, realiza a postura de 2 a 3 ovos que são incubados por cerca de 22 dias. Após 6 semanas o juvenil começa a voar e aos 3 anos de idade atinge a maturidade sexual e apresenta a plumagem adulta. Chega a viver entre 10 e 15 anos. A presença de colhereiros-rosados num dado ambiente são bons indicadores de boa qualidade ambiental, pois estes são muito sensíveis à poluição, não resistindo quando esta está presente. Classificação científica - Reino: Animalia; Filo: Chordata; Classe: Aves; Ordem: Pelecaniformes; Família: Threskiornithidae; Género: <i>Platalea</i>; Espécie: <i>Platalea ajaja</i>;	
Designação	- Nome Vulgar: Colhereiro-rosado ou Colhereiro-americano;	
Classificação	- Área Disciplinar\Biologia\Zoologia; - Tipologia\Fauna\Aves;	
Técnica	- Conservação\Taxidermizado;	
Medida (espécime)	- 49 cm de Altura; - 68 cm de Comprimento; - 22 cm de Largura;	
Material	- Animal; - Madeira; - Metal; - Vidro;	
Entidade	ME/Escola Secundária de Sá de Miranda	
Estado de Conservação	Bom estado de Conservação	

Pereira Caldas: o ex-libris da Escola Sá de Miranda

Andreia de Azevedo *

* Estagiária na Biblioteca Pereira Caldas
da Escola Sá de Miranda e Mestranda em
Património Cultural, na Universidade do Minho



José Joaquim da Silva Pereira Caldas, um ilustre nascido em S. Miguel das Caldas de Vizela a 26 de Janeiro de 1818. Como académico da Universidade de Coimbra estudou Matemática, Medicina e Filosofia. Tornou-se num erudito sem precedentes, com as mais diversas ocupações tais como jornalista; ensaísta; arqueólogo amador; escritor, onde se mostrou um orgulhoso camoniano; e finalmente professor nos liceus de Leiria e Braga.

Todavia, esta célebre figura de Braga destacou-se não só por ser um sábio professor, mas também por ser o dono “d’uma das mais notáveis livrarias”¹, tal como referiu o caricaturista Bordalo Pinheiro. “(...) Esta livraria é selecta e uma das melhores do reino.”, dizia Luís Vaz de Freitas na obra *Braga em 1875*.

Posto isto, no Lyceu Bracarense lecionou Aritmética, Geografia, Primeiras Noções de Álgebra e, mais tarde, Matemáticas Elementares. Foi também nesta instituição que se fez denotar, por variadíssimas razões. Um realce cabal, medido pelo seu contributo extraordinário através

Livro de 1540,
Poetarum omnium seculorum longe principis, Homero.



da doação de uma boa parte dessa sua, já referida, biblioteca pessoal. Um legado que conta com cerca de 600 volumes dos mais variados temas como História; Arqueologia; Geografia; Política; Economia; Filosofia; Teologia; Artes; Literatura; Zoologia; Matemática; Engenharia, entre muitos outros.

Trata-se de uma figura incontestável que contribuiu para o esplendor desta instituição de ensino pública dada a imensidão dos bens fornecidos e partilhados, compilando os conhecimentos de outras épocas. E como em 1912 não foi possível torná-lo patrono da Escola, na atualidade foi possível honrá-lo atribuindo o nome de Pereira Caldas à Biblioteca antiga.

Exatamente por tudo acima descrito penso ter visto uma oportunidade valorosa de dignificar e immortalizar a memória de um insigne da minha cidade natal, que sobretudo contribuiu para o enriquecimento da escola que me acolheu durante os três anos decisivos do meu estudo secundário. Esse enaltecimento é possível através do estágio que atualmente presto a esta instituição, que posteriormente se irá refletir no relatório do mesmo.

Como ex-aluna do Liceu Sá de Miranda nunca tive o privilégio de conhecer a história de Pereira Caldas, como historiadora vejo nele a fonte de um conhecimento empírico, de micro-história, grandioso e riquíssimo. No entanto,

Livro da pauta de música,
Trigonométrie rectiligne et sphérique, Antoine Cagnoli.



como aluna do Mestrado em Património Cultural, na Universidade do Minho, verifico uma necessidade urgente de atuação e estudo não só da sua biografia, mas essencialmente do seu espólio.

Decorrido o primeiro ano do meu mestrado adquiri os conhecimentos base que me forneceram uma preceptiva técnica sobre os diversos formatos de património e cultura da humanidade. Toda a legislação nacional e internacional, cartas patrimoniais, instituições como a UNESCO e o ICOMOS, salvaguardam aquilo que é o legado material e imaterial de tempos idos.

A consciência geral, face a estas questões, das populações tem crescido, contudo ainda limitado a monumentos grandiosos, aos bens imóveis.

(...) manuscritos iluminados, incunábulo português, espécies xilográficas e paleotípicas estrangeiras, cartulários e outros códices membranáceos ou cartáceos, pergaminhos e papéis avulsos de interesse diplomático, paleográfico e histórico, livros e folhetos raros ou preciosos e núcleos bibliográficos com valor.²

Já estes bens acima mencionados, para uma larga maioria da população, parecem ter caído num esquecimento ou desconhecimento, certo é que também eles são, essencialmente, o âmago do conhecimento humano compilado através das palavras, da escrita, que por si só

constitui um bem cultural e patrimonial.

Coletando todos estes agentes chego ao segundo ano de mestrado com o pleno entendimento, que no espólio de José Joaquim da Silva Pereira Caldas assenta uma necessidade de valorização, organização, divulgação, restauro e minimização de danos e particularmente enaltecimento da vida, do legado e desta tipologia de património. Uma coletânea deixada pelo cavalheiro do século XIX, de uma geração de académicos de uma cultura sem igual, que não se ficavam por uma só área de conhecimento e estudo, que viam nos livros um refúgio, riqueza, sabedoria insaciável, o cerne do rácio humano.

Em suma, foi com esta admirável figura e com a sua excepcional herança que surgiu o mote para a obtenção do meu grau de mestre.



Livro com amostras,
Sorgo do assucar: productos extrahidos das folhas,
Julio A. Henriques



Livro dourado, *Opera*, Horácio



Bibliografia ³

Fontes/Arquivos:

Arquivo da Escola Secundária de Sá de Miranda, Braga.
Arquivo Municipal de Braga.
Biblioteca da Escola Sá de Miranda.
Biblioteca Nacional, Lisboa.
Biblioteca Municipal de Braga.

Obras/Livros:

Azevedo, Rodrigo. «Liceu Nacional Sá de Miranda». Em *Liceus de Portugal*, coord. António Nóvoa, 119-141. Porto: Edições ASA, 2003.

Bellino, Albano. *Inscrições romanas em Braga (inéditas)*. Braga: Typografica Lusitana, 1895.

Caldas, Padre António José Ferreira. *Guimarães; apontamentos para a sua história*. Vol. I. Porto: Typ. de A. J. da Silva Teixeira, 1881.

Caldas, José Joaquim da Silva Pereira. *Oração escolar no anno lectivo de 1886*. Braga: Typ. de Bernardino A. de Sá Pereira, 1886.

Caldas, José Joaquim da Silva Pereira. *Apontamentos Gerais sobre os mais notáveis objectos que podem atrair as atenções de SS. MM. FF, na viagem pelo distrito de Braga em 1852*. Braga: Fundação Bracara Augusta, 2006.

DGPC. «Património Cultural da Nação. Bens Culturais Móveis Classificados, Inventariados ou Arrolados», Direção-Geral do Património Cultural, http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/patrimoniomovel novo/historial_bmci_2011.pdf, Março de 2011.

Legendas

¹ Termo utilizado na época para fazer referência a biblioteca.

² DGPC. «Património Cultural da Nação. Bens Culturais Móveis Classificados, Inventariados ou Arrolados», Direção-Geral do Património Cultural, http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/patrimoniomovel novo/historial_bmci_2011.pdf, Março de 2011.

³ Sob a norma de Chicago.

A Biblioteca mesclada

Cândida Batista *

«Não há jamais ao longo das proximidades como no flanco das encostas, uma solução única, um caminho exclusivo, mas sim caprichosos atalhos mais ou menos paralelos, um leque de outros horizontes.»

Celestin Freinet

* Professora bibliotecária da ESM

As Bibliotecas têm um serviço de referência que respeita a complexidade e a diversidade e possui como filosofia essencial apetrechar os seus utentes de todo um manancial informacional, pedagógico, referencial e cultural, querendo abarcar diferentes gostos, atitudes, saberes, idades, e papéis, necessidades e perspetivas.

As Bibliotecas terão que ter um papel eficaz tanto a nível de informação, conhecimento, lazer, pessoal, pedagógico, social, colaborativo, solidário, agregador, inculcador de tolerâncias. Nenhuma Biblioteca poderá estar desligada do serviço de referência pedagógico, dado que estamos na era da Escola para toda a Vida e para todos. Em conjunto, teremos que prestar esse contributo, para todos, para todas as idades, todos os papéis, etnias, especificidades, diferenças. No entanto, apesar de sabermos que temos que caminhar, ou fazer caminho, para o futuro, é igualmente necessária uma consciência desperta do presente, talvez, mesmo “Clara e Distinta” como Descartes realça em relação às ideias, e um esforço

de entendimento e enorme respeito por todos aqueles, reconhecidos, conhecidos e anónimos, que ao longo da história se esforçaram e alguns se sacrificaram por tornar este mundo mais informado, mais evoluído, mais humano, mais tolerante e mais solidário. Não poderíamos, num mundo como as Bibliotecas, que fala de informação, conhecimento, de capital humano, e do rumo a tomar em relação ao futuro, deixar de nos deslumbrar e assombrar com tudo aquilo que contribuiu desde o passado, presente e o que se perspetiva em relação ao futuro neste mundo que consideramos deslumbrante, que é o da compreensão, entendimento, saber, curiosidade e encontro e em que as Bibliotecas têm um papel preponderante. No entanto, o papel principal no palco interativo do conhecimento pertence a todas as pessoas na sua singularidade e pluralidade que todos os dias da sua existência regeneram a sua visão do mundo, sobre os auspícios da “Douta Ignorância”, abertos, infinitamente e humildemente, ao saber.

Eugénio de Andrade diz “ É urgente o amor.”, nós diremos é urgente a consciência de que todas as Bibliotecas, seja qual for a sua especificidade, têm de ter um papel pedagógico, em sentido pleno, numa dimensão abrangente, tendo todas a responsabilidade nas áreas educativas e pedagógicas desde tenra idade até à velhice, para maiorias e minorias e nunca esquecendo as pessoas portadoras de deficiência, como afirma

António Andrade (2005,p.51) «das competências centradas em torno do saber ser, saber estar e do saber fazer, adquire simultaneamente importância e novas perspetivas de concretização do fazer saber»

Não podemos esquecer a essencialidade da Leitura, dado que o Profissional da Informação deve ser um motivador e impulsionador da Leitura, pois só assim é possível formar cidadãos tolerantes, críticos, ativos, proativos e interativos, cuja figura central é sempre o próprio e, desta forma, contribuir para o desenvolvimento da inteligência emocional e social, segundo Almada e Blattmann (2006) «A leitura estimula a criatividade, desenvolve a compreensão e interfere no desenvolvimento do ser humano. As bibliotecas são espaços de acesso e uso da informação e também realizam ações para promover a leitura em diferentes níveis conforme os perfis da comunidade. A leitura possibilita a tomada de atitude crítica, científica e intelectual, preparando o indivíduo para as diversidades da sociedade, e interfere diretamente nas experiências de vida das pessoas, bem como na sensibilidade e personalidade de cada pessoa.».

Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972) foi considerado o pai da Biblioteconomia na Índia, e segundo AliReza Noruzi, as suas “Cinco Leis da Biblioteconomia”(1931) são:

1. Livros são para uso;

2. Para cada leitor, seu livro;
3. Para cada livro, seu leitor;
4. Poupe o tempo do leitor;
5. A Biblioteca é um organismo em crescimento.

Gorman, na década de 90, reinterpreta as leis de Ranganathan e reescreve-as:

- Bibliotecas servem a humanidade;
- Respeite todas as leis pelas quais o conhecimento é transmitido;
- Utilize inteligência tecnológica para melhoria de serviço;
- Proteja acesso livre ao conhecimento;
- Honre o passado e crie o futuro.

Seguindo este raciocínio e partindo do princípio que «Bibliotecas e Web existem para servir as demandas informacionais das pessoas.» AliReza criou as “Cinco Leis da Web” inspiradas nas leis de Ranganathan:

- Recursos Web são para uso;
- Para cada usuário, seu recurso Web;
- Para cada recurso Web, seu usuário;
- Poupe o tempo do usuário;
- A Web é um organismo em crescimento.

Em 1994 surge o Manifesto da Unesco sobre Bibliotecas Públicas que referencia a missão das Bibliotecas «As seguintes missões-chave, relacionadas com a informação, a literacia, a educação e a cultura deverão ser a essência dos serviços da biblioteca pública:

1. Criar e fortalecer hábitos de leitura nas crianças, desde a primeira infância;
2. Apoiar a educação individual e a

- autoformação, assim como a educação formal a todos os níveis;
3. Oferecer possibilidades de um criativo desenvolvimento pessoal;
4. Estimular a imaginação e criatividade das crianças e jovens;
5. Promover o conhecimento sobre a herança cultural, o apreço pelas artes e pelas realizações e inovações científicas;
6. Facilitar o acesso às diferentes formas de expressão cultural das manifestações artísticas;
7. Fomentar o diálogo inter-cultural e, em especial, a diversidade cultural;
8. Apoiar a tradição oral; Assegurar o acesso dos cidadãos a todos os tipos de informação à comunidade;
9. Proporcionar serviços de informação adequados às empresas locais, associações e grupos de interesse;
10. Facilitar o desenvolvimento da capacidade de utilizar a informação e a informática;
11. Apoiar, participar e, se necessário, criar programas e actividades de alfabetização para os diferentes grupos etários.»

A Secção de Bibliotecas Públicas da IFLA publicou recentemente recomendações que vêm complementar o Manifesto da UNESCO com o título “Ten ways to make a public library work / Update your libraries”, onde são apontados caminhos para colocar os serviços da biblioteca pública no século XXI, através do recurso às novas tecnologias, assinalando o importante papel da biblioteca no universo digital em constante mudança.

Sublinham a necessidade de criar uma sabedoria global – World Wide Wisdom –, e o conhecimento e entendimento capazes de transpor barreiras ao diálogo entre diferentes culturas. Defendem que o Profissional da Informação deve atuar enquanto educador e formador da comunidade, e não apenas como guardião do conhecimento, deve ser o guardião da diversidade cultural, o espalhador de informação que rume ao conhecimento para todas as pessoas de todas as idades. É sustentada a necessidade de fazer da biblioteca pública um espaço de encontro da comunidade, no qual coexistam os papéis de biblioteca, arquivo, museu e centro de cultura, criando a “biblioteca combinada”. É interessante conseguir-se albergar no número dez, a forma de fazer funcionar uma Biblioteca Pública, lembremo-nos dos “dez mandamentos...”. Assim são estes os 10 mandamentos da IFLA:

1. «Develop public library buildings with the emphasis as community/ cultural spaces not just physical stores of knowledge;
2. Liberate our services using the World Wide Web 2.0 and look towards Web 3.0 and 4.0;
3. Connect with our communities and educate and train people. Librarians and Information Scientists can act as educators and personal knowledge advisors and not just keepers of keys or Internet gatekeepers;
4. Develop a “world wide wisdom” – a

global knowledge and understanding by creating international cultural pathways on the web;

5. Work internationally to erode barriers and censorship whilst respecting all cultures;
6. Support our staff with continued training and encouragement to be proactive;
7. Develop our digitised collections services and knowledge – the hybrid library – knowledge, education and information in diverse forms;
8. Improve accessibility to our catalogues and databases especially for users with visual impairments;
9. Establish national and international standards on the Internet environment;
10. Public libraries as cultural storehouses – the “live” environment alongside the “recorded” one – archives, museums, libraries and culture combined: a “comby library.” (IFLA Public Libraries Section. 2009)

Assim, a missão das Bibliotecas é promover o conhecimento e inspirar a aprendizagem ao longo da vida, promovendo e apoiando a diversidade. Sem este carácter pedagógico, social e de solidariedade não estará completo o verdadeiro serviço público de uma Biblioteca do século XXI – O Celeiro do Conhecimento, da Partilha e da Solidariedade.

Sendo a Biblioteca, segundo as dez formas de funcionar a Biblioteca, já referenciadas anteriormente, pela IFLA, um espaço

comunitário, cultural, educacional, inculcador das tolerâncias, respeitador de culturas, desenvolvedor de Bibliotecas híbridas, apoiante para pessoas com deficiências, a Biblioteca Mesclada.

As Bibliotecas têm que ter uma atitude de contínua reflexão e avaliação dos seus serviços. Assim sendo, cabe às Bibliotecas uma nova missão a desempenhar no mundo digital/tecnológico, a de construtoras de conteúdos digitais, de orientações de aprendizagem, tendo em vista a autonomia do utilizador, incluidora, inclusora e “guardiã” da diversidade cultural global. Desta forma, todos os utilizadores devem estar habilitados com as capacidades necessárias sob pena de construirmos um fosso cada vez maior entre quem está dentro ou fora de um sistema.

Ao Bibliotecário do século XXI compete um papel correspondente com as necessidades emergentes e urgentes de uma sociedade de informação. Se o problema já não é a quantidade da informação, compete, agora, ao Bibliotecário contribuir da melhor forma possível para a “antropoética”. A antropoética pressupõe, segundo Silva e Cunha (2002, p.80) «trabalhar para a humanização da Humanidade; efectuar a dupla pilotagem do planeta: obedecer à vida; guiar a vida; alcançar a unidade planetária na diversidade; respeitar no outro, ao mesmo tempo, a diferença e a identidade quanto a si mesmo; desenvolver a ética da solidariedade; desenvolver a ética da compreensão; ensinar a ética do género humano.»

O Bibliotecário deve enfatizar a sua função educativa, ou seja, o humanismo em vez de puro tecnicismo. A Biblioteca deve estar centrada no usuário, ser socialmente rica, comunitariamente inovadora, humanamente integradora, informativamente bem gerenciada, tendo sempre consciência que a leitura é essencial para o desenvolvimento do sujeito, e esta essencialidade é um tesouro que todos os dias tem que ser cuidado, lembrado, trabalhado, para melhor ser divulgado e usufruído.

Referências bibliográficas

- Almada, M.& Blattmann, U.(2006). *Biblioteca no Ambiente Educacional e a Sociedade da Informação*.
- Andrade, A. (2005). *Ensino a Distância e e-learning*. Manual da disciplina Ensino à Distância e e-Learning do Mestrado em Ciências da Educação – Especialização em Informática Educacional. Lisboa: Instituto de Educação – Universidade Católica Portuguesa.
- Iflanet, International Federation of Library Associations and Institutions.(2000), Annual Conference,66th IFLA Council and General Conference, Jerusalem, Israel, 13-18 August; Sharp, Kate- *Biblioteconomia en Internet: papeles tradicionales en un entorno Nuevo*, University of Bristol.
- Noruzi, A.(2005) *Aplicação das Leis de Ranganathan à Web, ExtraLibris, Revista de Biblioteconomia, Cultura e Tecnologia*, Depto.de Ciência da Informação, Universidade Paul Cézanne, Marselha, França, Tradução de Moreno Barros. Acedido em 03Setembro de 2009 em http://www.extralibris.info/arquivos/2005/03aplicacao_das_1.html.Acesso
- Silva; E. L. & Cunha, M. V.(2002), *A Formação Profissional no século XXI: Desafios e Dilemas*, p.80, Ci.Inf., Brasília, v.31, n.3, pp.77-82, set/dez <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/152/131>

Alguns traços das vivências dos estudantes do Ensino Secundário e Normal na Primeira República **

Rodrigo Azevedo *

Este artigo assenta numa pesquisa de profundidade sobre vestígios. Vestígios estes que possibilitem reconstituir, o mais detalhadamente possível, as vivências quotidianas estudantis. Neste caso específico, as dos estudantes dos Ensinos Liceal, Técnico e Normal durante a Primeira República.

A pesquisa centrou-se essencialmente na análise da documentação produzida nos liceus de Braga, Guimarães e Viana do Castelo, na Escola Técnica de Viana do Castelo e na Escola Normal de Braga, bem como de um número elevado de títulos da imprensa periódica de várias cidades e de matizes políticos e informativos diversos.

* Professor da ESM

** Este artigo, em parte significativa do seu texto, reproduz algumas páginas do meu artigo intitulado “Ao Toque da Sineta”, publicado no n.º 100 na Revista *O Professor*, páginas 56 a 72.

Academias e praxes

A realização ritual de praxes académicas, imitando, mais ou menos declaradamente, as realizadas na Universidade coimbrã, ou acrescentando-lhe variantes próprias de cada estabelecimento de Ensino parece ter sido introduzida logo nos primeiros anos de funcionamento de cada um deles. Talvez mais em evidência nos liceus, não deixava de suceder o mesmo nas escolas de Ensino Técnico, ou nas de Ensino Normal. A sua existência estava de tal modo entranhada no quotidiano escolar que, muito raramente, imerge na documentação oficial, ou é relatada pela Imprensa. Embora o início da República, momento em que ainda estava bem viva a reação anti-praxe em consequência da crise académica de 1907, fosse marcado por um esmorecer de determinados comportamentos ritualistas, muito particularmente nas instituições onde o credo republicano era forte, ou dominava, a situação parece ter-se alterado rapidamente, pelo menos em muitos liceus.

Alguns reitores terão mesmo tentado estancar este fenómeno, embora sem o conseguirem. Foi o caso do reitor bracarense Ferreira Botelho que, em correspondência para o Ministério da Instrução Pública, reproduzia um aviso que tinha mandado ler nas aulas:

*A bem da disciplina deste estabelecimento e a fim de evitar lamentáveis conflitos, são proibidas quaisquer manifestações ou atos que molestem os alunos ou visitantes sobretudo violências físicas, mesmo a pretexto de obsoletas e antipáticas praxes.*¹

A existência de Associações Académicas na generalidade, senão na totalidade, das escolas era um facto no período republicano. Para procurar as suas origens teríamos que recuar a um momento ainda indeterminado dos liceus oitocentistas. No caso do Liceu de Braga, por exemplo, este tipo de organismo representativo dos estudantes já existia, pelo menos, na década de 1880. Nessa altura, a existência destas Associações não estava legalmente prevista e foram mesmo proibidas no contexto da Reforma do Ensino Lical de 1895. Na República a situação



Fot. 1
Turma do 7º ano no átrio do Liceu Sá de Miranda.

não se modificou e os reitores, quando se referiam a elas e aos seus representantes, usavam sempre um tipo de linguagem bem consubstanciada na seguinte frase “o que se diz presidente da Academia”².

A eleição das direções associativas era noticiada usualmente na imprensa. Assim: “Em cumprimento das praxes académicas, procedeu-se ontem à eleição da mesa administrativa da Escola Normal, para gerir no ano letivo de 1917-1918”³, ou “Os alunos da escola industrial Bartolomeu dos Mártires elegeram a sua comissão para o ano letivo de 1912-1913, ficando assim constituída.”⁴

Organismos estudantis, espetáculos e cortejos rituais

Em torno destas associações existia uma série de organismos a elas ligados: Tunas, Orfeões, Grupos de Teatro. Estes organismos, que gozariam de autonomia, representavam uma cultura estudantil própria, que se foi forjando ao longo de decénios. Aos elementos culturais a ela imanentes misturavam-se fenómenos de marcada boémia.

Estes grupos, conjunta ou separadamente, colaboravam em récitas, ou outros tipos de espetáculos, que davam, geralmente mais de uma vez por ano, na localidade onde a sua escola estava instalada.

A récita académica, realizada no sábado último, decorreu com brilho.

Foram executados todos os diferentes números do programa, muito variado e de interesse (...) o produto [da festa] (...) reverteu em favor dum projetado passeio de estudo que a mocidade estudiosa da nossa terra tenciona levar a efeito, na próxima primavera. A Leiria, onde se exhibirá também com a recita que aqui efetuou.

Como da praxe, abriu o espetáculo com a execução do hino académico, ouvido de pé e bem executado pela orquestra (...) O presidente da Academia, sr. Horácio de Seabra, fez em seguida a apresentação do grupo, num breve discurso, que diz sem afetação e de delicadas referências à

assistência feminil, recitando depois uma poesia a aluna D. Herminia Lima, que teve larga colheita de aplausos. (...)

O teatro estava lindamente decorado e literalmente cheio.

*O grupo tenciona repetir o espetáculo, proximamente, em Anadia, Ovar e Oliveira de Azeméis. Colherá ali, certamente, igual numero de aplausos.*⁵

Este texto revela-se rico de informações sobre várias facetas da vida extralectiva dos estudantes liceais. Desde a organização de um espetáculo dimensional e esteticamente elaborado, sendo os estudantes, muitas vezes, ensaiados por actores profissionais ou amadores e, naturalmente, com a presença, na assistência, da generalidade dos seus colegas, para além de muitos parentes e de número significativo de membros das elites urbanas, até à programação de uma série de espetáculos na área de influência do liceu, de onde era natural a maioria dos alunos. Depois, a utilização do dinheiro obtido com os bilhetes, para a organização de outras atividades, aqui um “passeio de estudo”, noutros casos com objetivos bem diferentes (numa récita anual do Liceu de Sampaio Bruno, o liceu feminino do Porto, é relatado pela Imprensa que a receita reverteu “a favor da Solidária, associação protetora das alunas pobres.”⁶

A realização de espetáculos em locais mais distantes era habitual, deslocando-se, por vezes, as várias organizações culturais de estudantes em digressão, que podia alargar-se a Espanha.

Partiram quinta-feira para o Alto Minho, percorrendo Vianna do Castelo, Tui, Monção e Barcelos, os alunos do 7º ano do Liceu Central e a sua bem organizada tuna.

*(...) Os académicos devem regressar a Braga amanhã ou terça-feira.*⁷

É perceptível, também, no texto em equação, a evidência que os presidentes das Associações Académicas assumiam em acontecimentos deste tipo. Do mesmo modo, torna-se importante salientar o papel assumido pelas alunas no decurso dos espetáculos atuando, em grupo, ou a solo.

Um momento de destaque marcante das Academias dos vários tipos de escolas residia na organização, por vezes conjunta, das



Fot. 2
Orfeão do Liceu Gonçalo Velho.

Comemorações do 1º de dezembro que constavam, geralmente, de uma sessão solene intramuros, de um desfile que percorria parte da urbe respetiva e de um espetáculo à noite, num teatro ou salão. A descrição de um destes conjuntos cerimoniais, sucedido em Braga, é bem ilustrativo da forma como dias destes eram organizados e decorriam.

Decorreram animadas as festas ontem realizadas, e promovidas pela academia bracarense, em comemoração da data gloriosa da independência portuguesa.

Logo de manhã foram queimadas salvas de foguetes e uma banda de música percorreu as ruas executando os hinos Académico e da Independência.

Às 9 horas verificou-se no campo de D. Luiz um match de futebol, tocando uma banda de música.

Ao meio dia efetuou-se no liceu a sessão solene, falando vários oradores e tocando a tuna académica.

Perto das 2 horas saiu o cortejo (...)

O cortejo era formado por várias associações locais, escolas de ensino normal e industrial, escolas oficiais, colégios, bombeiros, etc., tudo com suas bandeiras e duas bandas de música.

A academia incorporava-se em grande número, assim como a respetiva tuna, sendo constantemente levantados vivas à pátria, aos heróis de 1640, etc., e queimados muitos foguetes.

Nas ruas do percurso, as sacadas e janelas das casas ostentavam cobertores, e de algumas foram lançadas flores sobre os académicos.

*À noite houve no teatro de S. Geraldo o espetáculo de gala, que esteve muito concorrido.*⁸

A visibilidade estudantil correspondia ao seu destaque e importância, simultaneamente simbólica e concreta, no contexto citadino. Após todo o cerimonial que foi descrito, os estudantes, já apenas os do sexo masculino, partiam para uma noite marcada pelas brincadeiras tacitamente aceites pela população, que integravam o desvio de objetos e animais e o roubo ritual. Aquele desvio constava da troca de mobiliário urbano, de

estabelecimentos, ou de particulares, bem como de animais e do ato de os prenderem em vários locais, muito particularmente amarrando-os a sinos. O roubo ritual verificava-se essencialmente através do assalto às capoeiras, em certos casos com a anuência tácita dos donos, noutros mesmo sem ela, sendo levadas muitas galinhas para servirem de repasto em ceias mais ou menos clandestinas, em que o vinho em abundância estava sempre presente.

Os alunos de muitos estabelecimentos de Ensino, muito particularmente os dos liceus que funcionavam já há largas dezenas de anos, tinham herdado tradições festivas e cerimoniais criadas no passado e mantidas sob uma forma essencialmente ritualista e repetitiva, em que a inovação raramente tinha lugar, ano após ano.

Um dos mais marcantes ritos ciclicamente anuais deste tipo era o Enterro da Gata, realizado pelos estudantes liceais bracarenses, pelo menos desde a década de 1880. Ele era pontuado por todo um cerimonial de exorcização da reprovação, chamada então de a gata, que era enterrada, no local crucial das festividades populares locais, após o desfile solenizado de um cortejo pleno de ironias e críticas sociais e à vida interna do liceu, que se efetuava ao longo da cidade e com a assistência de parte significativa da população. Aliás, o essencial desse rito continua a decorrer na atualidade, tendo-se os estudantes da Universidade do Minho apropriado dele e tomando-o como seu.

Realizou-se sábado de tarde o engraçado cortejo do enterro da “gata”, promovido pelos alunos do nosso liceu.

Tomavam parte nele muitos figurões montando garranos e jericós, e vários carros alegóricos.

No último ia o cadáver da gata, num pequenino caixão, acompanhado de muitos estudantes em trajos alusivos ao burlesco ato.

Este carro era tirado por 10 juntas de bois!

Fechava o préstito uma banda de música tocando peças alegres.⁹

O comemorativismo e a construção da consciência cívica

A República desenvolveu fortemente o comemorativismo no contexto das atividades extralectivas. A homenagem a heróis, a datas marcantes, ou a figuras destacadas da cultura pátria, intensificou-se significativamente, face ao que tinha sucedido no regime monárquico, tanto por iniciativa governamental, quanto por decisão das próprias instituições educativas. A participação de Portugal na 1ª Guerra Mundial veio incrementar, ainda mais, este tipo de manifestações cívicas.

O culto camoniano teve sempre um lugar de destaque. Embora as sessões de homenagem se revestissem de formas diversas, a mais usual era do tipo da organizada, em 1924, na Escola Industrial de Fonseca Benevides.

Realizaram-se ontem nesta escola duas sessões de homenagem a Luís de Camões, uma às 11 horas, para os cursos diurnos, outra às 9 horas da noite, á qual assistiram os alunos dos cursos noturnos.

Em ambas as sessões usou da palavra o diretor daquele modelar estabelecimento de ensino técnico, expondo factos da vida de Camões e mostrando o seu grande valor como poeta épico, lírico e dramático, incitando os seus alunos a prestarem culto a esse grande português e admirável espírito do século XVI, que foi dos mais extraordinários autores da epopeia.

Alunas e alunos da escola recitaram trechos dos “Lusiadas” e alguns sonetos, sendo muito aplaudidos pela numerosa assistência a qualquer das referidas sessões.¹⁰

Estas sessões públicas serviam para reafirmar a ligação entre a Escola e a Comunidade onde esta se inseria, bem como colocar em saliência os docentes, enquanto transmissores culturais e mostrar de que forma as aprendizagens podiam incutir nos discentes uma profunda consciência cívica. Em certos casos, eram usadas também para mostrar publicamente os resultados do labor anualmente das atividades letivas e do empenho dos estudantes na organização das cerimónias.

A exposição de trabalhos dos alunos, alguns verdadeiramente artísticos, e a

*ornamentação, levada a cabo com muito gosto pelos alunos com a cooperação dos respetivos professores, foi objeto da admiração de todos os visitantes, ainda os mais exigentes, pela boa disposição e ordem que em tudo havia.*¹¹

Formas de confraternização e visibilidade pública - visitas de estudo, encontros entre escolas e ações de solidariedade



Fot. 3
Festa Nacional da Educação Física no Liceu Sá de Miranda.

As visitas de estudo e as chamadas excursões escolares intensificaram-se ao longo da República. Muitas delas realizavam-se a instituições, serviços, ou empresas das próprias cidades, ou seus arredores.

Os alunos da 5ª classe do liceu desta cidade, foram quinta-feira em visita de estudo às fábricas de eletricidade, de serração de madeira, de papel e de tecidos, sitas nas margens do Cávado.

*Acompanharam-nos os seus ilustres professores.*¹²

Algumas destas visitas serviam para estabelecer laços entre estudantes de duas escolas, geralmente do mesmo nível de Ensino. Nestes casos, quase sempre eram utilizadas para, através da prática de cerimoniais públicos, serem colocados em evidência os estudantes e as respetivas instituições.

Chegaram ontem a esta cidade, no comboio das 12 e 53, os alunos de ambos os sexos da Escola Normal de Vila Real.

Foram esperados na estação do caminho de ferro pelos normalistas desta cidade, que lhes fizeram uma carinhosa recepção, sendo levantados vivas e tocando a banda dos Órfãos de S. Caetano.

Formou-se um cortejo com os visitantes, seus colegas bracarenses e referida banda, dirigindo-se ao edifício da Escola Normal, onde se realizou a sessão de boas-vindas.

Durante o percurso, de algumas janelas foram lançadas flores sobre o cortejo.

[Após o discurso de docentes de cada uma das Escolas] Falaram ainda um normalista desta cidade e outro de Vila Real, depois do que foram recitadas

Algumas considerações finais

Os estudantes sempre representaram um elemento em destaque na paisagem urbana. No caso dos alunos dos Ensinos Liceal, Técnico e Normal na Primeira República isso é marcante. Neste artigo, os primeiros estão em maior evidência, quer pelo facto da documentação escolar consultada a eles dizer essencialmente respeito, quer pelo destaque que, praticamente sempre, recebiam nos jornais, comparativamente com os restantes.

Fenómeno real, mascarado pela clandestinidade formal, as organizações académicas e os seus organismos mais, ou menos, autónomos tinham uma presença constante de atração de muitos alunos e de visibilidade representativa da Academia. No seu seio conservaram-se, recriaram-se, ou construíram-se ritos próprios e trajos específicos. Em torno delas, traçaram-se alianças permanentes com as suas similares, ou conjunturais, rapidamente transformadas em enfrentamentos violentos, com as que eram diferentes, porque não do mesmo nível.

Num momento em que um novo regime necessitava de se consolidar, num contexto de um nacionalismo renovado e dum País rapidamente em tempo de Guerra, o comemorativismo pontuava muitos dos momentos marcantes das instituições educativas. A ele aderiam e nele participavam ativamente muitos dos jovens que vimos seguindo.

Num regime de dominante coinstrução, muito mais que de coeducação, as estudantes também se afirmavam quotidianamente, convivendo, apesar das tentativas em contrário, permanecendo lado a lado com os seus colegas nos momentos mais relevantes da vida intramuros, ou da luta reivindicativa. No entanto, fora das escolas, os seus movimentos eram geralmente vigiados, a sua liberdade coartada, pelas convenções do papel predominantemente atribuído à mulher e pelas atuações práticas dos responsáveis pela sua educação.

À noite, a boémia, a embriaguez, a luta, o jogo, a procura das

margens sociais, a frequência do mundo prostitucional, eram reservados aos jovens estudantes que, neste contexto, assumiam uma cultura académica, também ela com raízes na profundidade do tempo, apenas masculina.

Legendas

¹ Ofício do reitor Ferreira Botelho, de 31 de outubro de 1914, ao Chefe de Gabinete do Ministro da Instrução in Livro n.º 7 do Copiador de Correspondência Expedida do Liceu Sá de Miranda, pp. 28 e 28v.

² Ata da sessão do Conselho Escolar de 27 de janeiro de 1912, in Livro n.º 4 de Atas do Conselho Escolar do Liceu Sá de Miranda, p. 179.

³ Governo académico in Echos do Minho, n.º 1440 de 24 de novembro de 1917, p.2.

⁴ Comissão académica in O Commercio do Minho, n.º 5921 de 28 de novembro de 1912, p. 2.

⁵ Teatro-aveirense in Campeão das Províncias, n.º 6470 de 26 de fevereiro de 1916, p. 4.

⁶ A recita anual do Liceu Feminino in O Commercio do Porto, Ano LXX, n.º 120 de 23 de maio de 1924, p. 2.

⁷ Digressão académica in Echos do Minho, n.º 318 de 1 de fevereiro de 1914.

⁸ 1.º de dezembro, in O Commercio do Minho, n.º 6072 de 2 de dezembro de 1913, p.2.

⁹ Enterro da “gata”, idem, n.º 5999 de 10 de junho de 1913, p. 1.

¹⁰ Na Escola Industrial de Fonseca Benevides in O Commercio do Porto, Ano LXX, n.º 136 de 11 de junho de 1924.

¹¹ As festas camonianas in Campeão das Províncias, n.º 6798 de 17 de junho de 1922, p.3.

¹² Excursão académica in O Commercio do Minho, n.º 6128 de 18 de abril de 1914, p.2.

¹³ Normalistas de Vila Real, idem, n.º 6589 de 31 de maio de 1917, p.3.

¹⁴ Bandos precatórios, idem, n.º 6247 de 6 de fevereiro de 1915, p.1.



“Olhar Braga”

O projeto “Olhar Braga”, desenvolvido pela Biblioteca Escolar e pela Área Disciplinar de Português, associou o conhecimento do património local e a escrita criativa. Para isso, desafiou os alunos a visitarem alguns locais emblemáticos da cidade de Braga e a darem asas à sua criatividade. Escolhendo o género textual em que mais se sentiram à vontade, os jovens (das turmas 10º 1, 10º 2 e 10º 5 do ano letivo de 2017/2018) deram uma nova vida e uma nova visão aos espaços que visitaram e que os fascinaram pelo valor histórico, arquitetónico ou comercial. E quantas surpresas tiveram! Como Braga lhes pareceu uma cidade cheia de encantos!

Agradecendo a colaboração dada na fase de preparação pelo Dr. Ricardo Silva, Presidente da Junta de Freguesia de S. Vitor (Formação e Evolução da Cidade e das Sete Fontes), pelo Dr. António Mendes (Oficina de Escrita Criativa) e pelo testemunho da escritora Patrícia Ribeiro, agradecendo também a excelente oportunidade que a Câmara Municipal de Braga, através da Dra. Lúcia Dias e Dr. Rui

Ferreira, nos proporcionou para integrar este projeto no programa das “Jornadas Europeias do Património 2018”, apresentamos com muito orgulho os trabalhos dos nossos jovens escritores. Antes disso, uma emotiva reflexão do Samuel Marinho do 10º 6 sobre a cidade de Braga

“Não há nenhuma composição ou junção de palavras que descreva ou refira a cidade de Braga de forma completa real e justa.

Nunca serão inventadas palavras que carreguem a magia que nos é transmitida pela cidade, quanto mais a sua importância a nível mundial.

É uma futilidade tentar descrever esta cidade, ela não é apenas a sua história, não é apenas o seu presente, não é só o seu futuro... esta cidade é...

Para que é que vamos perder tempo e tentar descrever um círculo com quadrados?

É impossível!”

Asas e raízes

Joao Gabriel G Peixoto *

Francisco vivia numa VW Kombi. Desde jovem que tinha o sonho de se aventurar pelos diversos países e culturas. O mundo era coisinha pouca para ele e já conhecia muitos países. Francisco amava acordar, poder fazer o seu exercício físico ao ar livre enquanto arrumava os seus pensamentos ensonados e, mais à noitinha, sentar-se, num banco de madeira, acender umas canhotas, e pumba! Guitarra ao colo, garganta pronta a rasgar e, claro, a boa companhia de um charuto cubano e de um whisky irlandês.

Francisco era um músico conhecido pela sua versatilidade: já tinha composto desde metal, a jazz, a blues, a gipsy jazz sendo algumas das suas inspirações Louis Armstrong, Frank Sinatra, Django Reinhardt, Cab Calloway, Buddy Guy,... nada o “babava” mais do que pegar na sua guitarra elétrica e começar a criar energia e partilhá-la com quem o ouvisse.

Numa tarde do ano de 1986, preso dentro da Kombi devido ao mau tempo, lia o livro “The brothers Karamazov” e desviou o olhar para um mapa que estava preso num quadro de cortiça onde as

muitas agulhas espalhadas pelo mapa inteiro asinalavam os países visitados. Pensou que nunca tinha ido a Portugal e logo que pôde, guiado pela enorme vontade de conhecer o mundo, dirigiu-se a Portugal.

Depois de algumas semanas a atravessar a Europa, finalmente assentou os pés em terra portuguesa, especificamente Lisboa, e decidiu cantar na rua como sempre fazia. Retirou a sua guitarra Gibson Firebird da Kombi, pousou a pedalboard, ligou o amplificador e o microfone e, depois de alguns minutos a cantar, deparou-se com um cenário muito diferente daquele a que já estava acostumado: ninguém prestava atenção ou parava para o ouvir. Intrigado, pensando que poderia ser da música, resolveu tocar “Sultans of Swing”, dos Dire Straits, e deparou-se com a mesma cena. Desmotivado e um pouco desiludido, voltou para a sua KW para descansar e pensou “Talvez seja da hora, afinal de contas são 18h... já estão cansados” e decidiu na próxima manhã tentar outra vez. A situação repetiu-se e voltou a repetir-se, e outra vez, não

* Aluno do 10.º 02

resultou. Desapontado com Lisboa, tomou rumo para Braga, achando que lá iria ter mais sorte.

Estacionando a sua casa ambulante, retomou o ritual de retirar o material musical e desta vez decidiu tocar “Immigrant Song”, de Led Zeppelin” e, logo uma enorme multidão se formou à sua volta e, algures na multidão estava Carlos, um grande fã de Francisco e um mestre na arte da Correaria. Após o miniconcerto e já com as palmas das mãos bastantes vermelhas e dormentes de tanto aplaudir, Carlos, emocionado, foi ter com Francisco, contando-lhe entusiasmadamente sobre a sua coleção de CD’s de TODOS os álbuns de Francisco, desde edições limitadas, a edições raras, e a CD’s de diamante. Como a conversa fluía como se já se conhecessem de longa data e achando a situação oportuna, Carlos perguntou a Francisco se ele gostaria de ir jantar a sua casa. Já se fazia bastante tarde e, por isso, Francisco aceitou. Voltou à Kombi, para tomar um banho e vestir algo mais formal para ir jantar a casa de Carlos. Francisco nunca fazia este tipo de coisas, mas como estava bastante feliz com a multidão que o aplaudiu, sobretudo depois do que acontecera em Lisboa e porque achou Carlos um homem de confiança e, acima de tudo, era um grande fã seu o que já não acontecia desde que tinha parado de fazer tournées, decidiu deixar a bola rolar.

Dirigiu-se para a casa de Carlos, que se situava na Rua do Chãos e que,

curiosamente, tinha uma loja chamada “Correaria Moderna” no andar de baixo, e deparou-se com algo que nunca vira: no passeio, um cavalo bastante grande, branco, engraçado e já a acusar uma longa existência, fazia publicidade mesmo à porta da loja. Tocou à campainha que parecia ser partilhada com a da loja e acendeu-se uma luz ao fundo desta. Carlos apareceu com um grande sorriso, como as crianças quando vão ao parque, oferecendo-lhe a melhor hospitalidade possível. Sentando-se à mesa com a família de Carlos, Francisco questionou-o sobre a sua vida, “O que fazia? Como vivera a sua vida? Qual a sua profissão?...”. Carlos desatou a contar sobre seu pai, um senhor amante de cavalos que, sentindo a necessidade de uma loja perto para comprar equipamento diversificado de equitação, decidiu abrir uma loja no andar de baixo de sua casa. Carlos crescera a ver o pai a trabalhar na oficina, rapidamente lhe ganhou o jeito e, em menos de nada, estava lado a lado com o pai a confeccionar selas, botas, coletes, carroças,... O negócio foi crescendo, pois naquela altura a procura de material de equitação era bastante alta, a quantidade de pessoas a trabalhar na loja também foi aumentando, chegando a ter 40 pessoas a trabalhar diariamente na oficina. Infelizmente, passados alguns anos, o pai de Carlos foi enfraquecendo e ficando debilitado para o ajudar na loja pelo que Carlos passou a ser o gerente da maior loja de correaria de Portugal. Alguns anos depois, o pai

faleceu, deixando o património todo ao seu filho mais velho, Carlos.

Carlos explicou a Francisco que a sua vida tinha sido toda vivida naquela loja e que para ele, a loja era a sua vida. Lá conhecera a sua maravilhosa esposa, Deolinda Palitinho, e fora lá que, da mesma forma como seu pai fizera com ele, criara os seus filhos. Francisco estava fascinado com o que acabava de ouvir e deu consigo a refletir sobre a diversidade daquilo que nos faz felizes. Ele e Carlos partilhavam as mesmas preferências musicais, mas, enquanto ele, Francisco, não conseguia ficar muito tempo num mesmo sítio e sentia a ânsia da aventura, de correr atrás do desconhecido, Carlos sentia prazer em dar continuidade à tradição. Um sentia o apelo das asas, outro o apelo das raízes, mas ambos eram felizes com a opção que tinham tomado para as suas vidas. E o facto é que o mundo precisa de ambos.

Elogiando o maravilhoso cozido à portuguesa de Deolinda e apertando a mão firmemente a Carlos, Francisco desejou um resto de boa noite e seguiu para a sua Kombi onde ficou a descansar o resto da noite. No dia seguinte, preso dentro da Kombi devido ao mau tempo, lia o livro “The brothers Karamazov””, desviou o olhar para um mapa que estava preso num quadro de cortiça e, apesar de ter muitas agulhas espalhadas pelo mapa inteiro a indicar os países que já visitara, lá estava mais um onde ele nunca tinha ido: a Islândia.

O amor proibido de Constança

Ana Cardoso, Fátima Gonçalves, Joana Ramos *

Quero contar-vos a história da minha vida. Chamo-me Constança e, na altura dos factos, tinha cerca de 20 anos e vivia com os meus pais, os condes Afonso e Beatriz de Bertandos, num palácio conhecido em Braga, o Palácio dos Biscainhos. O palácio era enorme, talvez o maior palácio de Braga, com 12 divisões: cavalições, dois jardins, duas salas de lazer, uma sala de jantar, a cozinha, quartos, salão nobre, pátio, escritório e a sala de orações.

Numa tarde de Primavera, dia 21 de abril, estava a preparar-me para um jantar que iria ser muito importante para o meu futuro, mas mais para a frente saberão do que se tratará...

- Dilda! Podes chegar aqui por favor?

Dilda era a minha dama de companhia, ela ajudava-me em tudo, a vestir, a pentear, fazia até o papel de conselheira, era uma segunda mãe para mim.

- Sim, querida, de que precisas?

- Ajudas-me a escolher o vestido ideal para logo?

* Alunos do 11º ano da ESM



Enquanto escolhíamos o vestido,
idealizávamos como seria o duque

Duque?! Perguntam vocês; sim ia jantar
com o escolhido pelos meus pais para se
casar comigo e não conseguia parar de
imaginar como ele seria.

- Como achas que ele será, Dilda? Imagino
um rapaz, lindo, educado, gentil ... achas
que ele terá olhos azuis? Castanhos? Será
loiro, ou um moreno charmoso?

- E se ele for totalmente o contrário do
que estás a imaginar? Feio, arrogante, sem
classe e desinteressante...

Escolhida a roupa, segui para a sala de
lazer para a minha aula de piano. Depois
da aula fui ler um livro para o jardim.

O jardim do palácio era o meu espaço
favorito: flores variadas e coloridas em
todas as épocas do ano, algumas árvores
exóticas, e até uma casa na árvore que
eu frequentava para dedicar à leitura.

Todas as manhãs, passeava no jardim para
respirar o ar puro cheio de aromas que
a natureza envolvente me oferecia. Ali,
sentia um grande conforto interior.

Nesse dia, a leitura foi interrompida por
Zacarias que se dirigia às cavalariças com
os nossos cavalos (o meu pai gostava
muito de cavalos).

- Menina já viu as horas? Já deveria estar
nos seus aposentos.

Percebi que já estava a anoitecer e apressei-
me. Dilda já deveria estar à minha espera.

- Despacha-te, Constança, já estás atrasada!

Apressadamente coloquei o vestido e os sapatos enquanto Dilda me fazia um lindo penteado.

Ouvi a carruagem a chegar e desci, para receber o duque juntamente com os meus pais.

A minha mãe, a condessa Beatriz, era uma mulher linda, com um forte cabelo ruivo ondulado e olhos verdes; o meu pai, elegante também, tinha um olhar intenso, cor mel, e um cabelo liso escuro. Mal abrimos o portão, senti um nervosinho, pois estava curiosíssima para ver como seria o duque.

Entrou, apresentou-se e fixou o seu olhar em mim. Fisicamente era alto, tinha os olhos verdes como esmeraldas e o cabelo era castanho claro; chamava-se Filipe e eu adorava aquele nome.

Já na sala de lazer, como um cavalheiro devia ser, gentilmente, ofereceu-me a cadeira para eu me sentar. Agradei-lhe, com um leve gesto de cabeça.

Seguidamente, o duque sentou-se também com uma postura formal. Estivemos a falar, mas... a sua conversa não me despertou interesse. Comecei a perceber que tínhamos personalidades distintas, ele só falava de si mesmo e adorava engrandecer os seus bens e o império do pai.

- Ao longo do tempo, o meu pai foi construindo uma vasta fortuna devido aos negócios que estabeleceu na Índia e nos novos mundos.

- Já vi que a minha filha e os meus futuros netos estão bem entregues... — sussurrou o meu pai ao ouvido da minha mãe

Depois de um curto diálogo, pedimos licença para nos levantarmos, eu e Filipe. Fomos passear para o jardim. Como acompanhava muitas vezes o seu pai em negócios, Filipe tinha aprendido a gostar de ritmos musicais diferentes, mais modernos. Sabendo que uma banda que apreciava ia tocar nessa noite, no café Vianna, convidou-me a acompanhá-lo. Os meus pais ficaram algo constrangidos, mas, depois do jantar, chamaram Zacarias para nos levar.

Era a primeira vez que entrava naquele café pois raramente saía de casa. Era amplo, repleto de espelhos de talha dourada nas paredes que os sofás vermelhos e os reposteiros punham em destaque; era um espaço agradável frequentado por muitos jovens. Também havia uma sala de jogos na parte de trás. Sentamo-nos, fomos bem recebidos e fizemos o pedido...

Para não variar, Filipe continuava a gabar-se... então, farta da sua conversa, disse-lhe que ia apanhar ar. No momento em que abriu a porta, um dos músicos esbarrou comigo e houve uma troca de olhares difícil de descrever e uma química inexplicável...

Quando voltei para dentro, a sala estava na penumbra e os músicos tocavam algo romântico pelo que percebi. Já era tarde e decidimos voltar; Filipe deixou-me no

palácio e despedimo-nos.

Mal me deitei, não parei de pensar no músico. Dilda apareceu para saber como tinha corrido a noite.

- Então, menina, como correu o encontro?

- Podia ter corrido melhor... Filipe não é, com toda a certeza, a pessoa com quem quero passar a minha vida!

- Mas... essa cara..., vejo que estás muito contente! Afinal, o que se passou?

- Ah... não te escapa nada, não é?

- Conta-me lá o motivo dessa felicidade.

Resumidamente, contei-lhe o que se passara:

- Senti algo inexplicável quando me esbarrei com um dos músicos: era lindo, de cor negra, um olhar simpático, possuía um sorriso franco, cativante que me deixou sem palavras!

- Ai, ai! Os teus pais não vão gostar da decisão, menina Constança ... Mas, agora dorme que amanhã vai ser um dia longo. Boa noite!

- Boa noite, Dilda.

No dia seguinte, levantei-me, vesti-me, preendi os meus longos cabelos louros e dirigi-me à sala para tomar o pequeno-almoço. Entretanto chegaram os meus pais e conversei com eles acerca da desilusão que o duque tinha sido para mim e que não sentira qualquer afinidade por ele. O meu pai não aceitou muito bem, porém a minha mãe compreendeu

perfeitamente. Nesse dia à noite, não resisti à tentação e, sem os meus pais saberem, fui ao Café Vianna para o ver. No fim do concerto, trocamos olhares e ele decidiu sentar-se a meu lado para conversarmos.

- Olá, por aqui de novo? Desde já, peço desculpa do nosso pequeno “encontrão”...

Rimos, descontraidamente.

- Gostei bastante das vossas músicas e decidi voltar.

- Já agora, como se chama?

- Constança... e o “senhor distraído”?

- Ah! Ah! - gargalhou - chamo-me Inácio. Não veio com o seu namorado?

- Qual namorado?!

- Aquele que estava consigo ontem à noite.

- Ah! Sei a quem se refere, mas ele não é meu namorado... para lhe contar a verdade, estávamos a ter um encontro, que foi decidido pelos meus pais.

- Mas, então não pretende ficar com ele?

Expliquei-lhe o porquê de não o querer para noivo. Falamos durante algum tempo e, como já estava a ficar tarde, decidi regressar e Inácio ofereceu-se para me acompanhar até casa.

Quando chegámos, despedimo-nos e entrei. Voltei-me para trás quando ouvi Inácio chamar-me.

- Amanhã, podemos encontrar-nos na

Fonte do Ídolo?

- Claro que sim... então, até amanhã!

- Boa noite!

Agradei, sorri-lhe e voltei para o palácio. Subi as escadas e dirigi-me ao quarto para dormir; tinha sido uma noite cheia de emoções. Na manhã seguinte, fiz a minha rotina habitual, mas, de tarde, decidi praticar mais tempo de piano, sentia-me inspirada para a música! Passado algum tempo, jantei, e porque não podia estar sempre a sair (era uma jovem condessa e tinha que ter um comportamento como tal), pedi a Dilda ajuda para “fugir”, sem que os meus pais notassem. Mais uma vez, fui ter com ele.

Inácio já se encontrava na Fonte do Ídolo.

A lua iluminava o recinto; conversamos algum tempo e, inesperadamente, ele foi buscar a viola que estava por detrás da fonte e fez-me uma serenata. Foi um momento encantador: Inácio, a serenata, o silêncio daquele monumento milenar em pedra... Mas eu tinha que regressar.

Decidimos ir para o meu jardim, entramos pelas traseiras e ficamos lá mais um pouco, até que me apercebi que Zacarias estava a colocar os cavalos nas cavalariças e podia apanhar-nos ali. Então, Inácio disse que era melhor retirar-se e... de repente, só me lembro de sentir aqueles lindos lábios. Beijamo-nos e, a partir daquele beijo, percebi que era ele que eu queria para o meu futuro. Fui-me deitar e não parei de pensar nos acontecimentos

daquela noite; cada vez tinha mais vontade de estar com ele.

A partir desse dia, continuamos a encontrar-nos e, numa noite de verão, ele convidou-me para ir assistir a mais um concerto que ia fazer no Café Vianna. Dedicou-me uma música juntamente com a sua banda e a mascote (a mascote era um boneco que o Café Vianna adotou e com a qual procurava homenagear a banda: era de cor negra e vestia igual aos membros da banda de Inácio). No final, a banda parou e Inácio pediu-me que chegasse mais perto e ajoelhou-se para pedir a minha mão. Confusa, saí a correr; Inácio veio atrás de mim, pegou-me no braço, abraçou-me e nesse momento, não contive as minhas lágrimas.

- Desculpa, os meus pais não vão aceitar esta relação. Não devíamos ter continuado com estes encontros

- Constança, eu amo-te!

Independentemente de os teus pais não aceitarem a nossa relação, nós temos de tentar.

- Tens razão. Quando estiver preparada, falo com os meus pais, até lá mantemos a relação em segredo...

Inácio concordou e estivemos dois meses assim.

No dia 15 de setembro, no meu aniversário, Inácio fez-me uma visita, à noite, no jardim do palácio. Zacarias espiou-me e contou o que tinha visto aos meus pais, mas eu só o soube no dia

a seguir. Na manhã seguinte, os meus pais disseram que queriam falar comigo. Ambos estavam com sérias e fortes expressões, o que me fez perceber logo do que se tratava. Nesse momento, parecia que o meu mundo tinha desabado. Tive uma forte discussão com eles, o meu pai estava totalmente em desacordo com a nossa relação.

- O que achas que vão pensar de nós ao ver a filha do conde de Bertandos com alguém que nem pertence sequer à burguesia? Para além do mais, é negro! Onde já se viu tal disparate?

- Pai, o senhor está a ser injusto! Só quer saber do que pensam acerca de si e não quer saber da felicidade da sua única filha! Acha isso correto? Quer ver-me casada com alguém que me deixe infeliz? Parece que sim...

Saí dali a correr e fui chorar para o meu quarto. Ao jantar, já estávamos mais calmos e pedi-lhe uma oportunidade para conhecer Zacarias. Podia ser que mudasse a sua opinião acerca dele e que se apercebesse do quanto ele me fazia feliz. O meu pai nem me respondeu, estava muito zangado comigo.

Andei uma semana completamente desolada, sem chão, não falava com ninguém, nem mesmo com Dilda. Já não passeava de manhã no jardim para respirar o ar puro da natureza e quando olhava pela janela ainda me lembrava do local onde estivera com Inácio. Não parava de pensar nele, os nossos momentos não

me saíam do pensamento, estava cheia de saudades, mas o que me entristecia mais era o facto de o meu pai não querer saber da minha felicidade e estar apenas preocupado com o que os outros iriam pensar. Evidentemente, o meu pai reparou que eu andava bastante triste e, um dia, apareceu no meu quarto para conversarmos.

- Bom dia, filha, podemos conversar?

- Se for por um bom motivo, sim... - disse eu, desinteressada.

- Reparei que tens andado muito em baixo e penso que possa ser pela ausência de Inácio... Estive a pensar bastante e vou dar-te a oportunidade de trazeres Inácio cá a casa para o conhecer.

- Muito obrigado, pai, vai adorá-lo. Tenho a certeza!

Parece que o meu sorriso contagiou até o ambiente ao meu redor, um sol nasceu no meu quarto, desci as escadas e pedi a Zacarias que me levasse à cidade para contactar com Inácio e convidei-o para jantar em casa com os meus pais. Ele ficou muito contente.

Nessa noite, fui eu própria abrir o portão a Inácio. Ele estava lindo, com um fato azul escuro, camisa e borboleta branca a sobressair. Abracei-o de imediato. Seguimos para a sala de jantar, apresentei-o aos meus pais e sentamo-nos todos. A conversa estava a fluir muito bem sobre viagens, política, música ... o meu pai estava a adorá-lo (tal como eu tinha

previsto), até já estavam às gargalhadas! Os meus pais gostaram bastante dele e perceberam que era um bom partido para mim.

Passado cerca de um ano casámos e os meus pais não podiam estar mais felizes ao ver-me feliz também. Hoje temos dois filhos lindos, a Leonor e o Dinis, ambos bastante parecidos com os avós paternos e maternos e são uns meninos muito adoráveis. Se não tivéssemos ultrapassado os preconceitos e as dificuldades, não teríamos chegado à verdadeira felicidade.

Ah! Já me esquecia de vos dizer que, todos os anos, festejamos o aniversário do nosso abençoado “encontrão” no acolhedor Café Vianna, sob o olhar cúmplice da mascote ...

A Literatura no Liceu Sá de Miranda

“Braga Pitoresca ou a verdadeira Cyntra do Norte”

Pereira Caldas (lente de Matemática do Liceu Nacional de Braga – 1857)

EÇA DE QUEIRÓS

«Jacinto estendera o braço:

- Que casarão é aquele, além no outeiro,
com a torre?

Eu não sabia. Algum solar de fidalgotes
do Douro...Tormes era nesse feitio atar-
racado e maciço. Casa de séculos e para
séculos – mas sem torre.

- E logo se vê, da estação, Tormes?...

- Não! Muito no alto, numa prega da serra,
entre arvoredos. (...)

- Que doçura, que paz...

- Três horas e meia, estamos a chegar,
Jacinto!

Guardei o meu velho “Jornal do Comércio” dentro do bolso do paletó, que deitei sobre o braço; - e ambos em pé, às janelas, esperámos com alvoroço a pequenina estação de Tormes, termo ditoso das nossas provas. Ela apareceu, enfim, clara e simples, à beira do rio, entre rochas, com os seus vistosos girassóis enchendo um

Campo de Santana (Av. Central) vendo-se à direita a Igreja e Convento dos Congregados onde funcionou o Liceu de Braga, antes de se mudar para as atuais instalações em 1921.



jardinzinho breve, as duas altas figueiras assombrando o pátio, e por trás a serra coberta de velho e denso arvoredado...Logo na plataforma avistei com gosto a imensa barriga, as bochechas menineiras do chefe da estação, o louro Pimenta, meu condiscípulo em Retórica, no Liceu de Braga. (...))»

in As Cidades e as Serras

CAMILO CASTELO BRANCO

«Ainda me lembro de V. Ex.^a, quando rapazola estudava retórica em Braga. Está certo de ser agarrado pelo regedor, quando foi às Ursulinas atacar as freiras? Pois fui eu quem, a pedido de sua mãe, lhe vali no processo instaurado.»

in Amor de Salvação

SÁ DE MIRANDA

Comigo me Desavim

Comigo me desavim,
Sou posto em todo perigo;
Não posso viver comigo
Nem posso fugir de mim.

Com dor da gente fugia,
Antes que esta assim crescesse:
Agora já fugiria
De mim, se de mim pudesse.
Que meo espero ou que fim
Do vão trabalho que sigo,
Pois que trago a mim comigo
Tamanho inimigo de mim?

In Antologia Poética

ANTERO DE QUENTAL

«Bom Sá! Diz o velho biógrafo que, nos seus últimos tempos, “com a mágoa do que lhe revelava o espírito dos infortúnios da sua terra se afligia tanto, que muitas vezes se suspendia e derramava lágrimas sem o sentir.” Tenho cismado muitas vezes nestas lágrimas do poeta humanista da Renascença. E, não sei como, a minha imaginação aproxima-as logo da trágica melancolia de Miguel Ângelo, da nobre tristeza de Vitoria Collona, da misantropia incurável de Machiavel, da nuvem de desgosto e desalento que envolveu a velhice de quase todos os grandes espíritos da Renascença. Tinha motivo de chorar o nosso Sá de Miranda, como tinham motivo de se entristecerem os seus ilustres congéneres. É que eles pressentiam todos, uma coisa sinistra: o abortamento da Renascença. Aquela imensa aurora sucedia, quase sem transição, o crepúsculo nocturno: e eles, os videntes, divisavam naqueles crepúsculo inquietador os movimentos de formas estranhas e sombrias, como de monstros desconhecidos, e ouviam passar vozes mais assustadoras ainda, vozes que cresciam formidáveis de todos os pontos do horizonte, sem se ver quem as soltava. (...) Tinha motivo sobejo de chorar, o pobre poeta!»

In Poesias de Sá de Miranda

SÁ DE MIRANDA

Antre Tremor e Desejo

Antre tremor e desejo,
Vã esperança e vã dor,
Antre amor e desamor,
Meu triste coração vejo.

Nestes extremos cativo
Ando sem fazer mudança,
E já vivi d’esperança
E agora vivo de choro vivo.
Contra mi mesmo pelejo,
Vem d’ua dor outra dor
E d’um desejo maior
Nasce outro mor desejo.

In Antologia Poética

AZEVEDO COUTINHO

«Lyceu Nacional Central, no campo de Sant`Anna – Está installado este lyceu no antigo Convento dos Congregados. Foi estabelecido seguidamente ao decreto de 20 de Setembro de 1844, que criou estes estabelecimentos de instrução. Pela última reforma de instrução secundaria, foi elevado a lyceu central, tendo os cursos correspondentes a esta categoria de lyceus.»

In Guia do Viajante em Braga, 1905

CAMILO CASTELO BRANCO

«Os jesuítas de Braga, no começo do século XVIII, monopolizando o ensino, fizeram intimar os Congregados e os mestres particulares para que fechassem as aulas. Os mestres e os estudantes, que excediam a dois mil, insurgiram-se em assuada contra a Companhia. Os padres que, na frase do Sr. Oliveira Martins, mantinham, reputação de santidade, fizeram agarrar santamente os principais estudantes cabeças do motim, e enviaram-nos aos cárceres de Lisboa. O povo de Braga quis levantar-se em peso contra os jesuítas ; mas, diz o Sr. Castiço, condimentando o caso, preferiu fazer preces na Sé à Senhora do Livramento. As quais preces deram de si, como era de esperar, o livramento dos rapazes, sob clausula de que pagariam aos jesuítas muitas tamanhas que deram dinheiro em barda para estragar as pedreiras donde saíram as estátuas que lá estão nos Escadórios dos cinco sentidos. Qual não seria a ternura daqueles dois mil estudantes pela Companhia de Jesus! Parece-me que os dois mil rapazes, os pais, e mais a plebe de Braga (!), assanhados contra os jesuítas, seriam tudo quanto há de pior no mapa-múndi, menos paraguaios.»

In Bohemia do Espirito

CAMILO CASTELO BRANCO

«No quadro do Outono, de Taraval, há um cordeirinho que ouço balar assustado do som das aguas; uma pastora, toucada de malmequeres, com uma arregaçada de apetitosos pomos; o vale, pejado de frutos, suavizando, como contraste, a agrura da montanha fragosa ; Pomona e Ceres, porfiando fecundidades; as rochas atapetadas de musgo; os passarinhos, mal emplumados ainda, trinando os primeiros cantos da sua liberdade, em quanto a mãe chilrêa sobre a moita, acareando-os com o cibo; a abrigada á sombra do freixo onde não cõa o raio do sol; o salgueiro debruçado para vêr a truta que faz piruetas no rio de fina prata , o sardão de cõr da esmeralda logrando-se da sombra entre çarças e codêços. Isto é bom : disto viveram Bernardes, Rodrigues Lobo, Fernão d' Alvares, e Sá de Miranda.

Todavia, a natureza mudou, penso eu.»

In Duas Horas de Leitura

CAMILO CASTELO BRANCO

«Daí em diante, não conheço em Portugal nada mais belo! Que luxo de arborização! Que verde tão graciosa o dos campos marginais! Que borbulhar de águas tão claras, e que balsâmica fresquidão a daquele ar! O sol lustrava os cabeços dos montes, coava-se nas copas da quebrada, mosqueava o chão, e prateava os bagos do orvalho! Belo, meu Deus! É belo o que fazeis, se o homem não ousa mutilar as vossas obras, a título de aperfeiçoá-las! (...) Olhei...vi quatro homens de capote a correr para a primeira missa: era em Braga efetivamente!»

In Duas horas de Leitura

MARIA ONDINA BRAGA

«(...) Rua de doidos a do liceu. De doidas. A carvoeira enfarruscada e maltrapilha que enxotava os estudantes à vassourada. A D. Corina, de chapéu e luvas. D. Corina cortava os fios à luz elétrica presos à parede onde Morava na Rua de Santa Margarida.

E despejava água suja sobre os passantes. Daí a polícia, de vez em quando, ir buscá-la para o calabouço, no meio de pragas e impropérios.

(...)O único liceu, então, e que lá continua, na Rua de São Vicente, quem vai para o cemitério. Sá de Miranda o seu nome. E a sala da minha turma, uma de janela equívoca, porque de esquina. Casa de esquina, reza o ditado assombração ou ruína...

(...)Todos os sábados, ao fim das aulas, conferências para os alunos no teatro do liceu. (...) Tema de conferência daquele sábado, a China. Contra o costume, nenhum dos professores ou alunos adiantados, mas um desconhecido.(...)»

In Vidas Vencidas

JOÃO PENHA

No coração alegria
Na conversa bom humor.
Pelo vinho simpatia
Por água profundo horror”

O ETERNO FEMININO

Ninguém vive sem amor,
Neste mundo sub-lunar.
Cada pomba tem seu par,
Cada zagala um pastor.

O doirado pica-flor
Ama a rosa-de-toucar;
Enfim, na terra e no mar,
É Ele o rei, o senhor.

Pois que amar é lei sem metas,
Amemos, cantando aos ventos
As nossas musas dilectas.

Até os próprios jumentos
Têm, como nós os poetas,
Burras dos seus pensamentos.

In Canto do Cisne

EIS-ME LIVRE, QUAL AVE NO ESPAÇO

Eis-me livre, qual ave nos espaços!
Quebrei os elos da fatal cadeia!
Da velha taça, de amarguras cheia,
Restam somente os húmidos pedaços.

Trazia a face triste, os olhos baços,
Do contínuo pensar na mesma idéa,
E a morte, que na orgia entre nós ceia,
Já me estendia os carcomidos braços.

Andava como a trémula andorinha
Em torno de maléfica serpente,
E nem vergonha das injúrias tinha!

Mas do resgate a aurora resplendente
Raiou enfim! Adeus, senhora minha:
Surge da lama o trovador plangente.

In Rimas

O Penha ao ver chegar
A água quase à testa
Não se conteve e disse
Mas que... é esta!

*Grupo dos Irreverentes
(ex-estudantes do Liceu Sá de Miranda)*

L. VAZ DE FREITAS

«Bibliotheca. A Bibliotheca Publica, estabelecida no convento dos Congregados, é composta de uns 12:000 volumes, e contém obras raríssimas.

Entre as livrarias particulares torna-se digna de menção a do sr. dr. Pereira Caldas. Esta livraria é selecta e uma das melhores do reino.»

In Braga em 1875

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

«Rafael Bordalo Pinheiro traça uma caricatura elogiosa representado o Dr. Pereira Caldas em 5 de Junho de 1884, em que o apelida de “cavalheiro amabilíssimo, professor muito distinto e senhor duma das mais notáveis livrarias.»

Lopes, Maria Virgílio Cambraia, Crónicas bracaraenses de Rafael Bordalo Pinheiro, Fundação Bracara Augusta, Braga, 2009

JOAQUIM PEREIRA CALDAS *

«É o distrito de Braga o mais meridional dos dois governos-cíveis «o de Braga e o de Viana do Castelo», em que se acha dividida – administrativamente – a actual província do Minho; (a qual tem 14 léguas de comprimento e 12 de largo no máximo) (...)

O clima do distrito em geral é agradável e salubérrimo. (...)

O carácter genérico dos habitantes do distrito é alegre, franco, industrioso e laborioso, e muito patriarcal ainda nas inocentes habitações do campo; com notável polidez e mansidão, (...)

Têm eles, por via de regra, um temperamento misto do nervoso e do chamado bilioso, com intermediações do sanguíneo (...); e com a fisionomia característica dos povos meridionais e uma estatura proporcionada. – Às vezes aparecem homens, que são verdadeiros e perfeitos atletas; e algumas moças do campo, com a mais linda carnadura e as formas mais esbeltas. (...)

A indústria é pouco desenvolvida em geral. – Há todavia no distrito muitas fábricas de curtumes, calçado, tecidos, chapelarias, ferragens, doce mimoso, papel, fição de algodão, olarias e outros variados objectos. (...)»

* Professor do Liceu Bracarense
in Apontamentos gerais sobre os mais notáveis objectos que podem atrair as atenções de SS. MM. FF, na sua viagem pelo distrito de Braga em 1852

CÂNDIDO EIRAS *

Despedida

Braga amada dos meus lindos sonhos!
Teus encantos em breve deixamos,
Adeus dias formosos, risonhos
Que em teu seio feliz nós passamos!

Adeus Braga, princesa de amor!
Nossos peitos ardentes, saudosos
Sentirão tristes arpas da dor
A chorar os lugares tão ditosos.

Já cessaram as tardes amadas
Que vivemos em paz festival
Entre coros de ninfas e fadas
Na cidade de afecto eternal.

Somos almas sinceras, amantes;
Mas ao irmos p`ra terra afastada,
Nós levamos saudades constantes
Dos enlevos da Braga adorada.

Albergai a lembrança, senhoras!
Deste adeus que é sincero, mas triste,
Que a nossa alma em visões sonhadoras
Em amarvos p`ra sempre persiste.

Ó Senhora do Monte Sameiro,
Bom Jesus, São João e Enfias!
Chorai vós ao adeus derradeiro,
Recordai nossas capas sombrias!

* aluno do curso de 7ª classe (O Lvsíada, Revista académica, órgão da Caixa Escolar do Liceu Central de Sá de Miranda, Número 21, Número especial do S. João, Braga, Junho de 1915)



Agostinho Domingues, professor

Maria Eugénia Fernandes *

Falar do Doutor Agostinho Domingues é falar de um professor que é uma referência da nossa escola, não só por ter sido um professor que deixou marcas pelo saber que transmitiu a várias gerações, mas, também, por ser um cidadão de reconhecido mérito na nossa cidade pelo seu papel ativo e interventivo. O seu querer, para além de muitas outras causas, esteve sempre muito ligado à educação, ao ensino, à carreira dos professores e, claro, aos direitos dos alunos, num Portugal democrático que ele fez questão de ajudar a construir.

Quando cheguei ao Sá de Miranda, olhava para os meus colegas, professores da casa, como mestres/autoridades. As reuniões de grupo disciplinar, 8º A e B, eram momentos de debates acesos sobre várias questões ligadas à orgânica de funcionamento da escola, às novas políticas de ensino, a questões de aprendizagem e a conteúdos do programa.

Os novos que chegavam, pouco se manifestavam, mas aprendiam muito!

O Doutor Agostinho era um desses professores de presença marcante nessas

* Professora e Coordenadora do Departamento de Línguas e Literatura

reuniões e, por isso, é gratificante lembrar o professor, o pedagogo, o colega que desempenhou vários cargos: Foi Vice-Reitor do Liceu Nacional de Barcelos, Vogal no pós 25 de abril da Comissão Diretiva, Vice-presidente do Conselho Diretivo da Escola Secundária Sá de Miranda, Inspetor Regional do Ministério da Educação e Cultura, Deputado na Assembleia Constituinte e na Assembleia da República, Vereador em regime de não permanência da Câmara de Amares, Professor destacado de Português no Magistério Primário e Professor convidado da Universidade do Minho da cadeira de Administração Escolar para alunos das licenciaturas em ensino.

Ao longo da carreira, lecionou Latim, Francês, Português/Literatura. Fez estágio na nossa escola e exerceu funções de delegado de Português na profissionalização em serviço.

Fez mestrado em Língua e Literatura Portuguesas na Universidade do Minho, com uma tese sobre João Garcia de Guilhade e doutorou-se em História Contemporânea na Universidade do Porto.

Nos últimos anos, antes da aposentação, lecionava no turno da noite e ia aparecendo durante o dia... conversava, algumas vezes sobre questões da atualidade e, principalmente, sobre o estado do ensino, especificamente do ensino do Português, que era uma das suas preocupações prementes.

É exemplo dessa inquietação um documento dirigido ao Sr. Secretário Geral, 29-06-1984, na qualidade de Coordenador do Grupo de trabalho sobre o Estatuto da Carreira Docente não superior (no qual faz algumas sugestões) começando assim “Excelência, a recuperação da qualidade do ensino e das condições da aprendizagem passa também pela dignificação da função docente (...)” - palavras sábias e cheias de atualidade que demonstravam o seu empenho na valorização da profissão.

Também...ia contando histórias dos seus tempos de Coimbra, onde se licenciou em Filologia Românica, dos momentos conturbados que se viveram nos primeiros tempos após 25 de abril, aqui...dentro da escola...as manifestações dos alunos, a contestação à escola num momento de reformas e mudança de paradigma e, também... alguns episódios mais engraçados que ocorreram.

Dizia muitas vezes quando nos encontrava - ouviu a notícia? Vou-lhe contar...sabe a novidade?

Sempre assuntos, questões ligadas ao ensino, à literatura, à cultura ou, até, à análise do contexto político. Sempre questões interessantes, com um sorriso e um humor que lhe eram peculiares.

O seu gosto pela literatura e pela língua materna sempre esteve presente na sua prática letiva e como cidadão/professor/deputado. É exemplo disso o que diz num

dos seus discursos, como deputado, de 17 de maio de 1984, no qual afirma “Língua é comunicação. Como instrumento privilegiado de comunicação pela palavra, a língua materna só realiza plenamente a sua missão em democracia. A democracia é assim a condição necessária para a realização da língua, porque permite a livre expressão verbal do pensamento. Por sua vez, quanto maior for a competência linguística do cidadão mais este contribuirá para o aprofundamento da democracia.” Aqui... casadas duas causas que sempre abraçou.

No que respeita à literatura, todos lhe conhecemos o gosto maior por Sá de Miranda, Gil Vicente, Fernando Pessoa, entre outros que podia enumerar, pois muito diversificado foi o seu caminho no qual todos nós nos encontramos com ele.

Ficou em nós, Escola Sá de Miranda e Departamento de Línguas e Literatura, o homem do saber, empenhado, curioso, atento, lutador, estudioso, íntegro, coerente com os seus valores, o colega e amigo.

Quando o meu corpo apodrecer e eu for morta
Continuará o jardim, o céu e o mar,
E como hoje igualmente hão de bailar
As quatro estações à minha porta.

Outros em abril passarão no pomar
Em que eu tantas vezes passei,
Haverá longos poentes sobre o mar,
Outros amarão as coisas que eu amei.

Será o mesmo brilho, a mesma festa,
Será o mesmo jardim à minha porta,
E os cabelos doirados da floresta,
Como se eu não estivesse morta.

Sophia de Mello Breyner Andresen, in 'Dia do Mar'



VARIAÇÕES, VIDA



George Braque, 1911, *Homenagem a J. S. Bach*



Variações de Goldberg

Alberto Pinho*



Johann Sabastian Bach

Considerado um dos mais importantes exemplos dessa forma musical, as Variações Goldberg (BWV 988) constituem um conjunto de variações para cravo compostas por Johann Sebastian Bach.

Originalmente intitulava-se de “Exercício de Teclado, que consiste em uma ária com diversas variações para cravo com dois teclados. Composta para os amadores [amantes da música], para o deleite dos seus espíritos, por Johann Sebastian Bach, compositor da Corte Real da Polónia, e da Corte Eleitoral da Saxónia, Mestre de Capela e Diretor Musical em Lípzia”.

O título pelas quais são hoje conhecidas deve-se a uma historieta contada por Johann Nikolaus Forkna, na sua primeira biografia de Bach e publicada em 1802. Na narrativa são envolvidos o cravista Johann Gottlieb Goldberg – aluno de Bach – e o seu patrono, o Conde Hermann Karl von Keyserlingk, representante da Rússia junto da corte saxónica em Dresden.

Segundo Forkel, “devemos agradecer à provocação do ex-embaixador russo

* Ex-professor da ESM

na corte eleitoral da Saxónia, o conde Hermann Karl von Keyserling, que frequentemente passava por Leipzig e que trouxe consigo o já mencionado Goldberg para receber orientações musicais de Bach. O conde tinha frequentes acometimentos de doenças e ficava noites sem dormir. Em tais ocasiões, Goldberg, que vivia em sua casa, tinha que passar a noite na antecâmara para tocar para ele durante sua insónia. ... Certa vez, o conde mencionou, na presença de Bach, que ele gostaria de ter algumas obras para teclado para Goldberg executar, que deveriam ser de carácter suave e algo vigoroso de modo que ele pudesse ser um pouco consolado por elas nas suas noites sem dormir. Bach imaginou que a melhor maneira de atender a esse desejo seria por meio de variações, cuja escrita ele considerava, até àquela data, uma tarefa ingrata devido ao fundamento harmónico repetidamente semelhante. Mas, uma vez que nessa época todos os seus trabalhos já eram padrões de arte, tais se tornaram, em suas mãos, estas variações. Mesmo assim, ele produziu um único trabalho desta espécie. Daí em diante, o conde sempre as chamava de “as suas” variações. Ele nunca se cansou delas e, por um longo período, noites sem dormir significavam: ‘Caro Goldberg toque para mim uma de minhas variações’. Provavelmente Bach nunca foi tão bem recompensado por seu trabalho quanto foi neste. O conde presenteou-o com um cálice de ouro com 100 luíses de ouro. Não obstante, mesmo que o presente tivesse sido mil vezes maior, o seu valor artístico nunca teria sido pago.”

Tendo a biografia sido escrita sessenta anos após os acontecimentos, poderá supor-se uma certa ficcionalização do relatado.

Johann Gottlieb Goldberg, jovem e talentoso cravista particular do conde Hermann Karl von Keyserl, teria sido o primeiro a executar a obra, sendo, no entanto, duvidoso que aquela tenha sido a ele dedicada. Primeiro, porque Goldberg tinha apenas catorze anos; segundo, porque, como era uso, não existe nenhuma dedicatória do autor endereçada ao rapaz. No entanto, a história homenageou-o associando-o à composição.

Ao contrário do que sucedeu com a maioria das obras de Bach, as Variações Goldberg foram publicadas ainda em vida do compositor, em 1741. Espalhadas em museus ou livrarias de livros raros, existem hoje 19 cópias da primeira edição, impressa pelo editor e amigo de Bach, Balthasar Schmid. A mais valiosa delas, que inclui correções feitas pelo compositor, encontra-se em Paris, na Biblioteca Nacional da França.

O manuscrito (ou autógrafo) não sobreviveu. Existe, no entanto uma cópia, também manuscrita da ária-tema, num caderno de música de Anna Magdale, segunda esposa de Bach.

Como muitas obras escritas por Bach, as Variações Goldberg foram raramente tocadas até o século XX. Foi o canadiano Glenn Gould (1932-1982) que tornou a obra mais conhecida, não através do cravo, mas interpretando-a ao piano.



Página título das Variações Goldberg (1ª edição)



Manuscrito da ária



Glenn Gould >

Aliás, hoje em dia a interpretação das Variações Goldberg ao piano, tal como a restante obra para tecla de Bach, é uma possibilidade sancionada por cerca de 200 anos de prática. Tal escolha estética é absolutamente legítima, mas requer a consciencialização de que se trata de uma ‘transcrição’ da obra original, uma vez que o novo instrumento exige uma adaptação a diferentes sonoridades, timbres e técnicas.

Fontes:

<http://www.casadamusica.com/pt/artistas-obras/obras/v/variacoes-goldberg-bwv-988-j-s-bach/#tab=0>

<http://miltonribeiro.sul21.com.br/2016/11/04/as-variacoes-goldberg-a-musica-para-dormir-de-johann-sebastian-bach/>

<https://www.gazetadopovo.com.br/blogs/falando-de-musica/bach-e-suas-variacoes-goldberg-o-triunfo-da-arquitetura/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Varia%C3%A7%C3%B5es_Goldberg

São tantas as variações
que existem neste mundo,
que se as fosse indicar
não cabiam neste estudo.

Vivem no ar, na água e na terra.
Voam, nadam e andam.
Nascem do ventre ou de ovos,
Uivam, sussurram e cantam.

Variações... *

São quatro as estações do ano
com o tempo sempre a rodar,
com cores sempre diferentes
e estão sempre a variar.

O Mundo é tão variado
E tão rico em seres vivos.
Que alguns são invisíveis
e outros parecem gigantes.

As pessoas são diferentes,
do cabelo não quero falar.
São altas, baixas, gordas e magras,
até o sol as faz mudar.

E os seres vivos no Mundo
são para se respeitar.
São tantos e tão diferentes,
que nem dá para comentar.

O Mundo tem tantas curiosidades,
que quando começo a pensar,
fico sempre emocionado
com tanta variedade
e tantas VARIAÇÕES...



* Alunos do 3º e 4º anos da Escola de Crespos



Variações... *

Depois de uma grande conversa em grupo sobre a palavra “Variações” os meninos disseram que o tempo varia: umas vezes está calor e outras vezes está frio. São as Variações Atmosféricas e de acordo com estas mudanças também há as variações de cor da natureza e dos jardins. As Estações do Ano variam de cor e as asas das borboletas também.

As flores da Primavera e Verão têm uma grande variedade de cores, embelezando os jardins e perfumando a terra que é o planeta em que nós vivemos. “As variações de cores tornam tudo mais colorido, bonito e alegre!” concluíram os meninos com os seus desenhos.



* Alunos do JI Coucinheiro

Variações sobre a Tabela Periódica

Maria João Carvalho *

O ano de 2019 foi designado pela UNESCO como o Ano Internacional da Tabela Periódica (IYPT – International Year of the Periodic Table), para assinalar os 150 anos da criação da tabela periódica de Mendeleev (1869). Simultaneamente, comemoram-se outros marcos históricos da Química: a descoberta do fósforo por Hennig Brand (1669), a classificação dos elementos de Lavoisier (1789) e a formulação da lei das tríadas de Döbereiner (1829).

A Tabela Periódica dos elementos é um ícone da Química que nos é familiar e que reconhecemos em qualquer laboratório, seja escolar ou de investigação: nela são sistematizadas propriedades físicas e químicas dos elementos.



∨ Fig. 1

A terra, a água, o fogo, o ar e o «éter» como aparecem representados em *Sobre a harmonia do mundo*, de Johannes Kepler (1619).



* Ex-aluna do Liceu Sá de Miranda e Colaboradora do Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto

O conceito de elemento aparece na Antiga Grécia; os filósofos gregos reconheciam apenas 4 elementos: terra, água, ar e fogo, elementos que seriam constituídos por partículas microscópicas com diferentes formas que explicavam as propriedades da matéria; Platão (séc. IV a.C.) associava a estas partículas a forma de pequenos poliedros (que hoje designamos de sólidos platónicos): cubo para a terra ¹, icosaedro para a água ², tetraedro para o fogo ³ e octaedro para o ar ⁴. Todos os corpos se podiam decompor nestes 4 elementos, mas estes não podiam ser divididos noutros. A descoberta posterior de um quinto poliedro, o dodecaedro, levantou a hipótese da existência de um quinto elemento, a «quinta-essência», também identificado como «éter» (fig. 1).

Esta ideia permaneceu durante séculos, apesar de irem surgindo novas descobertas feitas pelos alquimistas, considerados os precursores dos químicos modernos. Contudo, a ideia de que as propriedades macroscópicas das substâncias dependem da estrutura dos seus componentes microscópicos é um princípio ainda hoje aceite.

Cerca de vinte séculos mais tarde, a natureza dos elementos torna-se uma questão central no aparecimento de uma nova ciência, a Química.

Metais como o cobre, o chumbo, o ouro, a prata, o estanho e o ferro são conhecidos e utilizados já desde a Antiguidade. Contudo, a primeira descoberta científica de um elemento químico é atribuída

a Hennig Brand (1630-1710), alquimista germânico que, em 1669, descobre o elemento fósforo ⁵ (fig. 2). Alguns historiadores consideram que esta descoberta marca o fim da Alquimia e o início da Química. De facto, a Química só começou a sério quando virou as costas à Alquimia e a essa compreensão aparentemente mística da natureza dos elementos.

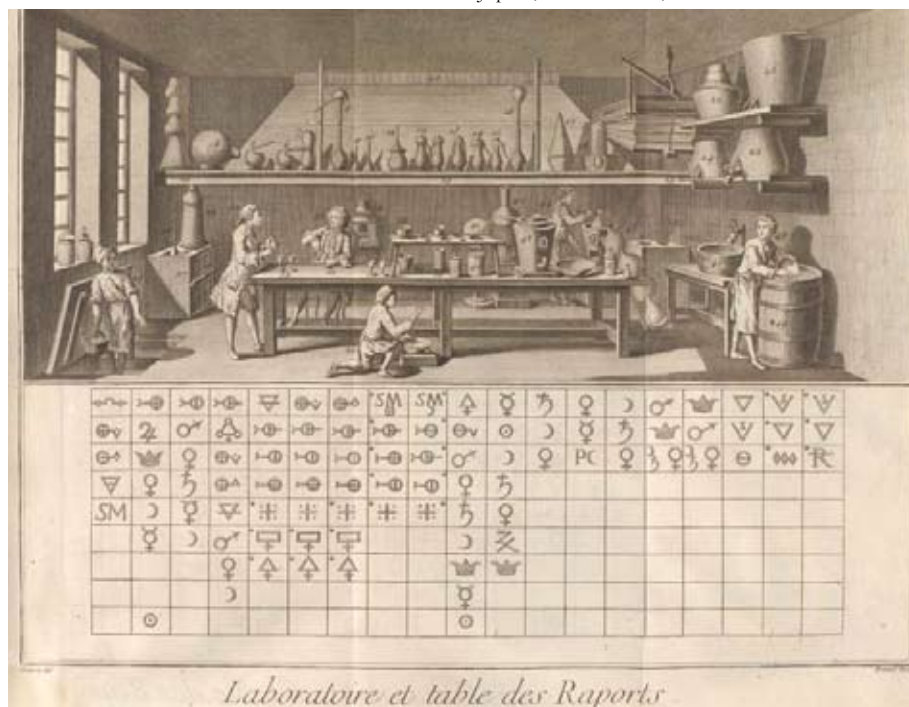


Abre-se então a porta à descoberta de novos elementos: durante o século XVIII são descobertos, entre outros, o oxigénio, o cloro, o tungsténio, etc.

Começam a surgir algumas tentativas de organização do conhecimento sobre os elementos: à medida que se reconhecem alguns padrões, surgem algumas tentativas de sistematização. Na *Encyclopédie* ⁶ de

Fig. 2
The Alchemist Discovering Phosphorus (1771), Joseph Wright: retrata a descoberta do fósforo por Hennig Brand.

Fig. 3
Representação de um laboratório, prancha publicada na *Encyclopédie; ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* (1751-1772), Denis Diderot e d'Alembert, Paris: Briasson. Os mesmos símbolos representam metais e corpos celestes a que estão associados: por exemplo, ouro e Sol, prata e Lua, ferro e Marte, mercúrio e Mercúrio, estanho e Júpiter, cobre e Vénus, chumbo e Saturno.



Diderot e d’Alembert, é publicada uma tabela em que são sistematizadas as substâncias (elementares ou compostas) então conhecidas usando ainda símbolos herdados da Alquimia (fig. 3).

Talvez a primeira tentativa de organização dos elementos tenha sido feita por Antoine Lavoisier (1743-1794) naquele que se considera ser o primeiro manual de Química moderna, o *Traité Élémentaire de Chimie*, publicado em 1789 (fig. 4). Nele, Lavoisier publica uma lista organizada de 33 substâncias simples ou “elementos” de acordo com um critério empírico: elemento será qualquer material que não possa ser decomposto por meios químicos em componentes mais simples. A maior parte destes “elementos” seriam hoje qualificados como “substâncias simples”, enquanto outros, como a *lumière* (luz) e o *calorique* (calor) têm uma natureza diversa.

No início do século XIX eram já conhecidos cerca de 50 elementos: iniciava-se a pesquisa de padrões nas propriedades desses elementos e começam a surgir esquemas de classificação. Baseando-se nas massas atômicas dos elementos então conhecidas, Johann Wolfgang Döbereiner (1780-1849) formula a “Lei das Tríades”: alguns elementos com propriedades químicas semelhantes, dispostos em ordem crescente das suas massas atômicas, formam grupos bem definidos de três, as “tríades”, nos quais a massa atômica do elemento médio é

Fig. 4a
Traité Élémentaire de Chimie, Antoine Lavoisier, Paris: Cuchet, 1789: frontispício e p. 192, com a tabela dos 33 elementos.
Fig. 4b
Localização destes elementos na Tabela Periódica.



geralmente a média aritmética das dos outros dois. Pela primeira vez encontrava-se uma relação entre as propriedades dos elementos e as suas massas atómicas. Em 1829, Döbereiner identifica quatro tríades; lítio, sódio e potássio; cálcio, estrôncio e bário; enxofre, selénio e telúrio; cloro, bromo e iodo.

Embora esta observação tenha tido na época pouco impacto no mundo da química, Döbereiner é hoje considerado como um dos pioneiros do desenvolvimento do sistema periódico; de facto, as tríades representam o primeiro passo para a construção do moderno sistema periódico.

Mas nem todos os elementos então conhecidos podiam ser arranjados em tríades. Nas décadas seguintes, ampliou-se esta ideia: o flúor foi acrescentado ao grupo do cloro; o grupo do enxofre alargou-se ao oxigénio; azoto, fósforo, arsénio, antimónio e bismuto foram agrupados noutra família. Ernst Lenssen (1837-?) publicou enquanto estudante,

Fig. 5
Tríades de Döbereiner na Tabela Periódica.

em 1857, um artigo em que organizava os 58 elementos então conhecidos em 20 tríades, e predisse a massa atómica de elementos que ainda não tinham sido isolados, baseando-se apenas nas relações entre massas atómicas de elementos da mesma família.

Em 1863, John Newlands (1837-1898), ao ordenar os elementos por ordem crescente de massas atómicas, verifica que as propriedades dos elementos se repetiam de tal modo que os 1º, 8º e 15º elementos apresentavam comportamento químico semelhante; o mesmo se verificava para os 2º, 9º e 16º, etc. Newlands designou esta classificação de “Lei das oitavas” (fig. 6). Contudo, esta lei apenas se verificava até ao elemento de nº de ordem 17. Ridicularizado na época por comparar esta regularidade a escalas musicais, acabou sendo reconhecido por ter percebido a relação entre propriedades dos elementos e massas atómicas e por utilizar o termo “periódico” para descrever propriedades elementares.

Fig. 6a

Tabela de Newlands ⁷ ilustrando a Lei das Oitavas, como foi apresentada à Chemical Society em 1866.

No.	No.	No.	No.	No.	No.	No.	No.
H 1	F 8	Cl 15	Co & Ni 22	Br 29	Pd 36	I 42	Pt & Ir 50
Li 2	Na 9	K 16	Cu 23	Rb 30	Ag 37	Cs 44	Os 51
G 3	Mg 10	Ca 17	Zn 24	Sr 31	Cd 38	Ba & V 45	Hg 52
Bo 4	Al 11	Cr 19	Y 25	Ce & La 33	U 40	Ta 46	Tl 53
C 5	Si 12	Ti 18	In 26	Zr 32	Sn 39	W 47	Pb 54
N 6	P 13	Mn 20	As 27	Di & Mo 34	Sb 41	Nb 48	Bi 55
O 7	S 14	Fe 21	Se 28	Ro & Ru 35	To 43	Au 49	Th 56

Fig. 6b

Elementos da Tabela Periódica que verificam a Lei das Oitavas

Entretanto, novos elementos foram sendo descobertos, as massas atômicas foram determinadas com maior precisão, o conhecimento das propriedades dos elementos foi alargado.

Dmitri Mendeleev (1834-1907) apresentou à Real Sociedade Russa de Química em 1869, como resultado do estudo sistemático que estava a realizar sobre a relação entre as massas atômicas dos elementos e as suas propriedades físicas e químicas, aquilo que hoje chamáramos uma tabela periódica dos elementos (fig. 7). Estava na época a escrever *Princípios de Química* no qual procurava sistematizar toda a química inorgânica.

Nesta tabela, Mendeleev ordena os 63 elementos então conhecidos por ordem crescente das suas massas atômicas. Contudo, troca a ordem de alguns elementos para que a sua posição fique de acordo com as suas propriedades. Além disso, deixa lugares vagos que admitiu corresponderem a elementos ainda não conhecidos. Pela posição destes lugares vagos, previu para os elementos que as viriam a ocupar as suas propriedades presumíveis bem como o seu comportamento químico e os compostos que viriam a formar. Assim previu a existência de seis elementos que foram descobertos pouco depois e que apresentavam as propriedades previstas por Mendeleev.

Quando, em 1871, publicou *Princípios de Química*, apresentou a tabela já num

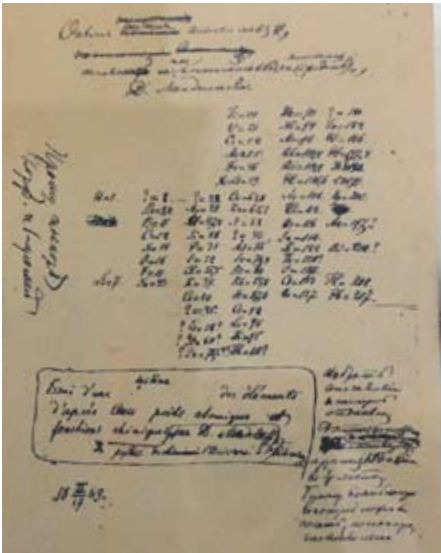


Fig. 7
Primeiro sistema periódico de Mendeleev: à esquerda, rascunho; em baixo, página 70 do artigo apresentado à Real Sociedade Russa de Química em 1869.

преимущественно найти общую систему элементовъ. Вотъ этотъ опытъ:					
			Ti=50	Zr=90	?=180.
			V=51	Nb=94	Ta=182.
			Cr=52	Mo=96	W=186.
			Mn=55	Rh=104,4	Pt=197,4
			Fe=56	Ru=104,4	Ir=198.
			Ni=Co=59	Pl=106,5	Os=199.
			Cu=63,4	Ag=108	Hg=200.
H=1			Zn=65,2	Cd=112	
	Be=9,4	Mg=24	?=68	Ur=116	Au=197?
	B=11	Al=27,4	?=70	Sn=118	
	C=12	Si=28	As=75	Sb=122	Bi=210
	N=14	P=31	Se=79,4	Te=128?	
	O=16	S=32	Br=80	I=127	
	F=19	Cl=35,5	Rb=85,4	Cs=133	Tl=204
Li=7	Na=23	K=39	Sr=87,6	Ba=137	Pb=207.
		Ca=40	Ce=92		
		?=45	La=94		
		?Er=56	Di=95		
		?Yt=60	Th=118?		
		?In=75,6			

а потому приходится въ разныхъ рядахъ имѣть различное измѣненіе разностей,

Em homenagem a Mendeleev, foi construída uma Tabela Periódica gigante (fig. 9) na parede exterior do Gabinete de Pesos e Medidas de S. Petersburgo, onde Mendeleev trabalhou.

A descoberta dos gases raros no final do século XIX constituiu um desafio para o sistema periódico, porque Mendeleev falhou completamente a sua predição; mais, ninguém sequer foi capaz de suspeitar da sua existência.

A Tabela Periódica atual (fig. 10) apresenta 118 elementos, ordenados por ordem crescente do seu número atômico, e organizados em 7 linhas, os períodos, e 18 colunas, os grupos: elementos do mesmo grupo apresentam propriedades semelhantes; as propriedades variam ao longo de um período. Destes elementos, apenas 83 são elementos primordiais (fig. 11), isto é, existem desde a formação da Terra (destes, apenas três são radioactivos). Os últimos 26 elementos não existem no seu estado natural na Terra e são obtidos artificialmente. Conhecendo a posição de um elemento na Tabela Periódica, é possível conhecer as suas propriedades físicas e químicas. A última atualização da Tabela Periódica data de 2018: as suas características são fixadas pela IUPAC (União Internacional de Química Pura e Aplicada), que representa a autoridade para a nomenclatura de Química. Comparando esta tabela com a publicada por Mendeleev em 1871, concluímos que tem sofrido diversas alterações na

Fig. 9
Tabela Periódica de Mendeleev em S. Petersburgo.



Fig. 10
Última edição da Tabela Periódica (1 de Dezembro de 2018), publicada pela IUPAC.

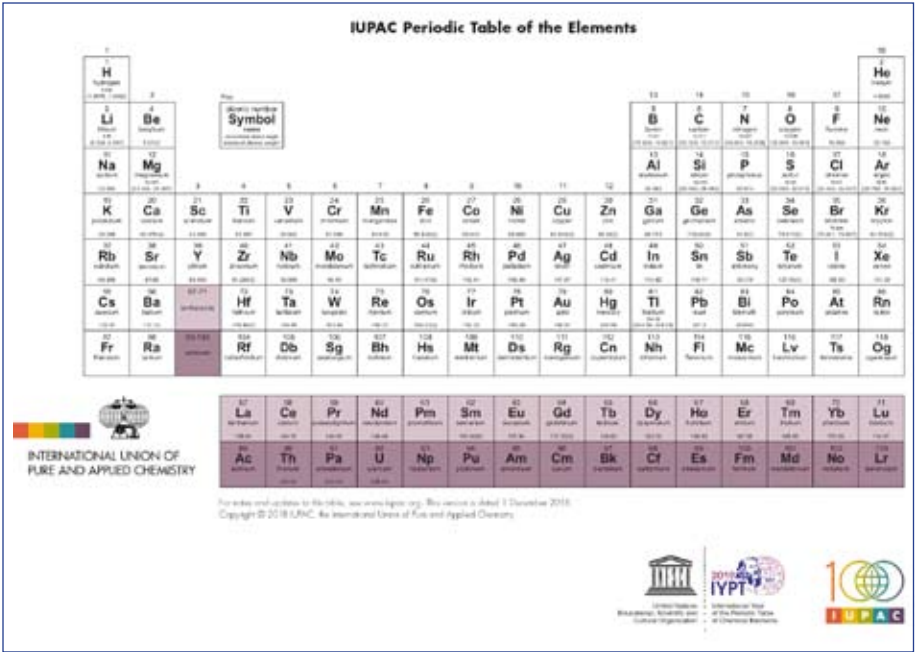


Fig. 11
Elementos primordiais.



sua forma ao longo destes 150 anos: não só inclui novos elementos à medida que foram sendo descobertos, como também se adicionaram colunas; a sua a forma foi sendo modificada à medida que se sabia mais sobre as propriedades dos elementos e as relações entre eles. E hoje ainda se debate a sua configuração.

Desde muito cedo se percebeu o alcance do trabalho de Mendeleev; nas escolas mais antigas é possível encontrar-se «velhas» Tabelas Periódicas murais. Em 2014, foi encontrada na Universidade de St. Andrews, na Escócia, uma Tabela Periódica que terá sido publicada cerca de 1880, pois inclui o gálio e o escândio (descobertos em 1875 e 1879), mas não o germânio (descoberto em 1886). Diversas formas têm sido propostas ao longo do tempo (fig. 13). E não faltam as “tabelas” 3D.

Na história da descoberta e estabelecimento da Tabela Periódica, parece não haver qualquer mulher cientista envolvida. Mas algumas surgem quando se trata de preencher lugares vazios e descoberta de elementos. Entre todas, destaca-se Marie Curie, com a descoberta do rádio e do polónio. Integrado nas comemorações do Ano Internacional da Tabela Periódica, realizou-se em Fevereiro passado, na Universidade de Múrcia, um simpósio com o tema *“Setting their Table: Women and the Periodic Table of Elements”*.

Embora a classificação dos elementos

Periodische Gesetzmässigkeit der Elemente nach Mendeleeff

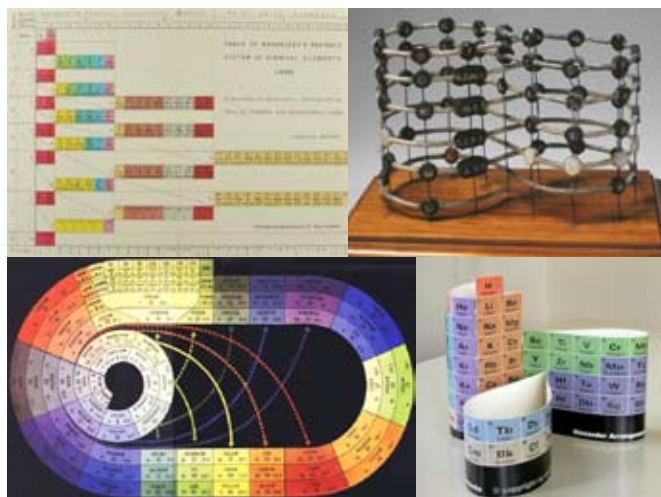
Reihen	Gruppe I R ² O	Gruppe II RO	Gruppe III R ² O ₃	Gruppe IV RH ⁴ RO ²	Gruppe V RH ³ R ² O ₅	Gruppe VI RH ² RO ₃	Gruppe VII RH R ² O ₇	Gruppe VIII RO ₄
1	H-1							
2	Li-7	Be-9.4	B-11	C-12	N-14	O-16	F-19	
3	Na-23	Mg-24	Al-27.3	Si-28	P-31	S-32	Cl-35.5	
4	K-39	Ca-40	Sc-44	Ti-48	V-51	Cr-52	Mn-55	Fe-56, Co-59, Ni-59, Cu-63
5	(Cu-63)	Zn-65	Ga-68	--72	As-75	Se-79	Br-80	
6	Rb-85	Sr-87	Yt-88	Zr-90	Nb-94	Mo-96	--100	Ru-104, Rh-104, Pd-106, Ag-108
7	(Ag-108)	Cd-112	In-113	Sn-118	Sb-122	Te-125	I-127	
8	Cs-133	Ba-137	Ce-137	La-139		Di-145?		
9	(-)							
10	--165	--169	Er-170	--173	Ta-182	W-184		Pt-195, Os-195, Ir-193, Au-196
11	(Au-196)	Hg-200	Tl-204	Pb-208	Bi-210			
12				Th-231		U-240		

Fig. 12

Tabela Periódica de St. Andrews.

Fig. 13

Alguns formatos da Tabela Periódica.



seja uma ferramenta indispensável para o estudo e o trabalho científico em Química, tem também servido de inspiração na literatura. Eis alguns exemplos (fig. 15):

Primo Levi, *O Sistema Periódico*, Editorial Teorema, maio de 2012 – Primo Levi, químico italiano, faz um relato da sua vida enquanto cientista ao longo de 21 capítulos, cada um com o nome de um elemento da tabela periódica.

Raquel Gonçalves, *Elementos Alquímicos*, Edições Colibri, 1995 – Romance em que as quatro personagens principais têm as características dos quatro elementos: Água, Ar, Fogo e Terra.

Philippe Lopes, *Poeme et Chanson Mnemotechnique du Tableau de Mendeleïv*,⁹. Trata-se de um poema de 7 estrofes, cada uma com 12 versos, em que a primeira ou primeiras letras de nomes comuns, adjectivos e tempos verbais permitem encontrar os símbolos químicos de 112 elementos; todas as outras palavras servem apenas para criar frases. E sempre rimando.

E na internet não é difícil adquirir diferentes jogos baseados na Tabela Periódica (fig. 16).

Também a música está aqui presente: Thomas Andrew Lehrer, um músico e matemático americano, canta “The Elements”, uma canção em que recita os nomes dos 102 elementos então conhecidos (1959). Pode ouvir-se em https://www.youtube.com/watch?v=eQOIPMxJM_k.



Fig 14
Simpósio Internacional na Universidade de Múrcia.

NOTAS

¹ O que explicava a dificuldade em movê-la.

² O que justificava a suavidade da água.

³ Estas partículas “aguçadas” explicam a sensação dolorosa provocada pelo fogo.

⁴ O quarto sólido platónico então conhecido.

⁵ Na tentativa de produzir ouro, Brand reuniu 50 galões de urina a que foi adicionando produtos químicos escolhidos arbitrariamente, submetendo depois a pasta resultante a um processo de destilação seguida de um arrefecimento dos vapores resultantes; o que obteve foi uma substância amarela que brilhava no escuro, mas não era ouro. Descobriu um novo elemento, o fósforo, nome que deriva do grego phosphorus que significa “portador de luz”.

⁶ *Encyclopédie; ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers (1751-1772)*, Denis Diderot, Paris: Briasson.

⁷ G glúcinium, posteriormente designado berílio; Bo para o boro; Di, didímio, que se verificou ser uma mistura de duas terras raras, praseodímio e neodímio.

⁸ De notar que, embora o livro seja escrito em russo, os símbolos químicos são escritos em caracteres latinos.

⁹ Aqui podem ler-se a primeira estrofe (em francês): https://www.atramenta.net/lire/poeme-et-chanson-mnemotechnique-du-tableau-de-mendeleiev/41424/1#oeuvre_page

Fig. 15
Algumas obras inspiradas na Tabela Periódica.



Fig. 16
Jogos baseados na Tabela Periódica.





Participação dos alunos da ESM (12º de Química, 2º ano do Curso Profissional de Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos e Educação Especial) na abertura do Ano Internacional da Tabela Periódica, na Universidade do Minho, Braga, no dia 29 de janeiro de 2019.





As “variações” do Lobo *

Sinopse

Na exploração da história “ O lobo que queria mudar de cor”, apresentamos a reconstrução de um novo texto das “variações” da cor do lobo e o desejo de querer ser diferente de si mesmo.

Na base da realização deste trabalho, esteve presente a valorização da auto estima, o conceito de identidade, diferença e diversidade através da auscultação das narrativas das crianças.

Estas, incentivadas à observação e contemplação das variações ou diferenças existentes na natureza e no meio circundante (as flores, os animais, as árvores, os seres humanos, o tempo...), concluem como a diversidade e as variações existentes embelezam o mundo em que vivemos!

O lobo era preto, mas não queria ser preto;
 Ficou verde mas não queria ser verde;
 Ficou vermelho mas não queria ser vermelho;
 Ficou cor de rosa mas não queria ser cor de rosa;
 Ficou azul mas não queria ser azul;
 Ficou laranja mas não queria ser laranja;
 Ficou castanho mas não queria ser castanho;
 Ficou de muitas cores e as lobas perseguiram-no.
 Então? Decidiu ser como era...
 Ficou preto. Assim é que ele era bonito!

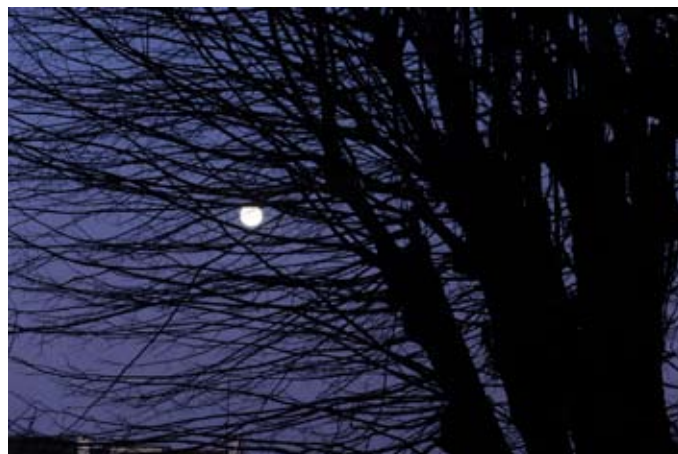
* JI da Presa-Adaúfe

Variações de luz

Rui Igreja *



* Professor da ESM





Percurso de vida

André Lopes*

Sou um ex-aluno da Escola Secundária Sá de Miranda, local onde frequentei o curso Científico-Humanístico de Ciências e Tecnologias. Entrei na escola em 2009, tendo findado o meu percurso em 2012. Da escola guardo as melhores recordações, tendo feito amizades que permanecem até aos dias de hoje quer com colegas, professores e funcionários. Participei em várias iniciativas da escola, destacando-se a participação nas Olimpíadas Regionais da Física com mais dois colegas, tendo em conta que foi a primeira participação da escola nestas Olimpíadas.

Passados os 3 anos da minha formação no “Sá de Miranda”, estava na altura de escolher um curso universitário de modo a ingressar no Ensino Superior. Posto isto, ingressei na Licenciatura em Fisioterapia na Escola Superior de Saúde de Leiria, tendo finalizado o curso em 2016 com média final de 17 valores e pronto para ingressar no mundo do trabalho.

Contudo, havia um amor que falava bem alto e que me acompanhava já dos tempos

do secundário: a música. Tudo começou numa brincadeira quando em 2011 comecei a aprender a tocar guitarra, e já se sabe o que costuma vir associado a uma guitarra: a voz.

Assim, da guitarra para o canto foi um saltinho e em 2012 comecei a ter aulas de canto. Na altura pensava que seria algo que ficaria inevitavelmente para segundo plano uma vez que eu iria iniciar um percurso numa área da saúde e seguiria por aí, mas desde o início do meu percurso por terras do Lis, que sentia que me faltava alguma coisa. E essa coisa era a música! Desta forma, no final do meu segundo ano da universidade, e apesar de ter na altura uma banda, comecei a ver o que teria de fazer para tentar ser músico profissional porque até então eu sabia zero de teoria musical. Foi então que comecei a ter aulas particulares de Formação Musical. Durante dois anos, todos os fins-de-semanas aprendia mais e mais, com o objetivo bem traçado de tentar ingressar no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga o mais cedo possível. No verão de 2016 fiz as provas para o referido Conservatório ao mesmo tempo que trabalhava no trabalho final de curso (Monografia), o que se refletiu numa correria entre Braga e Leiria. Apesar disto, consegui o meu objetivo que era a conclusão do curso e a entrada no Conservatório.

Desde então encontro-me a frequentar o

* Antigo aluno da ESM, fisioterapeuta e tenor

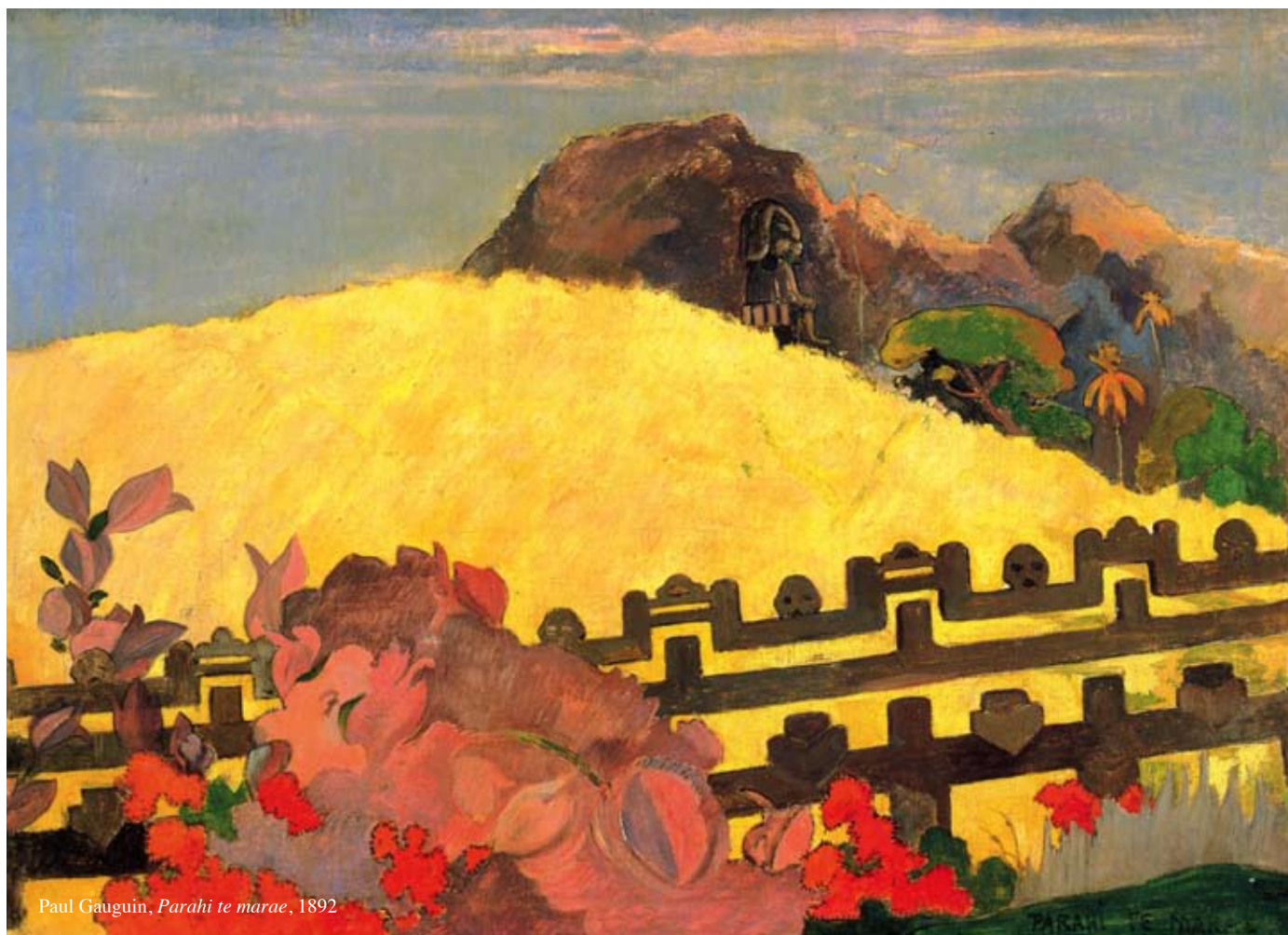
Curso de Canto, na classe da professora Inês Sofia, em regime Supletivo. Paralelamente tenho aulas no Minho International Vocal Studio com as professoras Elisabete Matos e Dora Rodrigues. Participei em vários concertos e nos musicais do Conservatório (2017,2018,2019). Em 2018 fui congratulado com o 2.º lugar na Categoria B do Concurso Nacional de Canto dos Conservatórios Oficiais de Música, tendo sido convidado pela Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco (ESART) para cantar o Tenor solo no Requiem de Mozart K. 626 Robert Levin Completion. Presentemente, encontro-me a trabalhar numa clínica de Fisioterapia (desde 2016) e estou a finalizar o 3.º e último ano no conservatório. Neste ano farei a candidatura a algumas Universidades para prosseguir os meus estudos musicais em Canto. Veremos o que o futuro reserva a este Fisioterapeuta Cantor que um dia teve o prazer de ser aluno da emblemática Escola Secundária Sá de Miranda.



Variações na Natureza *



* Turma do 1º e 2º ano da EB de Crespos



Paul Gauguin, *Parahi te marae*, 1892



Explorando Variações *

No decorrer do mês de janeiro e no âmbito da área do conhecimento do mundo, foram exploradas em ambas as salas de atividade, do JI de Dume, questões relacionadas com o inverno. Aproveitando as condições climáticas que se fizeram sentir foram exploradas diferentes subtemáticas, entre elas a existência de países muito frios onde apenas existe neve e gelo.

Esta realidade conjugou-se na perfeição com o tema deste ano letivo da revista Trajetórias. Na verdade, logo a seguir tivemos a visita de uma contadora de histórias a animar a História “Camilo um Camelo no Deserto” escrita por Júlio Borges e ilustrada por Susana Lima, que permitiu a ambos os grupos depararem-se com uma realidade oposta: a existência de países onde existem espaços geográficos tão quentes que quase não têm água, nem plantas. Atendendo ao protagonista da história, explorou-se de forma particular as aptidões do camelo para sobreviver a este clima.

Os presentes trabalhos ilustram as representações gráficas feitas pelas crianças que lhes permitiram conhecer características do mundo físico e natural, identificando semelhanças e diferenças em dois tipos distintos de deserto e inscrevem-se no tema Variações.



* JI de Dume

**European Youth Parliament
Braga Session
A life-changing experience**



A group of five 11th form students participated in the European Youth Parliament – Braga Session – 23rd to 25th November – and these are their personal testimonies about the experience.



João Gabriel Peixoto – 11º2

I'll speak a little bit about my experience at EYP.

Friday we got to Braga Shopping (Avenida Central) to check-in at the Residential and, right off the bat, as I was approaching the entrance, a very enthusiastic girl came, speaking in perfect English and I was like “What is...happening?...” Then, I found out that the project was totally English orientated: my English improved 10000%!

The project itself has a good energy around it. The idea behind it is very well thought because it is about very current and near future problems. The people that were organizing the event were just on point with their clarifications, with their magnificent energy and their mentality: definitely people you can learn a lot from and I did! But the MOST awesome part, miles ahead from the others, is getting to know new people from all over the places of Portugal and even some from far away countries of Europe. You get to know people that are brilliant, people that have an overwhelming better method of work and people that are very far ahead from their time! Once you interact with this kind of people, you can't come home the same: you just open yourself to the experience and take a lot from it and learn as many things as you can. I was sceptical about the whole thing at the beginning, but I did it. I learned from it and I will try to go to the next one, in the near future.

Catarina Pereira – 11º8

I'm supposed to talk about my experience as an EYP participant and, to be honest, I have no idea how to express myself. Well, I know it may sound cliché, but I can't find words to say how this “adventure” was important for me.

So, on Friday I was extremely nervous – I couldn't even talk! I felt lost, I didn't know where to go, what to do... because I was so shy. Fortunately, EYP has such an amazing team that noticed that I wasn't totally fine and no one hesitated to help me. After some hours, I was already feeling part of that huge family that EYP is.

EYP really changed me. I never thought I'd be able to get to know about so many different cultures and traditions in a way that is completely out of this world. I mean, we shared everything with each other and no one was ashamed of doing it. I learnt a lot about respecting different perspectives, different people, different ways to work...

When the last day came, when everything was over, there was a general sense of fulfilment. Definitely, it was a life- changing experience that I'll never forget. I'll be forever grateful for having had such an opportunity.

I can still feel the warmth that we all shared during those three days. I'm really thankful!

Bruna Ribeiro – 11º8

My experience at EYP was just... something else. It started very badly and I had lots of problems coping with anxiety. However, everyone was really nice to me and tried to make me feel better - and I ended up feeling like I was at home. Even though I had troubles in speaking with other people, the experience was completely worth it. The joy and comfort you feel there is out of this world. You feel so happy all the time, it's like we're all family. Definitely, one of the most memorable moments in my life. I'm so grateful!

Simão Mateus – 11º2

EYP was an amazing experience for me.

I was not expecting it to be such a pleasant experience, I thought that it would just be a different weekend but EYP really proved itself to be one of the best things that happened to me this year.

There, I got to try a lot of new working methods that will definitely help me in the future and it helped a lot to develop my English skills.

Apart from the work involved, it was also a really good experience to improve my social skills and meet new people, especially during the free-time and during the many breaks that we had during the day.

Summing up, I'm really happy that I've participated in this project and I'm looking forward to take part in similar projects in the future.

Samuel Marinho – 11º6

My experience at EYP

Personally, I really enjoyed myself a lot these three days: they were, undoubtedly, full of good mood and marked by a huge exchange of cultures and experiences.

On the first day, we did ice break activities to be more at ease with each other.

On the second day, we began to work in our Committee Project. I loved the way we worked as a team and learned more interactive and energetic ways of working in group.

The third day was the most exciting one: it was the General Assembly and I was surprised by the realism and the way it was all formal.

I would advise you to try it and have such a great experience!

Variações *

I

Varia o bonito e o feio
Varia a guerra e a paz
Varia o bem e o mal
Varia a rapariga e o rapaz.

II

Varia o alto e o baixo
Varia a tristeza e a alegria
Varia a luz e as trevas
Varia a noite e o dia.

III

Varia o rico e o pobre
Varia o trabalhador e o preguiçoso
Varia o covarde e o herói
Varia o rude e o atencioso.

IV

Varia a chuva e o sol
Varia a terra e o mar
Varia o verão e o inverno
Varia a sorte e o a azar.

V

Varia a saúde e a doença
Varia o frio e o calor
Varia o perdão e a vingança
Varia o ódio e o amor.

VI

Varia o generoso e o avarento
Varia arrogância e a delicadeza
Varia o justo e o injusto
Varia a felicidade e a tristeza.

VII

E assim a vida vai variando
Em constantes variações
Varia tudo no mundo
O amor nos corações.



* Alunos do 4º ano da Escola de Ortigueira

Variações *

Gosto de todo o tempo
Mesmo que tenha variações
É breve o momento
Para vermos trovões.

Eva

Um gosta de esverdeado
E outro de encarnado
Um é mais falador
Outro é mais calado.

Leonel

O tempo é belo
Nas quatro estações
Embora em todas
Haja muitas variações.

Beatriz

A Natureza é bela
Em todas as ocasiões
Mas torna-se mais bela
Com suas variações.

Cassandra

Variações de humor
São o que não falta cá na escola
Uns riem, outros choram
Mas a escola todos adoram!

Mariana

São sete cores divertidas
Que variam no seu tom
Mas bem alto no céu coloridas
Formam um arco-íris.

Leonor Soares

No jardim há muita variedade de flores:
jasmim, rosas, sardinheiras, alecrim...
E também há alfazema
Que dá um cheirinho sem fim!

Dinis

O mundo anda às voltas
Com o tempo sempre a mudar
Saio de casa bem fresquinha
E logo vem a chuvinha!

Mariana

Sorrir e chorar são variações.
Viver e morrer,
Gostar e odiar!
Ir e voltar
Rápido ou devagar.
Ligar e desligar.
E para acabar,
Com estes simples poemas
“O” vimos recordar!

Lourenço

Pensamos diferente *

Na nossa turma somos muitos.

Pensamos muito e temos muitas opiniões.

A nossa turma é inclusiva.

Às questões respondemos com muitas variações.

Na nossa turma somos todos diferentes, variamos:
no tamanho, na cor e corte do cabelo, no tom de pele,
na atitude, na forma de falar.

Mas, na nossa turma, somos todos crianças felizes.



Variações faciais *

O olhar das crianças sobre as variações faciais dos diferentes estados de espírito

- Por vezes eu choro
- Por vezes eu fico admirado
- Por vezes eu também choro, mas é porque estou mesmo feliz
- Por vezes eu zango-me
- Por vezes eu mostro que tenho uma dor
- Por vezes eu troco os olhos! É quando estou apaixonado!
- Por vezes assusto-me
- Por vezes sonho! E de olhos mesmo abertos!
- Por vezes eu só estou a ouvir
- Por vezes eu mostro que não gosto de brincar sozinho
- Por vezes estou desanimado



* JI de Sta. Lucrécia (Vasco, Afonso, Edgar, Maria Francisca, Benedita, Iara, Francisca, Simão, Salvador, Aquiles, Rodrigo e Lucas)



Variações do tempo *

Como estará o tempo amanhã?
E no dia a seguir?
Estará sempre calor?
Ou um frio de fugir?

Todos os dias é uma surpresa!
O tempo sofre variações
Tem tempo p'ra todos os gostos
E depende das estações.

De manhã pode estar frio
De tarde já está calor
À noite faz muito frio
Venha lá mais um cobertor.

Nessa mistura de tempéries
O tempo como vai estar?
Fará frio ou calor
É sempre bom variar!



Variações do crescimento vs. desenvolvimento

Carlos Roncon *

Tendencialmente, o poder económico justapõe os conceitos de crescimento e desenvolvimento. Amparada pelo poder político e pela comunicação social, essa identidade conceptual acaba por ser um preceito do senso comum. No entanto, apesar de interdependentes, os conceitos de crescimento económico e desenvolvimento económico são diversos.

CRESCIMENTO

O conceito de crescimento económico acomoda a variação sustentada da produção de um país ou de uma região, durante um período longo (normalmente de um ano). Geralmente, toma-se o Produto Interno Bruto (PIB), a preços constantes, como indicador daquele crescimento.

Ora, o PIB sintetiza uma apreciação iminentemente quantitativa, traduzida pelo somatório do valor que cada empresa acrescenta na transformação das matérias-primas e subsidiárias, utilizando o seu capital fixo (máquinas, edifício, etc.).

^

©Johnny Miller

Campo de Golfe Papwa Sewgolum (Durban, África do Sul)

* Ex-professor da ESM

Suponhamos, de uma forma descomplicada, uma empresa panificadora que vendeu a totalidade das 1000 unidades monetárias (u.m.) da sua produção, tendo empregado para essa produção, farinha (450u.m.), água (150u.m.), energia (250u.m.). Para tal ocorrência, o Valor Acrescentado Bruto (VAB) pela panificadora seria diferença entre a venda e o total das aquisições, ou seja, 150u.m.

COMPRAS	U.M.	VENDAS	U.M.
Farinha	450	Pão	1000
Água	150		
Energia	250		
VAB		150	
Total	1000	Total	1000

Partindo dos pressupostos anteriores, conclui-se que o PIB é o somatório dos VAB das empresas de uma sociedade. Se no território económico de um país existirem *n* empresas, o seu PIB deverá ser contabilizada segundo a seguinte expressão matemática:

$$\sum_n^i VAB$$

Esta riqueza, criada pela estrutura produtiva de um país, tem um destino concreto: através da denominada repartição primária, ela será distribuída no seio do elemento humano da produção, consoante a função desempenhada, sob forma de salários, lucros, juros e rendas. Grosso modo, é possível identificar o PIB de um país ao Rendimento Nacional (RN) dessa sociedade.

DESENVOLVIMENTO

Conquanto seja exprimido através de um conjunto de indicadores quantificáveis, a apreciação do desenvolvimento económico traduz-se na valorização do nível geral de vida da população analisada. Ele representa a variação na aplicação do RN, de modo a aumentar a qualidade de vida dos cidadãos em aspetos como a saúde, a educação, a alimentação, o ambiente e outros indicadores de bem-estar.

Para classificar os países segundo o grau de desenvolvimento, a Organização das Nações Unidas (ONU) usa os seguintes indicadores: índice de mortalidade infantil esperança de vida média, nível de industrialização, grau de dependência externa, potencial científico e tecnológico, grau de alfabetização, instrução e condições sanitária.

Também no seio daquela organização e, mais concretamente, no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), é utilizado Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Trata-se de uma medida, comparativa do grau de desenvolvimento humano de cada país, classificando-os como desenvolvidos (desenvolvimento humano muito alto), em desenvolvimento (desenvolvimento humano alto e médio) e subdesenvolvidos (desenvolvimento humano baixo).

Atualmente, o IDH é o critério mais usado para comparar o desenvolvimento de diferentes economias, variando entre

0 (o pior possível) e 1 (o melhor possível). Este índice resulta de uma média geométrica que combina três dimensões:

- a) uma vida longa e saudável (expectativa de vida ao nascer);
- b) o acesso ao conhecimento (anos médios de estudo e anos esperados de escolaridade);
- c) um padrão de vida decente (RN *per capita*).

Índice do Desenvolvimento Humano em 2015											
País	IDH	País	IDH	País	IDH	País	IDH				
IDH muito elevado		48	Montenegro	0,807	95	Colômbia	0,927	142	São Tomé e Príncipe	0,574	
1	Noruega	0,949	49	Rússia	0,804	96	Dominica	0,726	143	Camboja	0,563
2	Austrália	0,939	50	Roménia	0,802	97	Suriname	0,725	144	Nepal	0,558
3	Suíça	0,939	51	Kuwait	0,800	98	Tunísia	0,725	145	Myanmar	0,556
4	Alemanha	0,926	IDH elevado		99	República Dominicana		0,722	146	Quênia	0,555
5	Dinamarca	0,925	52	Bielorrússia	0,796	100	São Vicente e Granadinas	0,722	147	Paquistão	0,550
6	Singapura	0,925	53	Omã	0,796	101	Tonga	0,721	IDH baixo		
7	Holanda	0,924	54	Barbados	0,795	102	Libia	0,716	148	Suazilândia	0,541
8	Irlanda	0,923	55	Uruguai	0,795	103	Belize	0,706	149	Síria	0,536
9	Islândia	0,921	56	Bulgária	0,794	104	Samoa	0,704	150	Angola	0,533
10	Canadá	0,920	57	Cazaquistão	0,794	105	Maldivas	0,701	151	Tanzânia	0,531
11	Estados Unidos	0,920	58	Bahamas	0,792	106	Uzbequistão	0,701	152	Nigéria	0,527
12	Hong Kong, China	0,917	59	Malásia	0,789	IDH médio		153	Camarões	0,518	
13	Nova Zelândia	0,915	60	Palau	0,788	107	Moldávia	0,699	154	Papua-Nova Guiné	0,516
14	Suécia	0,913	61	Panamá	0,788	108	Botswana	0,698	155	Zimbábue	0,516
15	Liechtenstein	0,912	62	Antígua e Barbados	0,786	109	Gabão	0,697	156	Ilhas Salomão	0,515
16	Reino Unido	0,909	63	Seychelles	0,782	110	Paraguai	0,693	157	Mauritânia	0,513
17	Japão	0,903	64	Maurícia	0,781	111	Egipto	0,691	158	Madagáscar	0,512
18	Coreia do Sul	0,901	65	Trinidad e Tobago	0,780	112	Turquemenistão	0,691	159	Ruanda	0,498
19	Israel	0,899	66	Costa Rica	0,776	113	Indonésia	0,689	160	Comores	0,497
20	Luxemburgo	0,898	67	Sérvia	0,776	114	Palestina	0,684	161	Lesoto	0,497
21	França	0,897	68	Cuba	0,775	115	Vietname	0,683	162	Senegal	0,494
22	Bélgica	0,896	69	Irão	0,774	116	Filipinas	0,682	163	Haiti	0,493
23	Finlândia	0,895	70	Geórgia	0,769	117	El Salvador	0,680	164	Uganda	0,493
24	Áustria	0,893	71	Turquia	0,767	118	Bolívia	0,674	165	Sudão	0,490
25	Eslovénia	0,800	72	Venezuela	0,767	119	África do Sul	0,666	166	Togo	0,487
26	Itália	0,887	73	Sri Lanka	0,766	120	Quirquistão	0,664	167	Benim	0,485
27	Espanha	0,884	74	São Cristóvão e Nevis	0,765	121	Iraque	0,649	168	Iémen	0,482
28	República Checa	0,878	75	Albânia	0,764	122	Cabo Verde	0,648	169	Afeganistão	0,479
29	Grécia	0,866	76	Líbano	0,763	123	Marrocos	0,647	170	Malawi	0,476
30	Brunei	0,865	77	México	0,762	124	Nicarágua	0,645	171	Costa do Marfim	0,474
31	Estónia	0,865	78	Azerbaijão	0,759	125	Guatemala	0,640	172	Djibuti	0,473
32	Andorra	0,858	79	Brasil	0,754	126	Namíbia	0,640	173	Gâmbia	0,452
33	Chipre	0,856	80	Granada	0,754	127	Guiana	0,638	174	Etiópia	0,448
34	Malta	0,865	81	Bósnia e Herzegovina	0,751	128	Micronésia	0,638	175	Mali	0,442
35	Qatar	0,856	82	Rep. da Macedónia	0,750	129	Tajiquistão	0,627	176	Congo	0,435
36	Polónia	0,855	83	Argélia	0,748	130	Honduras	0,625	177	Libéria	0,427
37	Lituânia	0,848	84	Arménia	0,745	131	Índia	0,624	178	Guiné-Bissau	0,424
38	Chile	0,847	85	Ucrânia	0,743	132	Butão	0,607	179	Eritreia	0,420
39	Arábia Saudita	0,847	86	Jordânia	0,743	133	Timor-Leste	0,605	180	Serra Leoa	0,420
40	Eslováquia	0,845	87	Perú	0,741	134	Vanuatu	0,659	181	Moçambique	0,418
41	Portugal	0,843	88	Tailândia	0,740	135	Congo	0,592	182	Sudão do Sul	0,418
42	Emirados Árabes	0,840	89	Equador	0,740	136	Guiné Equatorial	0,592	183	Guiné	0,414
43	Hungria	0,836	90	China	0,739	137	Kiribati	0,588	184	Burundi	0,404
44	Letónia	0,830	91	Fiji	0,738	138	Laos	0,586	185	Burquina Faso	0,402
45	Argentina	0,827	92	Mongólia	0,736	139	Bangladesh	0,579	186	Chade	0,396
46	Croácia	0,827	93	Saint Lucia	0,735	140	Gana	0,579	187	Niger	0,353
47	Bahrain	0,824	94	Jamaica	0,730	141	Zâmbia	0,579	188	Rep. Centro-Africana	0,352

Fonte: Observatório das Desigualdades; Relatório do Desenvolvimento Humano 2016 (PNUD)

CRESCIMENTO VS. DESENVOLVIMENTO

Em síntese, poder-se-á afirmar que, embora não sendo sinónimos, o desenvolvimento económico resulta do concerto do crescimento económico com uma correta e equitativa repartição primária do RN. Deste modo, a razão basilar das diferentes intensidades de desenvolvimento é o maior (ou menor) amplitude do leque que separa os rendimentos das famílias.



Quando, politicamente, essa repartição não é tida como equitativa, outro importante fator que poderá afetar a distribuição do rendimento é a sua redistribuição. Realizada pelo denominado Estado Social, a redistribuição do rendimento persegue o objetivo de, através de impostos progressivos, programas de previdência social e outras resoluções, reduzir gradativamente a desigualdade verificada na repartição primária da riqueza.

Os defensores do Estado Social admitem que as estratégias conducentes à eliminação da disparidade, não só contribuem para o crescimento, como geram um impacto positivo sobre os estratos sociais mais desfavorecidos. Concorrem para o crescimento, na medida em que aqueles estratos sociais, face ao acréscimo do seu rendimento, buscará mais bens e serviços, impulsionando assim a produção nacional, ou seja, o PIB. Por outro lado, essa procura poderá se dirigir a um maior acesso à educação, aos cuidados de saúde, à satisfação de necessidades secundárias e, conseqüentemente, a uma melhoria do nível de vida.

Por outro lado, as estratégias acima referidas deverão observar um desenvolvimento sustentado, precavendo certos tipos de crescimentos predatórios, que podem conduzir à degradação ambiental e dos recursos naturais. Um desenvolvimento que procure satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades; que possibilite que as pessoas, agora e no futuro, atinjam um nível razoável da vida social e económica e da realização humana e cultural, fazendo, ao mesmo tempo, um uso concebível dos recursos da terra e preservando as espécies e os habitats naturais.

Do outro lado, os críticos do Estado Social estão convictos de que a desigualdade, em si, não é a questão.

O problema é a existência da miséria. Para aqueles economistas, as pessoas são diferentes quanto a capacidade de produção de riqueza, visando o melhoria das suas próprias vidas. A desigualdade económica é um facto natural do mercado e das diferenças entre as pessoas e o curso de suas vidas.

Esta concessão funda-se no axioma de que crescimento é a principal meta a ser almejada por um país, com o argumento de que uma concentração de riquezas na mão de uma minoria socialmente privilegiada iria permitir, a longo prazo, a divisão do “bolo”, em benefício de todos os cidadãos.

Referências:

- MOURA, F.P.; 1964, “Lições de Economia”; 1ª Ed.; Livraria Clássica Editora; Lisboa
- NEVES, J.L.C.; 1996; “Introdução à Economia”; 3ª Ed.; Editorial Verbo; Lisboa
- SAMUELSON, P.A. et NORDHAUS, W.D.; 1988; “Economia”; 12ª Ed., McGraw Hill de Portugal; Lisboa
- Eugénio Rosa; <http://www.eugeniorosa.com>; 14-03-18
- UNEMAT-Campus de Sinop; <http://sinop.unemat.br/site/>; 16-03-18

Variações matemáticas na poesia e na música

Fernanda Carvalho *



A imaginação é parente do infinito
Baudelaire

Quem não se lembra de na infância ter brincado com um livro às tirinhas? Um livrinho com 8 páginas, cada uma delas partidas em três tiras: nas de cima havia cabeças, nas do meio troncos e braços e nas de baixo pernas. Tinha-se a sensação de que se podiam formar infinitas personagens... mas não, só se podiam fazer $8^3=512$ figuras diferentes!

Quando, em 2002 visitei na Fundação Calouste Gulbenkian a Exposição Tarefas Infinitas e encontrei um livrinho de poemas às tiras chamado “Cent milliards de poèmes” de Raymond Quesneau.

* Ex-professora da ESM

Quem era este autor? Será que se inspirou nalgum livro da sua infância? Vim a descobrir que era de um poeta e matemático, membro do grupo Oulipo¹. No prólogo do seu livro afirma que esta obra permitia a qualquer pessoa compor um soneto, regular e compreensível. Isto porque o livro é composto por dez folhas, cada uma com um soneto. Cada folha, no entanto, está dividida em 14 tiras, cada uma das quais contém um verso. Neste caso é possível obter muitos poemas (10^{14} poemas diferentes). Será possível alguém construir todos os sonetos? Quanto tempo seria necessário se demorasse 1 minuto a compor um dos poemas?

Antes de Quesneau já Mozart tinha inventado um gerador de peças musicais capaz de, com o auxílio de dois dados, “criar” uma peça musical ao estilo de Mozart.

Mozart compôs 176 compassos diferentes e numerou-os de 1 a 176. De seguida construiu duas tabelas de dupla entrada: as colunas numeradas de I a VIII e as linhas de 2 a 12. De seguida distribuiu os números correspondentes aos 176 compassos pelos 176 lugares das tabelas.

O jogo consistia em lançar em simultâneo dois dados cúbicos. A soma dos resultados obtidos em cada um dos 16 lançamentos correspondia a um compasso. Por exemplo se os resultados dos 16 lançamentos fosse, por exemplo, 7, 5, 11, 2, 7, 8, 4, 5, 6, 3, 12, 6, 8, 9, 2, 7, os

1. Walzerteil

	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
2	96	22	141	41	105	122	11	30
3	32	6	128	63	146	46	134	81
4	69	95	158	13	153	55	110	24
5	40	17	113	85	161	2	159	100
6	148	74	163	45	80	97	36	107
7	104	157	27	167	154	68	118	91
8	152	60	171	53	99	133	21	127
9	119	84	114	50	140	86	169	94
10	98	142	42	156	75	129	62	123
11	3	87	165	61	135	47	147	33
12	54	130	10	103	28	37	106	5

compassos seriam: 104, 17, 165, 41, etc.

Quantas composições diferentes será possível fazer? Neste caso ainda serão mais composições que poemas de Quesneau. Serão 11^{16} !

A matemática será sempre uma fonte de inspiração!

2. Walzerteil

	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
2	70	121	26	9	112	49	109	14
3	117	39	126	56	174	18	116	83
4	66	139	15	132	73	58	145	79
5	90	176	7	34	67	160	52	170
6	25	143	64	125	76	136	1	93
7	138	71	150	29	101	162	23	151
8	16	155	57	175	43	168	89	172
9	120	88	48	166	51	115	72	111
10	65	77	19	82	137	38	149	8
11	102	4	31	164	144	59	173	78
12	35	20	108	92	12	124	44	131

¹ Oulipo - Ouvroir de Littérature Potentielle

Mudança e criatividade na educação

José Augusto Lopes Ribeiro *

1. Preocupações contemporâneas

O mundo em que vivemos torna-se cada vez menos sólido e assistimos, por todo o lado, à fragmentação e à descontinuidade. Os novos modos de vida questionam os nossos princípios e valores, tudo muda a uma velocidade vertiginosa nesta “modernidade líquida” (Bauman: 2001). Esta fluidez em que nos movemos é extremamente dinâmica e exigente, conduzindo à instabilidade das instituições e dos indivíduos. Instala-se a insegurança, a desorientação e o medo, toda a sociedade é abalada. A instabilidade da sociedade pós-moderna determina a crise na educação e questiona, de modo radical, o sistema de ensino. Temos, pois, de refletir sobre o futuro da educação e da escola, convocando novas perspectivas que se constituem progressivamente como críticas ao sistema e como concepções alternativas, visando um ensino centrado na complexidade, na interdisciplinaridade e no equilíbrio entre os diferentes saberes.

A dessincronização e a disfuncionalidade do sistema educativo incitam a escola a mudar e a tentar responder

* Professor da ESM

adequadamente às necessidades das novas gerações. Para Richard Sennett, a dinâmica da pós-modernidade coloca as pessoas em condições de forte instabilidade e fragmentação, o indivíduo é orientado para o curto prazo, convidado a abandonar a experiência do passado e a centrar-se na sua capacidade potencial (Sennett, 2007: 14-16).

A sociedade global necessita, portanto, de promover a criatividade. Temos de combater o conformismo, o estereotipado e a passividade, de maneira a dar lugar a pessoas capazes de pensarem por si próprias e empenhadas em procurar alternativas criativas para as suas vidas. Trata-se de educar o indivíduo para ser capaz de se remodelar a si mesmo, procurando novas relações com o meio em que se movimenta e habilitado para aprender a mudar, possibilitando a adaptação aos novos desafios.

O ponto de partida para contrariar a escassez de criatividade deve assentar no combate às resistências e aos bloqueios. Para Bohm, a sociedade baseia-se “no trabalho rotineiro, motivado por vários tipos de medo e pressões arbitrárias, assim como pela esperança de recompensas” (1989: 306), mas esta rigidez deve ser substituída pelo livre pensamento e pelo movimento livre do alerta e da atenção, de maneira a exercer uma criatividade sustentada, que rompa com o condicionamento que imobiliza as pessoas. A escola tem de abandonar a sua postura conservadora e demasiado

rígida, centrada em currículos, testes e padrões uniformes de maneira a despertar a sensibilidade da pessoa e a encorajar o espírito crítico. Necessitamos, pois, de uma nova conceção de aprendizagem e de educação, que promova a libertação do potencial criativo que existe em cada indivíduo.

2. O processo criador

Embora a criatividade não se deixe encerrar numa definição estanque, podemos, segundo Carl Rogers (1977: 301-302), identificar elementos fundamentais do processo criador. O autor considera, que em primeiro lugar deve existir um resultado observável, qualquer coisa que é produzida. Depois as novas construções devem ter a marca do indivíduo, ou seja, o seu modo original de alcançar novas combinações. Finalmente, o produto deve ser reconhecido por um determinado grupo e num determinado momento.

Todo o indivíduo tem necessidade de se exprimir e de se manifestar e, neste sentido, o meio deve estar aberto à tendência de cada um para se expandir. A educação precisa de estar atenta não só ao conhecimento, mas também aos valores pessoais, espirituais e emocionais de modo a reconhecer o valor da pessoa e a possibilitar a sua realização. O desenvolvimento da criatividade necessita de um clima de compreensão e de liberdade psicológica, de modo a

possibilitar ao indivíduo segurança para se manifestar, sem medo de cometer erros e num ambiente de tolerância e abertura.

Despertar a criatividade significa apostar no valor da comunicação entre as pessoas e no papel do diálogo como disponibilidade para reconhecer os diferentes pontos de vista. Para Bohm, “a importância do diálogo é agora evidente. Ele implica uma mudança muito profunda no laborar da mente. O essencial é que cada participante suspenda o seu ponto de vista e, enquanto suspende também os outros pontos de vista, dê profunda atenção ao que estes significam” (1989: 319).

Deste modo, o diálogo constitui-se como um mecanismo de detecção, que nos permite eliminar o erro e explorar a realidade. Na medida em que o potencial criativo é natural em todas as pessoas, o importante é conseguir dissolver os condicionamentos e os bloqueios que impedem o acesso a “percepções frescas” e a uma nova ordem de criatividade. O mundo em mudança acelerada necessita de uma reforma do pensamento, de maneira a possibilitar aos cidadãos uma resposta adequada aos desafios cada vez mais exigentes. Segundo Bradandere, “podemos portanto deduzir que os próprios fundamentos da nossa vida em sociedade se modificaram. A informação tornou-se o recurso por excelência e, em consequência, somos obrigados a repensar o conjunto das estruturas, na medida em que os conceitos sobre os quais elas

assentam deixaram de ser o que eram” (2000: 26).

Compreender a mudança que ocorre na sociedade do conhecimento, requer uma mente preparada para enfrentar as necessidades futuras: “o mundo muda, a velocidade da mudança aumenta, e qualquer organização deve adaptar-se, posicionar-se em relação a estas forças crescentes” (2000: 134). Neste sentido, a escola e o ensino precisam de se ajustar rapidamente à evolução da sociedade, ao aumento do conhecimento e às novas tecnologias, temos de responder a uma complexidade que não pára de crescer. Como não podemos ensinar tudo, “a escola deve, com efeito, transmitir menos saber mas torná-lo mais acessível” (2000: 41). Já que não podemos prever o futuro temos de o preparar, ou seja, é necessária uma cabeça bem-feita (Morin, 2002), em vez de uma mera acumulação de conhecimentos. Na sociedade do conhecimento, a produção de informação é colossal e a grande tarefa a realizar é conseguir gerir as ideias.

3. Mudar a percepção, mudar a realidade

Temos, pois, de combater o pensamento único e aprofundar o pensamento plural, bem como saber alternar constantemente entre a convergência e a divergência. Segundo Bradandere, o nosso cérebro funciona a dois tempos: o primeiro tempo é aquele em que “o cérebro escolhe, compara, separa, planifica”

(2000: 57), enquanto no segundo tempo o cérebro imagina, sonha, sugere, abre horizontes, antecipa”, este é o momento da exploração e é aquele que possibilita a verdadeira mudança. Trata-se agora de ultrapassar “o mais do mesmo” e realizar um salto de nível, temos de passar da quantidade para a qualidade. Precisamos de encontrar um espaço para a reflexão, para o debate de ideias, para a criatividade. A mudança de perspetiva obriga-nos a observar de outra forma, a valorizar o questionamento e a crítica, bem como o diálogo incessante. Só deste modo, serão ultrapassadas as resistências e alcançada uma nova percepção da educação e do ensino. Esta revolução constrói-se com pequenos passos, de forma sistemática de modo a provocar o surgimento de qualidades emergentes. Por outro lado, também o espaço público necessita de ser recuperado, no sentido de construir um clima de criatividade e de mudança.

Abraham Maslow defendia, na perspetiva da filosofia humanista, que a finalidade da educação é a autorrealização, através da qual a pessoa procura o pleno desenvolvimento. Criticando o estado da educação, Maslow defendia a importância da experiência da autodescoberta. Assim, atacou o positivismo e o objetivismo, enquanto teorias sobre a natureza humana, afirmando que a ciência surgiu como estudo do não humano, renunciando aos valores de modo a ser puramente descritiva: “o grande erro que agora estamos a descobrir é que este

modelo, obtido a partir do estudo de objectos e coisas, se aplicou de forma ilegítima ao estudo dos seres humanos” (Maslow, 1999: 208). O pensador explica que o erro está na crença de que a informação mudará o mundo, mas a nova educação precisa de ter em conta que o ser humano tem necessidades superiores e que os princípios orientadores devem ser determinados por valores. O modelo educativo que apenas contempla os conteúdos é, segundo o autor, reducionista já que esquece a filosofia dos fins, ou seja, a preocupação com a eficácia acaba por sacrificar a orientação humanista, cuja preocupação deve ser o desenvolvimento de seres humanos autorrealizados.

As nossas escolas necessitam, pois, de voltar a ensinar valores como a verdade, a beleza, a justiça ou o respeito, entre outros, de modo a combater a dessacralização da vida, a apatia e o cinismo que corroem a sociedade contemporânea. Os ritmos do espaço e do tempo devem adquirir uma nova estruturação em função do coletivo e devem ser instituídos rituais que possibilitem consolidar a atenção e o interesse dos alunos no sentido de os comprometer com as aprendizagens. Neste contexto, a educação e a escola devem trabalhar para promover a desaceleração, ou seja, têm necessidade de cultivar a ressacralização, já que esta, através da distinção entre o que é significativo e digno de respeito e aquilo



Marcel Duchamp, *L.H.O.O.Q.*, 1919

que é banal e sem significado, consegue tornar a vida mais arreigada, conferir significado simbólico aos gestos e comportamentos, bem como articular o sentido, de modo a construir significados e elementos que unam os indivíduos.

Referências Bibliográficas

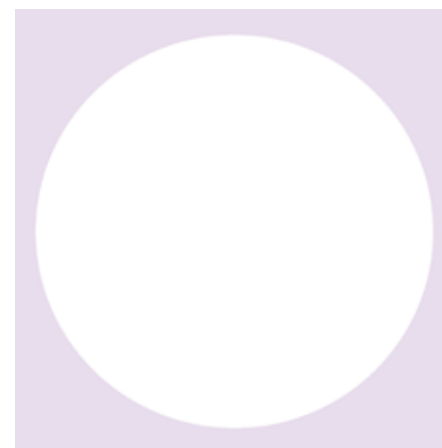
- BAUMAN, Zygmunt (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BOHM, David; PEAT, David (1989). *Ciência, Ordem e Criatividade*. Lisboa: Gradiva.
- BRABANDERE, Luc de (2000). *A Gestão das Ideias. Da Criatividade à Inovação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- MASLOW, Abraham H. (1999). *La Personalidad Creadora*. 6ª ed.. Barcelona: Kairós.
- MORIN, Edgar (2002). *Repensar a Reforma. Reformar o Pensamento*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ROGERS, Carl R. (1977). *Tornar-se Pessoa*. 4ª ed. Lisboa: Moraes editores.
- SENNETT, Richard (2007). *A Cultura do Novo Capitalismo*. Lisboa: Relógio D'Água.

O todo

Sérgio Machado *

O todo. Esta é uma palavra paradoxal no sentido em que, por si só, suscita uma representação visual muito distinta daquilo que é suposto ser o seu significado, tão indefinida quanto uma matéria amorfa e homogênea. Com algum simbolismo podemos representar o todo com um círculo que contém em si todo o espectro da luz visível, mas chega a ser um símbolo tão redutor e ambíguo que poderia também servir para representar uma ideia diametralmente oposta, o nada, sendo o agora branco não uma síntese de toda a luz, mas sim a ausência total de pigmento numa folha de papel.

Se definirmos a que universo nos referimos quando falamos no todo, sempre temos uma imagem mental mais nítida, embora quase sem espaço nem tempo, confundível com o que seria uma soma de partes – a imagem da máquina e das suas peças, mas sem função nem movimento. Há quem diga que o todo e a soma das partes são duas coisas distintas, mas falta explorar como.



* Ex-aluno da ESM. Estudante de medicina.

Quem fala de perceber poderia falar de percepção, e é neste campo que podemos encontrar a Gestalt, uma teoria segundo a qual o todo possui propriedades que não as mesmas que as das partes: se temos um objeto A e um objeto B, o todo é C, e não A+B.

Para contextualizar: esta teoria da área da psicologia, fundada no século XX com contribuição de Fritz Perls e de Max Wertheimer (entre outros), refere-se apenas à percepção através dos sentidos, e procura identificar e designar princípios base por detrás da forma como vemos o mundo, tendo em conta que a forma como o vemos não é idêntica à forma como ele existe. Princípios estes que nos permitem, por exemplo, perceber uma sequência de notas musicais sucessivas como uma melodia, ou nove quadrados distintos como constituindo um único de maior tamanho. Permitem isto de acordo com não só as propriedades das partes que compõem, mas também de através da forma como as partes – sons ou formas visuais, neste caso – se organizam e relacionam entre si; organização essa que contribui assim para o todo, mas não consta na dita soma das partes.

Serve este caso de exemplo para como, no contexto da percepção, a soma das partes e o todo são diferentes – sendo que à primeira escapa algo, e à última podemos acrescentar novos significados perante a presença desse algo. Porém, não é o único exemplo.



Basta pensar em como uma máquina funciona não só por ter todas as suas peças, mas pela relação que estas estabelecem entre si. Podemos ainda pensar no caso da interação humana, em que somos constantemente enriquecidos no nosso pensamento e no nosso conhecimento pela troca de ideias de um modo que nunca seria possível se cada um vivesse isolado toda a sua vida, naquilo que seria uma soma de partes separadas. É interessante notar que este enriquecimento surge não só porque existimos (como partes), nem só porque interagimos

(formando um todo), mas também porque temos traços e experiências distintas, que têm até a capacidade de tornar a nossa percepção, ou pelo menos interpretação da realidade, ligeiramente diferente; ainda que o mecanismo da percepção em cada um de nós assente nas mesmas regras base. Princípios que permitem fazer sentido dos componentes da realidade apenas porque estes variam em propriedades e organização entre si.



Percebe-se então porque é que há quem considere que o todo pode ser “maior” do que o conjunto das partes. Eu acrescentaria que aquilo que distingue o todo do nada é não corresponder à imagem de massa homogênea e amorfa que uma primeira visualização descontextualizada da palavra pode suscitar.



Um pedido especial

Ex. ma. Senhora Vice-Presidente do Conselho Executivo da Escola
Secundária de Sá de Miranda

Os alunos da turma 8 do 10º ano desta escola vêm, por este meio, solicitar um pequeno ajustamento na constituição da turma que, como é do vosso conhecimento, é formada por elementos masculinos, tendo apenas um do sexo feminino.

Uma vez que o nosso dia-a-dia escolar é monótono e aborrecido por não termos beleza suficientemente deslumbrante para contemplar, considerando que a única rapariga existente se sente demasiado só e dada a importância dos elementos femininos na qualidade do nosso aproveitamento colectivo, pedimos que tome providências para a resolução do assunto com a maior brevidade possível pois receamos vir a ficar ainda mais empobrecidos com a hipotética desistência ou transferência da nossa Irina.

Pede deferimento.

Braga, 25 de Setembro de 2006

A Turma 8:

PEDRO FERNANDES

Carlos Pereira
Yasmine Pereira
Nuno Valença
João Loureiro
Nuno Oliveira
João Machado
Nuno Raciol

Sete Fontes

Uma experiência
de partilha *



Há já algum tempo que as políticas educativas têm visado a igualdade de acesso à educação, no entanto a igualdade de oportunidades sempre foi uma realidade difícil de alcançar. Acrescem os desafios da sociedade atual, reflexo de uma globalização e desenvolvimento tecnológico acelerado, para os quais a escola deverá preparar os seus alunos. Decorrente desta problemática, surge o

Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, onde aparecem elencadas uma série de competências que permitirão questionar os saberes estabelecidos, integrar os saberes emergentes, comunicar eficientemente e resolver problemas complexos.

É neste contexto que entra em vigor o Decreto-Lei nº 55/2018, de 6 de julho, com novos desafios para as escolas e

* A equipa educativa da Turma 7º1

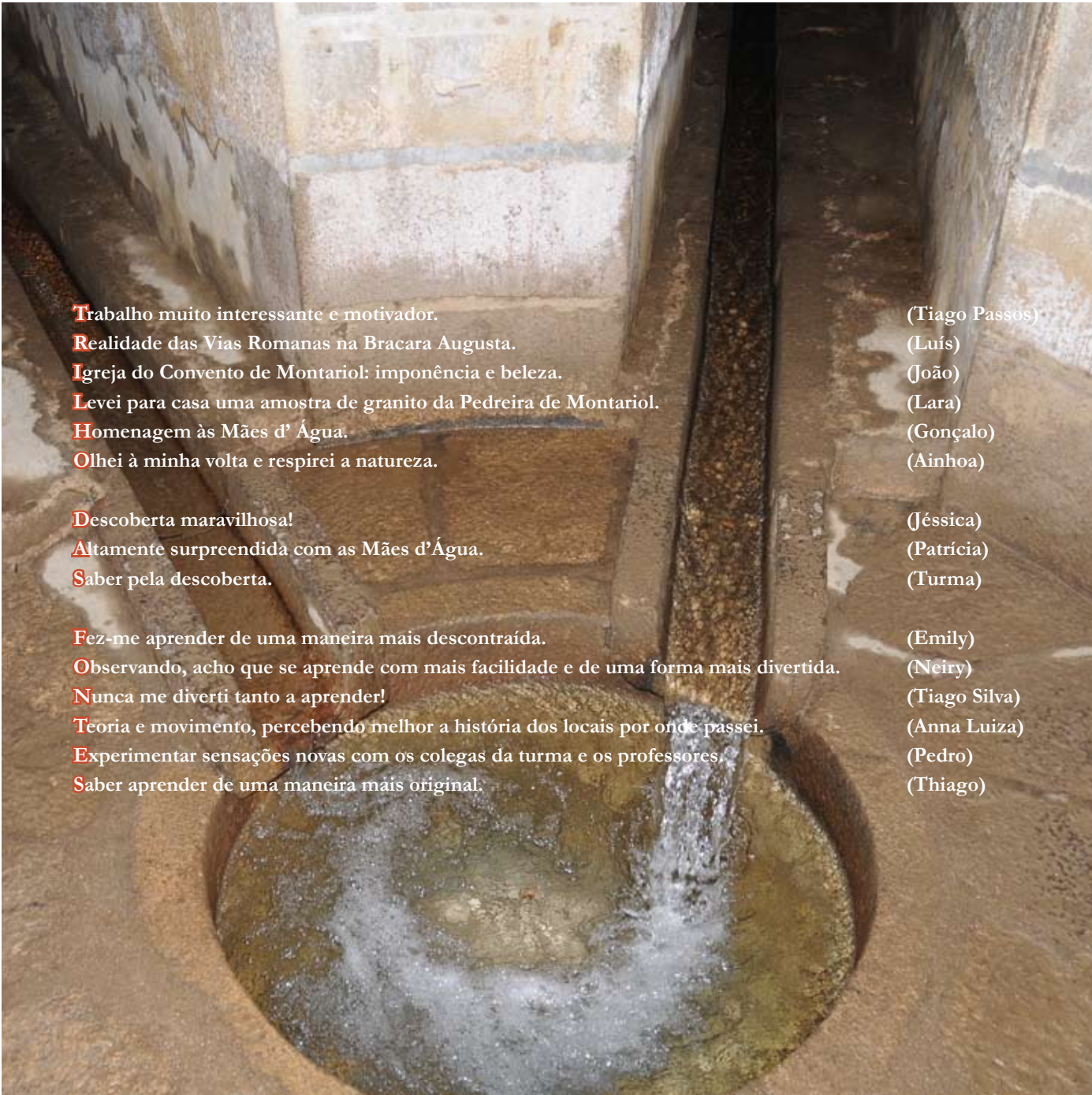
para os professores, conferindo-lhes autonomia para: flexibilizar na gestão dos currículos; implementar a componente de Cidadania e Desenvolvimento; fomentar nos alunos o desenvolvimento de competências de pesquisa, avaliação, reflexão, mobilização crítica e autónoma de informação; apostar na dinamização de trabalho de projeto e no desenvolvimento de experiências que valorizem o papel dos alunos enquanto autores; diversificar os instrumentos de avaliação, diagnosticando e/ou colmatando dificuldades nas aprendizagens, e adotar diferentes formas de organização do trabalho escolar, nomeadamente, através de equipas educativas.

A constituição da equipa educativa da turma 7º01, formada por todos os docentes do Conselho de Turma, com reuniões quinzenais, veio potenciar a articulação curricular e rentabilizar o trabalho docente, permitindo o desenvolvimento de projetos que aglutinam aprendizagens das diferentes disciplinas.

A título de exemplo, destaca-se o “Trilho das Fontes”, que consistiu num percurso pedestre pelas Sete Fontes, Pedreira e Convento de Montariol, realizado na manhã do dia 4 de dezembro, com o objetivo de articular os conteúdos teóricos de diversas disciplinas com a realidade exterior à sala de aula. Tratou-se de uma iniciativa de cariz multidisciplinar, envolvendo aulas deslocadas a várias disciplinas, na qual os alunos tiveram a

oportunidade de desenvolver a capacidade de observação e de reflexão, a curiosidade e o espírito crítico; avaliar o legado cultural romano; desenvolver técnicas de georreferenciação; relacionar a paisagem com os processos de formação e alteração das rochas; valorizar os estilos de vida saudável, e desenvolver a consciência ecológica. Posteriormente, em contexto de sala de aula, em diversas disciplinas, diferentes tarefas foram realizadas, conduzindo ao desenvolvimento de competências de escrita, na língua materna e nas línguas estrangeiras, e digitais.

Com esta atividade pretendeu-se, intencionalmente, proporcionar aos alunos um contexto privilegiado para a aquisição de competências indispensáveis ao exercício de uma cidadania plena, ativa e criativa na sociedade da informação e do conhecimento em que estamos inseridos. E viver em sociedade é saber respeitar as várias opiniões, as várias perspetivas, as várias sensibilidades... variações!



Trabalho muito interessante e motivador.

Realidade das Vias Romanas na Bracara Augusta.

Igreja do Convento de Montariol: imponência e beleza.

Levei para casa uma amostra de granito da Pedreira de Montariol.

Homenagem às Mães d'Água.

Olhei à minha volta e respirei a natureza.

Descoberta maravilhosa!

Altamente surpreendida com as Mães d'Água.

Saber pela descoberta.

Fez-me aprender de uma maneira mais descontraída.

Observando, acho que se aprende com mais facilidade e de uma forma mais divertida.

Nunca me diverti tanto a aprender!

Teoría e movimento, percebendo melhor a história dos locais por onde passei.

Experimentar sensações novas com os colegas da turma e os professores.

Saber aprender de uma maneira mais original.

(Tiago Passos)

(Luís)

(João)

(Lara)

(Gonçalo)

(Ainhoa)

(Jéssica)

(Patrícia)

(Turma)

(Emily)

(Neiry)

(Tiago Silva)

(Anna Luíza)

(Pedro)

(Thiago)

